NANCY
Cinearte

FUTURAS ESTRÉAS

What Men Want (Universal) — Warner Fabian escreveu *Flaming Yout* e outras historias de ardente mocidade. Depois, escreveu a historia deste film. Assistindo-o, fica-se, ao fim do mesmo, indeciso. Foi Warner Fabian que enlouqueceu ou a fabrica que não soube interpretar as suas palavras?... Um bom elenco move-se sem saber como e nem porque, entre montagens modernas e riquissimas e mostram pernas e dão beijos... Pauline Starke e Ben Lyon são os principaes. Robert Ellis tambem apparece.

Inside The Lines (R. K. O.) — Trovões, sangue, gritos, assobios de balas, etc. Guerra, na sua fórma mais antiquada e ridicula... Betty Compson e Ralph Forbes perdem os seus preciosos tempos. Ha muita cousa ridicula e muita situação impossivel.

The Way of All Men (First National) — Um grupo de pessoas que, perdidas no meio da innundacão do Mississipi, resolve tornar-se amigo. Assim que chegam os recursos e são salvos, voltam os odios antigos. Thema original. Mas realização detestavel. Douglas Fairbanks Jr. é o principal. Elle trabalha quasi que em todos os films de todas as fabricas, ultimamente...

Conspiracy (R. K. O.) — Thema por demais conhecido e film, em si, extremamente commum. Bessie Love e Ned Sparks fazem o possivel para elevar o valor do mesmo.

Oh Sailor, Behave! (Warner Bros.) — Com mais um film assim, os compositores e os musicos e os artistas de Broadway voltarão para lá, fatalmente! Cousas velhas. Musicas sem sabôr. Artistas representando na fórma peor do mundo! Charles King, Lotti Loder e Lowell Sherman, formam o elenco. Essa Lotti, importada da Allemanha, apenas prova que sabe virar os olhos e... nada mais!

Paradise Island (Tiffany) — Kenneth Harlan e Marcelline Day fazem tudo por este film! Mas, infelizmente, sómente apparece a esplendida comedia de Paul Hurst. Thomas Santchi é o villão. Mas o film não convence, absolutamente.

Sisters (Columbia) — Sally O'Neill e Molly O'Day, num film soffrivel, apenas. Russell Gleason é o galã. Assim, assim...

Sweet Mama (First National) — O mais fraco dos films de Alice White. David Manners, Kenneth Thompson, Rita Flynn não o conseguem elevar do seu nivel vulgar. Para os admiradores fanaticos de Alice, passará.

A BELLEZA INSPIRA O AMOR

e o uso habitual do CREME DE PEROLAS DE BARRY, conduz, infallivelmente, á Belleza! Com a applicação deste preparado, a cutis torna-se macia, firme e branca; as rugas, pallidez ou côr amarellada, borbulhas, manchas e outras imperfeições desapparecem e todos os estragos no rosto, deixados pelas doenças, podem ser completamente disfarçados por meio do CREME DE PEROLAS DE BARRY, que é muito facil de applicar e não cáe como os pós.

Unicos depositarios: SOC. ANONYMA LAMEIRO — Rio de Janeiro.

Ismael A. Muniz Freire

Partos, molestias das senhoras e vias urinarias.

Residencia: 73, Xavier da Silveira — Tel. Ipanema, 1171. Consultorio: Travessa do Ouvidor, 39 — 3° — Tel. Central. 4966. Das 4 ás 7, diariamente.

Leiam **O Tico-Tico** ás quartas-feiras, a melhor revista exclusivamente para crianças, editada pela S. A. "O Malho".

Novidade

SÃ MATERNIDADE

CONSELHOS E SUGGESTÕES PARA FUTURAS MÃES

(*Premio Mme. Durocher, da Academia Nacional de Medicina*)

— Do Prof. —

DR. ARNALDO DE MORAES

Preço: 10$000

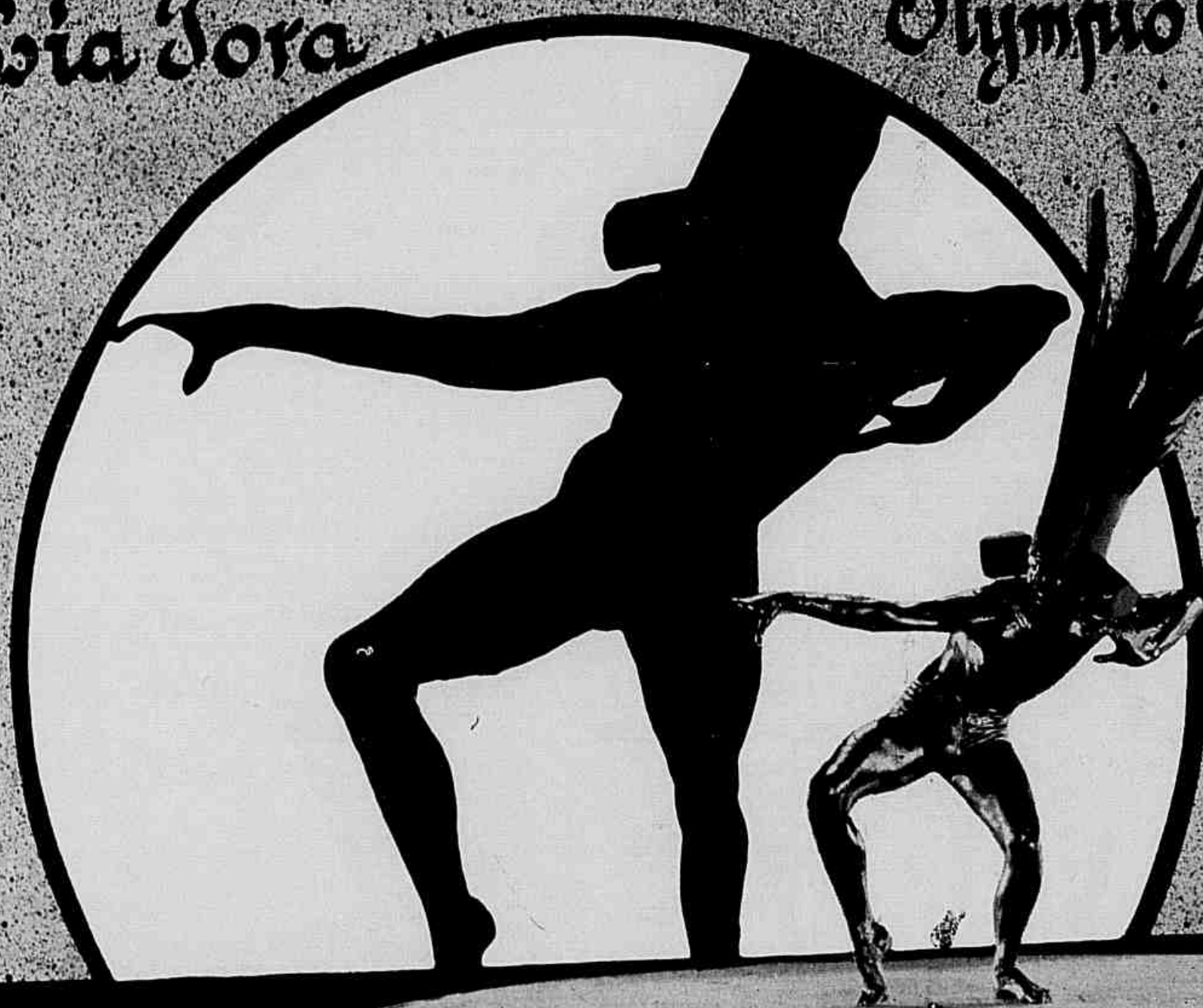
LIVRARIA PIMENTA DE MELLO & C.

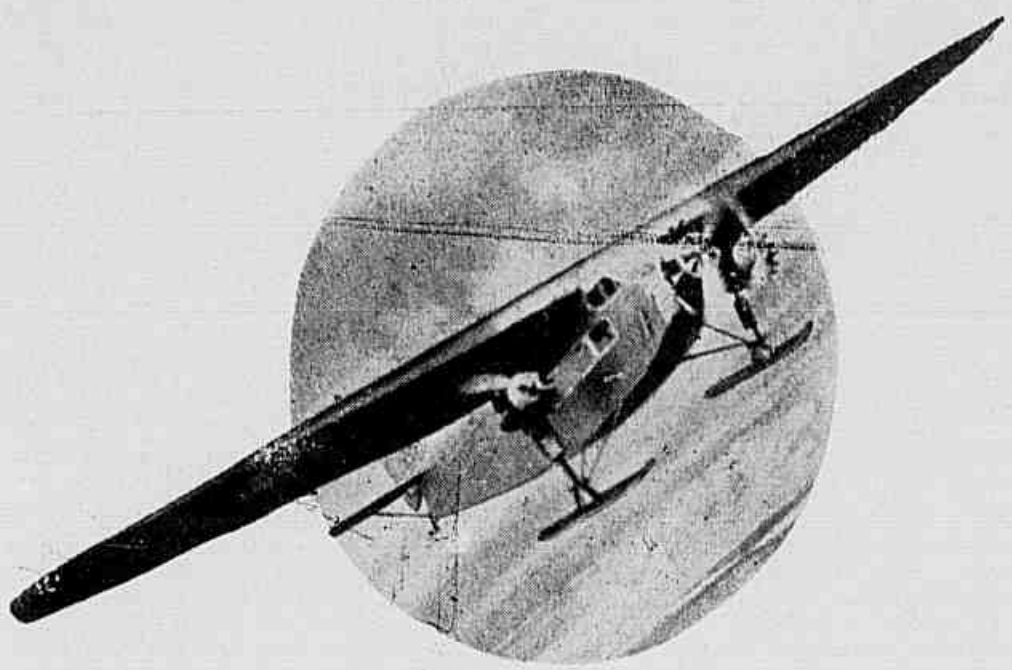
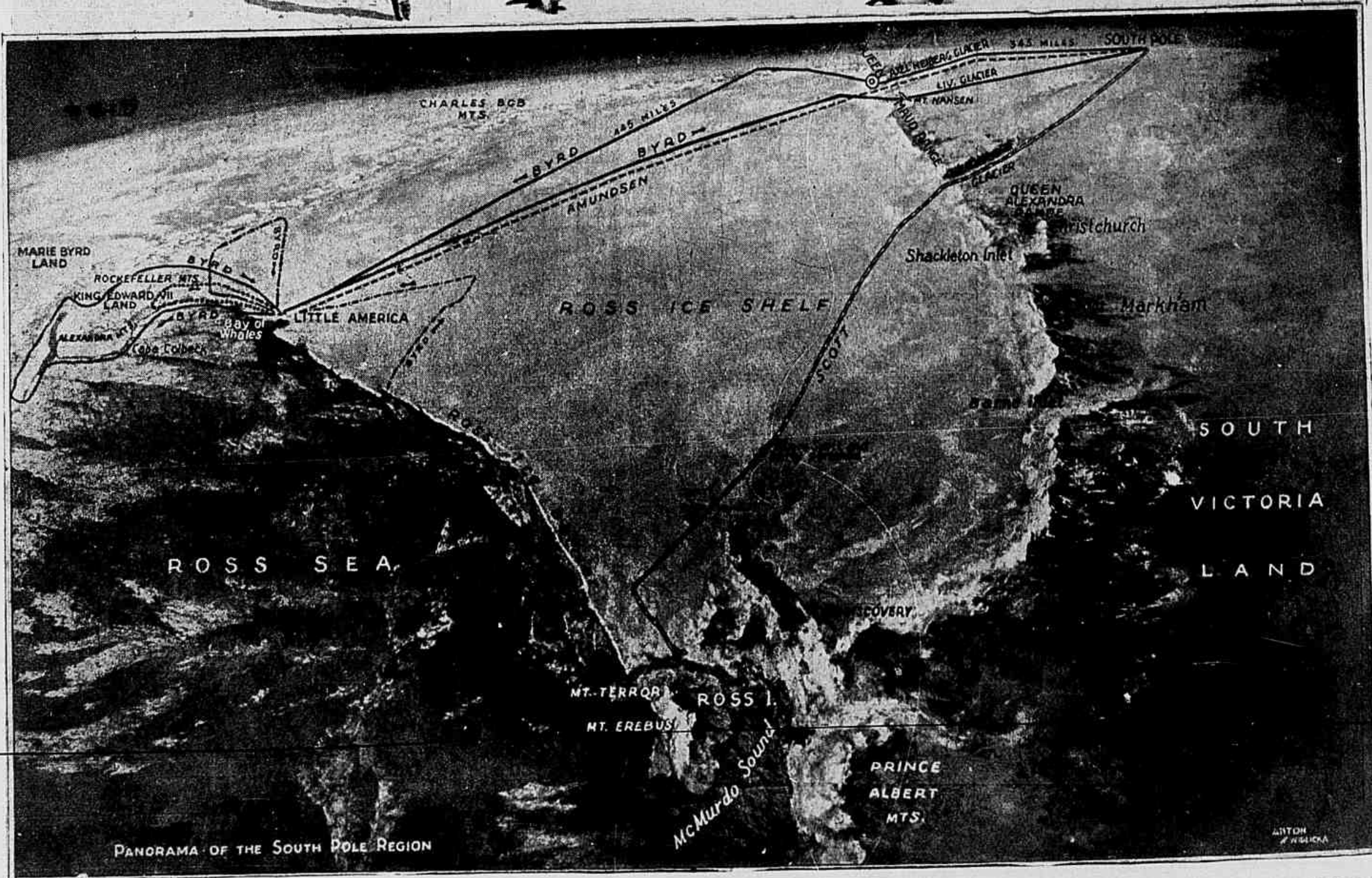
RUA SACHET, 34 — RIO.

a Universal apresenta
a mais formidavel extravagancia
musical de
PAUL Whiteman e sua banda em

O Rei do Jazz

Lia Torá
Olympio Guilherme
John Boles
Jannette Loff

versão portugueza
toda colorida
falada
musicada
cantada

A partir do dia 2 de Outubro no

PATHÉ PALACE

PANORAMA DA ÁREA EXPLORADA PELO ALMIRANTE BYRD: MAPPA EM PERSPECTIVA DAS REGIÕES POLARES DO SUL, ESTUDADAS E CARTOGRAPHADAS PELA EXPEDIÇÃO BYRD: — A base da expedição, Little America, de onde se conseguiram permanentemente communicações telegraphicas com o resto do mundo, está assignalada á esquerda. No espaço, á direita della, vêem-se os campos de gelo de Ross, que se estendem desde a Barreira á cadeia montanhosa Rainha Maud, a borda septentrional do plateau do Pólo Sul, sobre o qual o Almirante Byrd e seus tres companheiros voaram, d'ali regressando á sua base. Grande parte d'este territorio é agora assignalada no mappa pela primeira vez.

UMA SCENA DE " LIMITE ", COM BRUTUS PEDREIRA

Se verdadeiro o facto a que nos referimos em passada chronica, clara accusação do jornalista Macedo Soares á deshonestidade com que se legisla para o Districto Federal, os proprietarios de Cinemas hão de acabar confessando que a extorsão de que annualmente são victimas, dezenas de contos de réis destinados a corrigir o orçamento municipal, cujas taxas lhes eram infensas no projecto em discussão é, no final de contas, bem merecida.

Se elles se constituissem em associação que buscasse, de facto, defender os interesses da classe, jamais esse facto poderia occorrer. Mas, em geral, quando os proprietarios de Cinemas se reunem em assembléa, é apenas para discutir cousinhas meudas e tomar deliberações irrisorias: assim, um delles tomando a palavra, discorre sobre as attitudes da revista A ou do jornal B (quasi sempre a revista é "Cinearte", como anteriormente era "Para todos..."), que estão a prejudicar os interesses da classe; propõe que nem um dos presentes lhes dê mais annuncios (!!???); fala na necessidade da creação de uma revista de defesa dos presentes lhes dê mais annuncios (!!??); fala cousas muito bem feitas, artigos maravilhosamente escriptos, contando com o auxilio material de todos, o triumpho é certo e a morte da execrada publicação, fatal.

Applausos rumorosos coroam as palavras quentes do orador que, suado e offegante, corre á roda o chapéo para recolher o capital necessario ao inicio da empresa. Quando lhe chega ás mãos a cobertura do talento, traz um nickel de quatrocentos réis.

Isso tem acontecido vezes infinitas. E, emquanto isso, as mordeduras legislativas continuam a fazer sangrar a classe.

Ora, nós, que sempre pugnámos pelo progresso da cinematographia, nunca fomos adversarios dos proprietarios de Cinemas ou dos representantes das marcas que se exhibem aqui. Temos, no uso legitimo de um direito, para cujo exercicio não havemos mistér de licença e em beneficio mesmo do Cinema, criticado os actos que nos pareceram passiveis de censura; da mesma sorte, jamais poupamos elogios áquelles que, dos mesmos, se tornam merecedores.

E, desde que nos entendemos, destas columnas temos aconselhado os profissionaes a se aggremiarem, porque da sua união é que póde derivar a força, o prestigio da classe. Isso de meia duzia de maioraes, todos os annos, abrindo as ouiças aos conselhos de certos advogados que com isso nada perdem, muito antes pelo contrario, formarem uma bolsa para apaziguar os ardores orçamentivoros de uns tantos intendentes deshonestos, é consagrar uma expoliação permanente de que, quando quizerem, não mais poderão libertar-se.

\+ + +

Está em discussão na Camara dos Deputados e brevemente converter-se-á em lei o projecto que altera os dispositivos antiquados e falhos do Codigo Civil, sobre os direitos autoraes.

Não interessa, porventura, á classe o assumpto?

Interessa e muito.

De vez em quando apparecem por aqui contratypos de producções famosas feitas com as copias roubadas aqui,, ali ou além.

Nos tempos em que o famoso **commendatore** Pinfildi era exhibidor, no seu Cinema, appareciam frequentemente taes fitas.

E os proprietarios legitimos das legitimas cópias, nenhum remedio tinham senão aguentar com os prejuizos decorrentes desses negocios pouco honestos.

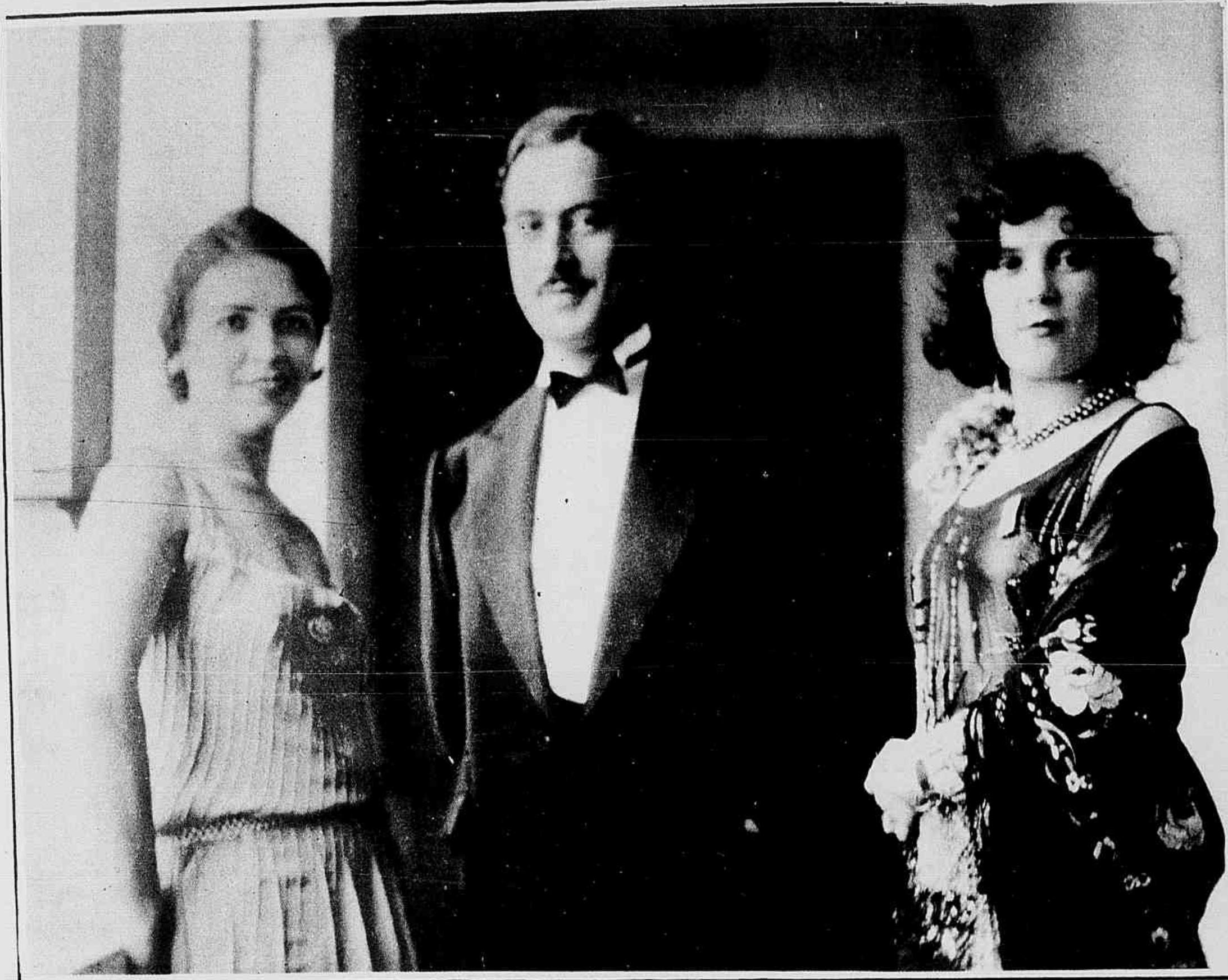
Se não nos falha a memoria, o facto se deu com varios films da United Artists, ao tempo em que essa empresa não dispunha de agencia no Brasil.

O Brasil firmou o convenio de Havana, que protege o direito de autores americanos em todos os paizes do continente.

O processo de tornar effectiva essa protecção depende, porém, desse projecto de lei ora em discussão no Congresso.

Esperarão, por acaso, os nossos interessados no assumpto, que outros disso curem sem a sua intervenção, sem as suas suggestões?

Ainda mais: todos sabem e por vezes temos feito severa critica desses processos nada leaes, inamistosos, que offendem á bôa ethica commercial que, de quando em questão, após uma campanha reclamista custosa e demorada de um film, cujo titulo é levado ao conhecimento do publico por dias e dias e, justamente no momento em que esse trabalho começa a fazer effeito, um concorrente desleal, aproveitando-se do trabalho feito, do esforço desenvolvido, do dinheiro gasto, lança ao meracdo uma outra producção as maiores das vezes sem o menor valor, com o mesmo titulo ou tão parecido que gera logo confusões prejudiciaes. A lei em questão poderia dispôr sobre isso, cobrindo com a sua protecção esses titulos registrados em um dos nossos estabelecimentos publicos encarregados de sua exeecução.

Cousas são essas a que alludimos simplesmente para mostrar como é, muitas vezes, pelo descaso dos interessados, pelo seu desinteresse, que a classe dos cinematographistas, entre nós, se deixa prejudicar, e como aquelles, como nós, por exemplo, a quem sempre apontam como desaffectos, é que pugnamos por esses interesses abandonados — apontando-lhes as falhas no seu procedimento e o caminho que devem trilhar para a defesa dos seus haveres sempre ameaçados por espertalhões.

Cinema

Carmen Violeta, Gina Cavallieri e Celso Montenegro, num intervallo de filmagem de "Labios sem Beijos".

Claudio Navarro.

O "Diario de São Paulo" publicou, num dos seus ultimos numeros, uma nota de pretenciosa energia sobre Cinema Brasileiro. Prova, antes de tudo e isso é bastante lamentavel, que existe um desconhecimento completo e muito "snobismo" sobre o nosso movimento Cinematographico, que é pequeno, incipiente, mesmo, mas bastante significativo.

O Cinema Brasileiro tem sido a nossa campanha predilecta e constante e não podemos, naturalmente, deixar passar opiniões erradas e, na verdade, injustas sobre este Cinemazinho para o qual trabalha um grupo bem grande de elementos sinceros e já bastante competentes.

Leiamos a nota, primeiro.

"O CINEMA BRASILEIRO. — Temos recebido, nestes ultimos mezes, cartas de nossos leitores que nos perguntam porque abandonámos o cinema brasileiro, deixando de fazer a propaganda que merece e que precisa. E tambem lamentam que a imprensa, em geral, olhe com indifferença o movimento cinematographico brasileiro.

Ha ahi dois erros. "O Diario de São Paulo" não tem deixado de fazer a propaganda do nosso cinema. A imprensa não tem olhos indifferentes para os problemas com que deparam os cinematographistas indigenas.

Esta folha, é verdade, já cuidou, mais do que hoje, do noticiario relativo á nossa scena muda. Mas, para isso, não nos faltavam motivos, pois, ha um anno, era intensa a actividade em S. Paulo e no Rio. E hoje, ao contrario, pouco se faz tanto numa como em outra cidade, talvez por causa da situação financeira do paiz.

Demais, foram muitas as promessas e poucas as realizações. Se, a cada noticia de proxima producção dum film, que nós publicámos, correspondesse, na verdade, o lançamento desse filme, o mercado brasileiro estaria cheio delles. Já se disse que o cinema nacional é eminentemente photographico. Quer dizer, estampam-se retratos e mais retratos de artistas, estampam-se "stills", distribuem-se noticias á imprensa, mas as fitas não apparecem, o publico não as vê.

Ora, é claro que os jornaes não gostam de dar informações, affirmando que se cuida da producção de determinada pellicula, quando estão certos, ou quasi certos, que essa pellicula não passará do terreno dos projectos ou, então, dos "stills"...

Além disso, ha outro ponto a considerar: a má qualidade dos ultimos filmes brasileiros aqui passados, os quaes revelam pouquissimos progressos sobre os filmes de ha 2 ou 3 annos. Desanima verificar que não progredimos senão a passos de extraordinaria lentidão.

Parece-nos que, enquanto não se formar uma companhia que conte com grandes capitaes, e que, dest'arte, possa chamar technicos americanos ou allemães, não conseguiremos fazer coisa apreciavel, no capitulo do cinema. E estarmos a insistir com fitas, a cuja exhibição os espectadores sentem as faces se avermelharem de pejo, não se ha de afigurar coisa certa e razoavel.

Ainda o mais recente filme paulista, cujo nome, por si só, é um attentado ao bom gosto, constitue um espectaculo que se diria de finalidade coroante, pois apenas serve a pôr-nos rubros de pejo ou de raiva.

"Eufemia", a fita a que nos alludimos, tem todos as qualidades precisas para nos deixar a arder de indignação. E a revolta que sentimos, não a provoca apenas o seu duvidoso enredo, mas, principalmente a sua lamentavel apresentação artistica."

Antes de tudo, devemos considerar que a média da nossa producção actual tem sido de 12 films e, portanto, é impossivel a apresentação de mais de um film por mez em nossos Cinemas.

Em 1926, produzimos "A Esposa do Solteiro", que foi exhibido em varios Paizes estrangeiros, até. "O Guarany", distribuido pela Paramount. "Vicio e Belleza", que, embora fosse um film de assumpto que não deve ser preferido, encerrava uma magnifica propaganda pela defeza e hygiene contra as doenças venereas. Fez muito successo e foi exhibido, sem a chamada parte "scientifica", á muitas platéas familiares. "Passei toda a Vidá num Sonho", producção, pode-se dizer, restricta aos socios de um Club que a filmou, mas que foi exhibida ao publico em geral e, já era, naquella épocha, uma idéa de Jayme Redondo sobre Cinema cantando...

"Corações em Supplicio", exhibido no Rialto, do Rio, naquella época mais considerado, ainda, como Cinema de estréas. "A Filha do Advogado", apesar de producção local pernambucana, exhibida no Rio em varios Cinemas.

A secção Cinematographica de "Para todos...", de onde se desenvolveu "Cinearte", foi até quem pagou todas as despezas de alfandega.

"A Carne", da Apa de Campinas, tambem exhibida. "Risos e lagrimas", apenas uma propaganda da vaccina contra a febre amarella, dentro de uma historia que não deixava de convencer, exhibido em secção especial no Imperio e depois, ao publico.

E a comedia "Filmando Fitas". Se mais exhibições não houve desses films, é porque a nossa distribuição tem sido impraticavel, por falta muito logica de uma agencia, pois que até os nossos bons films encontram barreiras e má vontade por parte da distribuição. Assumpto sobre o qual poderiamos fazer outros commentarios se agora

Gina Cavallieri, estrella de "Parallelos da Vida" e uma das artistas de "Labios sem Beijos".

neste artigo fossem mais opportunos. E' natural tambem que entre a nossa producção annual, haja films fracos e cuja exhibição, se limite ás cidades em que foram produzidos.

A producção de todos os paizes está cheio de films fraquissimos. O "Diario de S. Paulo" fala da exhibição de "Eufemia" como prova de que o nosso Cinema peora em vez de melhorar. Mas este film não é um dos principaes. Foi dirigido por Francisco Madrigrano, elemento cuja actividade e esforço nunca deixamos de registrar, mas que não tem aptidões ainda para director. Seria o mesmo que julgar a producção americana pelos films da "Poverty Row". Julgar a producção americana por esta serie de films que no Rio são exhibidos nos chamados "Outros Cinemas" e que recebem de nossa critica a cotação abaixo de 3.

Mas o "Diario de S. Paulo" silenciou a respeito de outro film paulista *A's Armas*, exhibido ha pouco tempo, que embora produzido com muitas anormalidades e atribulações, representava mais conhecimento technico de Cinema, tinha o cerebro de um director embora estreante que foi Octavio Mendes e fez successo.

Continuando, em 1927, produzimos "Thesouro perdido", bastante exhibido e que recebeu o medalhão de "Cinearte". "Fogo de palha", estreado no Republica de S. Paulo e no Imperio do Rio, verdadeiros Cinemas "cabeças de linha". Dansa, amor, e ventura", exhibido em Recife e cidades adjacentes. "Mocidade louca", estreado em S. Paulo. "Valle dos Martyrios" que correu varias cidades. "Destino", produzido para ser exhibido na Allemanha para onde foi levado. "O castigo do orgulho". "Em Defeza da irmã". "Senhorita Agora Mesmo", estreado no Gloria do Quarteirão Serrador.

"Sangue de irmão". "O descrente". "Um drama nos pampas", exhibido aliás com muito successo no sul onde foi produzido e "A lei do inquilinato", uma comedia que apezar de não constituir programma, foi exhibida em varias cidades do interior.

Em 1928, tivemos "Entre as montanhas de Minas". "Morphina". "Amor que redime" que interessou bastante no sul onde foi filmado e em outros logares.

"Braza Dormida" e "Barro Humano" dois incontestaveis successos de bilheteria, "Orgulho da mocidade", cuja exhibição, deste sim, não nos lembramos se foi levada a effeito.

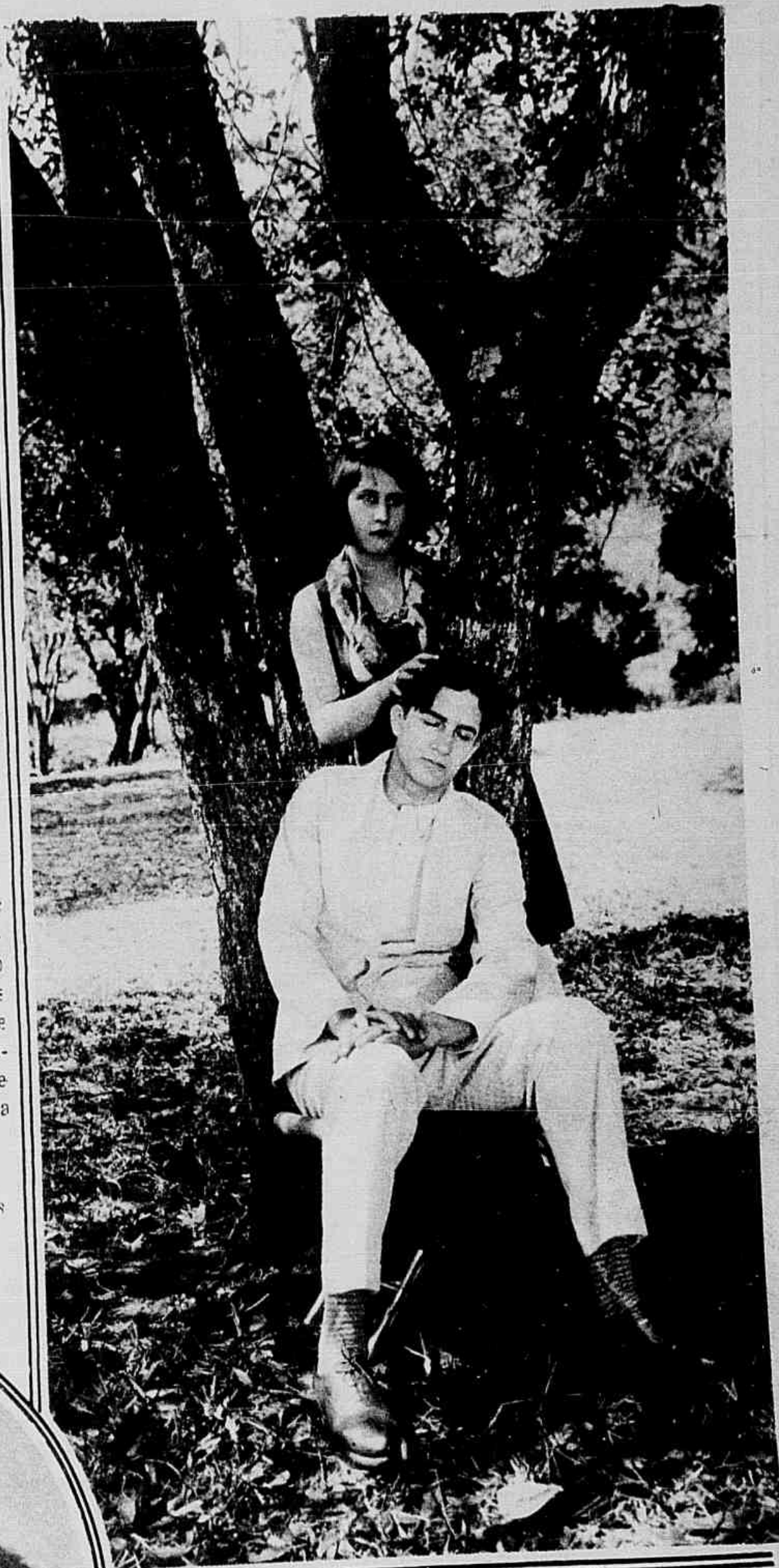
Em 1929, tivemos "Veneno branco", "Sangue Mineiro", "Symphonia da floresta", "Emquanto são Paulo dorme", "Acabaram-se os otarios", "Revelação", "S. Paulo a symphonia da Metropole" e o "Bohemio" que tambem não sabemos se chegou a ser exhibido.

Como se vê, com a excepção de dois, ou digamos de quatro se por accaso houve engano nosso sobre a exhibição de mais algum, a nossa producção nestes ultimos quatro annos foi toda mostrada ao publico. Isso de promessas tambem não tem importancia. Ha sempre alguns elementos esparsos que na ansia e no enthusiasmo de collaborar pelo Cinema Brasileiro ou as vezes por vaidade de ver o seu nome publicado, annunciam a confecção de um film antes de entrarem na realidade da sua confecção. Mas promessas de films ha em todos os paizes em maior escala! Hollywood é o centro da promessa, da mentira, do "balão", da conversa fiada. Quantos films são paralysados e quantos archiva-

(*Termina no fim do numero*)

Uma scena de "Quando Deus Castiga", da Bellorizonte Film.

Almery Esteves e Ary Severo, da "Spia Film", de Recife.

Decio Murillo e Ivan Villar. Lembram-se do poeta de "Barro Humano?...

Brasileiro

Jim Tully falla de Charles Chaplin que elle conheceu intimamente. São muito interessantes as suas affirmativas.

CARLITO...

Aqui está a mais completa descripção de Carlito que já se fez. Quem escreve é Jim Tully, um dos nomes mais conhecidos nos meios literarios de Hollywood e, além disso, um escriptor de rara sinceridade e um homem de attitudes definidas e declaradas.

Carlito, o mais completo dos seres humanos, vae ter a sua analyse completa. Ouçamos o que nos tem a dizer Jim Tully.

* * *

O meu primeiro encontro com Carlito, foi durante um jantar que Ralph Block offereceu. Meu primeiro livro acabava de ser publicado. Chaplin havia lido algumas das criticas ao mesmo. Quando chegou o momento de nos separarmos, elle me disse que lhe telephonasse, no dia seguinte e teve, ainda, a delicadeza de me dizer que me havia apreciado immenso.

Dias depois, telephonei, effectivamente. Chaplin mandou-me sua **limousine.** Durante a primeira entrevista privada que tivemos, elle se mostrou muito attencioso commigo. Quando nos tornamos a separar, tinhamos, um para o outro, o mesmo sentimento de reserva. Eu não me sentia natural, aquelle dia. Como tambem, depois, nunca me senti natural, durante os mezes seguintes em que estive associado ao grande comediante.

Paul Bern, uma das creaturas mais distinctas que tenho conhecido, garantiu-me um posto ao lado de Carlito. Meu salario éra pequeno, mas, relativamente ao pouco trabalho que teria que fazer, servia. Combinou-se, entre elle e eu, que elle assignaria alguns dos artigos que eu iria escrever para elle, de tempos em tempos. O nome delle éra um **peso** no mundo das revistas. Mas, depois de assignar dois dos meus artigos, como se fossem delle, resolveu não assignar mais nenhum delles. Permaneci no emprego, ainda que me sentisse immensamente inadequado áquella posição que occupava.

Konrad Bercovici, o escriptor conhecido dos romances ciganos, escreveu, certa vez, sobre Carlito, um artigo no **Harper's Magazine.** Nesse mesmo artigo, elle me conferiu a grande honra de secretario de Chaplin. Elle descreveu, com rara perfeição, a minha entrada no seu gabinete de trabalho, para deixar, sobre a secretária do grande **jester** um papel qualquer. Nenhuma attenção elle me ligou.

Mas... Mr. Bercovici cahiu num lamentavel engano. O principal dever meu, ao lado de Chaplin, éra receber, semanalmente, o meu cheque. Éra, apenas, na côrte do Rei do Riso, um dos seus muitos **bôbos...**

Depois, chegou a epocha em que elle começou a escolher uma **heroina** para **Em Busca de Ouro.** Tiraram-se dezenas de **tests** de dezenas de ambiciosas senhoritas. Eu accompanhava, geralmente, os **yes-men** mais caros de Chaplin ao quarto de projecção, no qual, juntos, viamos as physionomias das descoloridas **heroinas** que tinham pretenção ao posto.

Certa manhã, apresentou-se uma Mexicana de apparencia vulgar. Ha annos passados, ella figurára em **O Garoto.** Chaplin ainda não havia chegado ao Studio. A pequena já estava para sahir quando elle a encontrou e, assim, deu-lhe a opportunidade que ella esperava conseguir. Tirou-se um **test** da pequena. Muitos dos **yes-men,** inclusive eu, achamos que éra o peor que até então se havia tirado. A pequena photographava pessimamente. No dia seguinte, foi Chaplin que foi apreciar o **test**. Em silencio, todos nós o observamos. Ergueu-se elle da cadeira.

— Eis a pequena! — exclamou elle, satisfeito. Um silencio medonho tomou conta da sala toda.

Dirigi-me ao meu escriptorio e deixei aos demais **yes-men** a funcção de resolver a momentosa questão. Não sei porque, se por attracção ou por desejos de conhecer minha opinião, trouxeram Chaplin á minha presença, instantes depois. A sua entrada, na minha sala, foi mais tragica do que a de um Hamlet qualquer. Mãos atraz das costas. Rosto serio. Como se a sua seguinte decisão viesse aballar as proprias estrellas do firmamento...

— Jim. O que achou voce della?

Sabendo de ante-mão, que elle escolheria, mesmo, aquella que lhe apetecesse, disse-lhe, secamente:

— Não sei, Charlie! Pode ser que ella seja um colosso!

Elle nada me disse. Continuou a passear, de cá para lá. De lá para cá. A sua physionomia denotava uma grande preoccupação. Nisto, abre-se a porta do meu escriptorio e entra a pequena Mexicana. Mal vestida, olhos em braza, dentes bem alinhados, corpo rolico e flexivel, ao ponto de fazer esquecer o terrivel vestido preto que o envolvia...

Chaplin sorriu benignamente. Um sorriso gracioso e encantador, mesmo, como jamais o vira dar.

Diante delle, ella perguntou, surpresa: "Bem, Charlie, o que ha? Estou contractada?"

O comediante olhou para ella. Rapidos, seus olhos desceram até seus pés, calçados com um par de **coisas** que só mesmo representando Carlito tinha peores...

Eu apenas observava as expressões de ambos.

O rosto sensivel e expressivo do artista, finamente moldado e a pequena a olhal-o, olhos redondos e rosto redondo, tambem, cheia de vida e cheia de esperança. Vi nella, naquelle instante, tudo aquillo que Carlito não conseguio ver. Uma jovem que, para mim, pareceu-me cheia de qualidades espirituaes.

Por fim, Chaplin respondeu. "Voce está contractada".

A rapariga pulou, de contente. E, juntos, deixaram meu escriptorio, para um destino cheio de exquisitice. Desastrado, para elle. Afortunado, para ella...

Mais tarde, ella teve a fortuna de se casar com elle e, para ella, ainda mais tarde, ganhar, com o divorcio, muitos milhares de dollars. Pode ser, mesmo, que seu casamento tenha sido uma farça. Mas o seu divorcio, diga-se, foi uma tragedia. No seu papel de Lita Grey Chaplin, ella lhe deu toda a sorte de infortunios e miserias possiveis. E tudo, apenas porque uma pequena vulgar jamais se deve unir em casamento á um genio.

Ella começou a trabalhar em **Em Busca de Ouro,** a razão de 75 dollars por semana. Exactamente como outros negociantes, Chaplin, apesar de genio, não tinha sympathia por grandes salarios. Durante a sua permanencia no Studio, constantemente chamavam-na do Departamento Estadual de Educação. Éra difficil, mesmo, conseguir que ella estudasse alguma coisa. Sua instrucção éra nulla e, em livros, ella não punha os olhos. A esta creatura vulgar e tão razamente educada, o Destino, sempre engraçado, deu Charles Chaplin por marido. Elle, o mais complexo dos homens humanos.

Lembrando que ella, em criança, ainda, trabalhára com elle, deu-lhe um principal papel num film seu. Agóra, que tudo passou, elle difficilmente sorrirá á lembrança deste seu casamento tragico. E, se chorar, mesmo, nada mais será do que um ser humanissimo!

Acho, sinceramente, que Carlito não gosta de ter em sua companhia homens intelligentes.

Durante mezes, Elmer Elsworth uma das maiores intelligencias humoristicas que conheço, trabalhou com elle. Certa vez, Carlito me disse que Elsworth éra "um convencido". Mais tarde, entre esse homem e Henry, o pesadão proprietario do restaurante que tem o seu nome, em Hollywood, elle preferiu o Henry... Ha annos que têm sido socios. Chaplin costuma frequentar muito esse restaurante e, lá, conversa, o mais que pode, com outras celebridades da téla.

Um dos habitos de Carlito, entre outros, é ridicularisar o sentimentalismo alheio. Os editores do livro **The Wind and the Rain,** de Thomas Burke, mandaram-lhe uma copia do mesmo. E', segundo penso, a obra mais sentimental e mais delicada que já se publicou em qualquer lingua. Burke, além disso, é producto da mesma garôa londrina que gerou Carlito. O successo sorriu á ambos, igualmente. Com lagrimas na voz e lagrimas nos olhos, Carlito leu esse livro. A verdadeira finalidade do livro, entretanto, escapou-lhe. Fechado em seu **bungalow,** perto do seu Studio, Carlito leu-o e commentou-o. Depois, quando o pedi emprestado, elle me disse, num sorriso ainda triste: "Toma bem cuidado delle, Jim, é a minha Biblia, agóra!".

O livro, na sua propria essencia, feria, justamente, a miseria da sua propria infancia. Agóra que conheço a parte Este de Londres é que comprehendo bem isto e sei porque é que aconteceu tal coisa. Lá, a pobreza é a essencia da vida. Uma pobreza tão immensa e tão terrivel que não permitte siquer uma esperança aos que nella estão mettidos...

Eu disse a Chaplin, depois de o ler. "Charlie, devias telegraphar a Burke e, tambem, aos editores, felicitando-os". Elle se enthusiasmou immediatamente com a idéa. Cifrei logo o telegramma e elle approvou. E como Burke lhe havia pedido, ha tempos, um retrato autographado, eu arranjei um e lhe disse que autographasse.

— Não está bôa!

Respondeu-me elle.

Quatro annos depois, em Londres, perguntei a Thomas Burke se elle havia recebido a photographia.

— Até agóra, não.

Respondeu-me elle...

Sempre chamaram Carlito de **creador de Directores.** Durante o periodo do meu trabalho, com elle, seus auxiliares eram Charles Reisner, hoje um director que conseguio successo. Edward Sutherland, Henry, o guarda do restaurante e Harry d'Arrast. Ha pouco tempo Monta Bell, hoje famoso, tambem, o havia deixado para seguir sua brilhante carreira. Mas de todos elles, Monta Bell foi aquelle que mais o auxiliou e melhor o comprehendeu. Carlito sempre o observou e, quando o viu perfeito, indicou-o á Warner Brothers para dirigir **Broadway After Dark** que foi um successo e o primeiro degrao, ainda, da carreira bonita que tem sido a delle, até hoje. Muitas vezes eu tentei fazer Chaplin commentar esse film. Nunca o consegui...

(Termina no fim do numero)

Esther Leão assignando o contracto para trabalhar em films falados em portuguez, para a Paramount. Ao seu lado, Alberto Cavalcanti, director brasileiro que será, tambem, director do film. Ressana Garcia, gerente da Paramount portugueza, assiste ao acto.

De Portugal

Nas ultimas revistas cinematographica portuguezas, encontramos alguns commentarios sobre Cinema falado, com referencias ao Brasil, que julgamos bastante interessantes para os nossos leitores.

Aqui está, em primeiro logar, a chronica da "Invicta Cine" de 12 de Julho:

"O CINEMA NACIONAL E O FILME FALADO. — Quando todos tinhamos a impressão que Portugal ia entrar numa fase de franca produção, pois dois recentes filmes — Maria do Mar e A Castelã das Berlengas — tinham-nos demonstrado á evidencia possibilidade de fazer bom cinema em Portugal, eis que surge — aos olhos de alguns — uma barreira insuperavel, um obstaculo que vinha lançar por terra os seus lindos castellos no ar. Essa barreira, esse terrivel obstaculo, foi o cinema falado e sonoro.

E então, êsses cinéfilos de arreigadas crenças, declararam guerra sem tréguas ao pobre do sonoro, que não tem culpa nenhuma de ser um produto duma civilisação brilhante, como a que nós hoje usufruimos.

E os taes cinéfilos berraram:

— Completamente inúteis todos estes anos de experiencias.

O sonoro obriga-nos a voltar ao principio; agora que já iamos tam bem encaminhadinhos, é que somos obrigados a recomeçar! E para quê?!...

Para adoptar uma arte que não é cinema, não é teatro, não é nada, a não ser uma miscelânea horrivel!

Pensem um pouco os que assim falam e hão-de concordar comigo.

O cinema falado, longe de prejudicar a industria nacional do filme, veio dar-lhe incremento, favorecendo-a, e pondo ao seu alcance enormes possibilidades de desenvolvimento.

Senão vejâmos.

O sonoro e falado não é, como julgam, uma utopia. Não é um entusiasmo passageiro, de momento, que com o rolar dos mêses morrerá. Não! E' antes uma arte que cada vez ganha mais raízes, se propaga e se desenvolve.

Tem apenas um inconveniente, e êsse inconveniente é que fará desenvolver o fonocinema no nosso país, assim como em todos os paizes cuja lingua seja falada por alguns milhões de pessôas, como sucede com a nossa.

Êsse inconveniente é a perda da internacionalidade.

E nós, que naturalmente não estamos dispostos a ouvir toda a vida filmes falados em inglês, francês, alemão, ou qualquer outra lingua temos diaante de nós dois caminhos differentes que solucionam êste problema: ou as grandes emprezas estrangeiras se resolvem a fazer filmes falados na nossa lingua, e para isso necessitam de muitos actores da da nossa nacionalidade, ou nós nos reduzir filmes em conta altura temos asmercados brazileiro solvemos a pro dições, pois, nes segurados os e português.

O primeiro caminho caminho não se torna viavel sem a realisação do segundo, porquanto não é natural que haja bons artistas portuguêses de cinema, sem haver uma producção nacional.

O segundo por onde todos os cinastas deviam enveredar, é altamente auxiliado pelo facto dos productores terem a certeza de colocarem os seus filmes, não se arriscando, portanto, a prejuizos

Mas cautela!

Que não se metam a fazer filmes todos aqueles que a uma mesa dum café, passam a vida a fázer projectos.

Para êsses, coitados, era uma obra de caridade arranjar um emprêgo.

Leitão de Barros é um exemplo, que muitos deviam seguir.

Descobriu um dia que tinha vocação para realizador, mas não se meteu a realizar á doida. Foi ao estrangeiro, viu, estudou, aprendeu; pensou; meditou, realizou e saiu-se bem.

Numa recente entrevsta diz êle que só depois de ter visitado os principaes estudios europeus é que tenciona realizar filmes sonoros e falados.

E eu tenho a convicção que êle irá, verá, ouvirá, aprenderá, pensará, realizará e sair-se-há bem.

Até agora os capitalistas tinham receio de empatar os seus capitais num filme que, depois de ser exibido no Porto, em Lisboa e em algumas cidades provincianas, ficasse arrumado para um canto, dentro dumas latas de folha.

Hoje não.

O Brazil está ainda, em matéria de producão cinematografica, mais atrazado que nós.

Não serão portanto os brazileiros que *fornecerão os filmes aos portuguêses*, mas antes *êstes aos primeiros*".

—

Agora, uma noticia de "Imagem":

"E AGORA: FELICIDADES! — Foi êste, indiscutivelmente, o assunto da quinzena: a vinda a Portugal de Alberto Cavalcanti, a fim de contratar artistas portuguêses para o filme falado "A canção do berço".

Desta vez, partem: Ester Leão, Corina Freire, Raul Carvalho, Alexandre de Azevedo, Sacramento, Alves da Costa e o pequeno Guilherme Reis, de que publicamos o retrato neste numero.

Dos outros não publicamos fotografias, porque todos os nossos leitores os conhecem muito bem.

Alves da Costa é, talvez, o menos conhecido. No entanto, esteve bastante tempo na companhia Alves da Cunha — e faz parte, actualmente, do elenco do teatro Maria Vitória.

Depois dêste filme, a Paramount faz outros. Conta mesmo apresentar, na próxima época, doze rcoduções em lingua portuguêsa.

Evidentemente que uma das razões que movem a Paramount nesta iniciativa — é satisfazer o Brasil, que, como se sabe, teve sempre um culto decidido e franco pelo cinema americano — razão essa por que a Paramount tem no mercado brasileiro uma formidável rêde distribuidora que lhe permite a sua actual e arrojada iniciativa.

Para os seus próximos filmes, a Paramount contratará outros artistas — parecendo que têm decididas probabilidades algumas figuras de teatro ligeiro e algumas pessoas da nossa sociedade elegante — que foram apresentadas a Alberto Cavalcanti.

Disto se depreende que, apesar da Paramount basear o seu negócio nas possibilidades do mercado brasileiro — Portugal não é esquecido.

Muito pelo contrário. A insistência na escolha de artistas portuguezes e até — isto de futuro, na escolha dos assuntos, prova-o claramente.

Não o podemos esquecer.

No entanto, seria de todo o modo justo e simpático que a Paramount tentasse a realização pelo menos dum filme — onde a nós, portugueses, nos fôsse desvendado o Brasil, com as suas mulheres, os seus costumes e as suas canções — que devem ser dum admirável encanto para o fonocinema.

Ouvir um filme falado á maneira das terras da Santa Cruz *por caboclos bonitas e gentis* — deve ser um espectáculo adorável.

Não devemos esquecer que brasileiro — é português com açúcar..."

Estas notas encerram e provocam innumeras e diversos commentarios, mas estamos certos de que os nossoo leitores os farão melhor do que nós.

Futuras estréas

DANGEROUS NAN MC GREW (Paramount) — Este film ensina uma licção aos seus productores. Que, quando se quizer fazer um film falado, antes de mais nada precisa-se escolher uma historia. Este film é realmente ruim, porque, antes de mais nada, não tem historia. Artistas como Helen Kane, Stuart Erwin, Victor Moore e Frank Morgan tentam transformal-o em passavel passa tempo. Mas... Nada conseguem! Não assistam...

THE MEDICINE MAN (Tiffany) — Jack Benny é o suave doutor que apparece na aldeia e salva a martyr Betty Bronson, das garras de situações e parentes terriveis... "Hokum" desenfreado!

THOSE WHO DANCE (Warner Bros.) — Um film falso. Quando Monte Blue apparece deformado, já se sabe que elle vae fazer uma operação para ficar bonito e conquistar a pequena... Já vimos isto e de maneira melhor, aliás, ha annos, com Warner Baxter, Bessie Love e Blanche Sweet. Lila Lee, Betty Compson e William Boyd (do theatro) completam o elenco.

RENO (Sono Art) — A volta de Ruth Roland á téla, depois de longa ausencia. Não sei se têm vontade de assistir á sua volta, francamente... Uma série de primeiros planos, com a ex-rainha das séries enchendo os vazios de uma fraquissima historia de Cornelius Vanderbilt. Ruth está muito linda, na verdade mas a sua representação é bastante antiquada. Ella monta a cavallo, sim...

ONE NIGHT AT SUSIE'S (First National) — Billie Dove mata o patrão, porque elle a tenta seduzir. Depois apaixona-se por Douglas Fairbanks Jr. e com elle se casa, no fim do film, é logico... Recommenda-se com reservas.

MILTON SILLS MORREU!

Entre as muitas que se escreveram sobre Milton Sills, a que se segue, é, relatando um pouco da sua grave molestia, ha tempos adquirida e que, afinal, o levou ao tumulo, mesmo; um pouco do que elle pensava de Hollywood e, ainda, um pouco das impressões que lhe causaram desastres de artistas formidaveis, como John Gilbert, por exemplo, que falhou com o Cinema falado. Vamos ler o artigo.

Depois de um anno de ausencia e de uma molestia terrivel que o assaltou logo após o fim do seu contracto com a First National, Milton Sills voltou ao Cinema. Nota-se, na sua exitação enorme, alguma cousa da immensa tragedia que, para elle, foram esses 365 dias de luta contra um mal que ameaçou sua vida.

Mostra-se hezitante. Mas não lhe falta o enthusiasmo! Aquelle mesmo enthusiasmo que animou tantos bons metros de pellicula e que, afinal, quasi fenece, para sempre, sob o peso daquelle tremendo exgottamento nervoso em que elle tombou. Milton Sills, apezar de tudo, ainda é o mesmo. Pouco familiarizado com o ambiente actual, pois afastou-se justamente no inicio da éra falada, voltou como que titubeante, indeciso.

Elle esteve terrivelmente doente. Os seus gestos, os seus pensamentos, as suas palavras, cheias de amargura, reflectem, sem possibilidades de discussão, o seu terrivel estado de abatimento após tão terrivel molestia. Mentalmente, então, elle parece cansado, vencido.

Milton Sills, desde que o Cinema americano é Cinema, pode-se dizer, tem sido um lutador que não deu nunca treguas á sua actividade de gigante. A sua lista de films é enorme Seus desempenhos notaveis, são innumeros. E isto, afinal, operou, nelle; aquillo que fatalmente teria de operar. Gastou o ultimo dos seus nervos. Fez com que não vibrassem, mais, nenhum dos seus sentimentos. Tudo parou e para que a vida não parasse, elle fugiu para muito distante. Para as montanhas. Afim de recuperar, se possivel, num descanso fertil, a parte maior da sua energia gasta. Se elle fallecesse, seria digno de nota o seu sacrificio pelo Cinema. Porque, afinal, foi o proprio Cinema, mesmo, que lhe roubou os instantes mais preciosos da existencia e, pelo seu excesso de trabalho, acabaria matando-o, mesmo.

Na verdade, elle pouco nos falou a respeito da sua molestia. E' muito recente o seu regresso. Ainda nem bem refeito está e não acha, sem duvida, bom e aconselhavel falar já tão cedo naquelle mal terrivel que quasi lhe arrasa a vida. E elle, falando pouco nella, conserva colladas as paginas que formam este capitulo negro da sua existencia. Diz elle, no emtanto.

Milton Sills, mais uma victima do Cinema falado...

— Devo o meu restabelecimento a Doris Kenyon. Ella abandonou o Cinema por mim. Agora, então, quasi dá sua propria vida por mim, tambem. Porque não me deixou um só instante e fez impossiveis, mesmo, para que eu vivesse, esses longos dias tragicos, o mais socegado possivel e o mais confortado, tambem.

Em comanhia de Doris Kenyon, sua meiga e carinhosa esposa.

Devo-lhe a vida, posso dizer! Ainda estou num estado de reajustamento mental. Acho tudo muito incerto. Apenas sei, de positivo, que tenho um novo e grande e bom contracto. Com a Fox. E espero, dentro em pouco, entrar em franca actividade para conseguir, assim, readquirir todos os preciosos instantes que minha molestia me fez perder. Mas,.. Prive-me de lhe falar mais sobre o meu mal. O mundo já é tão cheio de curiosidade e de impiedade. Para que continuar fallando e expondo meu mal, quando todos querem é saber isso mesmo, minuciosamente, dissecadamente, para que?... Apenas para dizerem, no fim, apenas isto: por mais um pouco elle batia a bota!... Vale a pena continuar fallando?...

Não tocamos mais no assumpto. Entramos, a seguir, por outro, mais agradavel, com certeza. Começamos a falar do Cinema falado.

— Era Cinema. Agora é uma pandega! Francamente, meu amigo, não é mais do que isso. Acho que a voz apenas presta, no Cinema, para uma cousa: reaffirmar uma personalidade. Isto é. Mostrar-se que um homem tem, mesmo, aquella tal voz que se esperava e... nada mais! De resto, como já disse, uma pandega! John Gilbert, por exemplo! Francamente, não comprehendo isso! Quando ainda estava lá em cima. Minha mulher leu-me trechos de artigos que diziam elle jamais seria o mesmo e que, sem voz, estava perdido para Hollywood. E' o maior absurdo que já ouvi! Por que? Matar John Gilbert, dessa forma, só porque elle não tem voz, é a maior e mais traiçoeira covardia que já vi, em materia de carreira artistica! Para o diabo a voz! Elle nos deu os pedaços mais formidaveis de interpretação que já vi. E' possivel liquidar um artista assim, quando, com certeza, elle ainda tanto tem a dar? Nos bons tempos do Cinema falado, meu amigo, não havia quem sustentasse um film ao lado de John Gilbert. Greta Garbo, mesmo, até nos "close ups" perdia para elle! Era formidavel, unico, phantastico, mesmo, em certos films! Porque anniquilar, assim, tanta arte e tão grande artista? Por causa da voz? Que immensa covardia!

Depois de uma pausa, continuou elle as suas considerações justas, sem duvida.

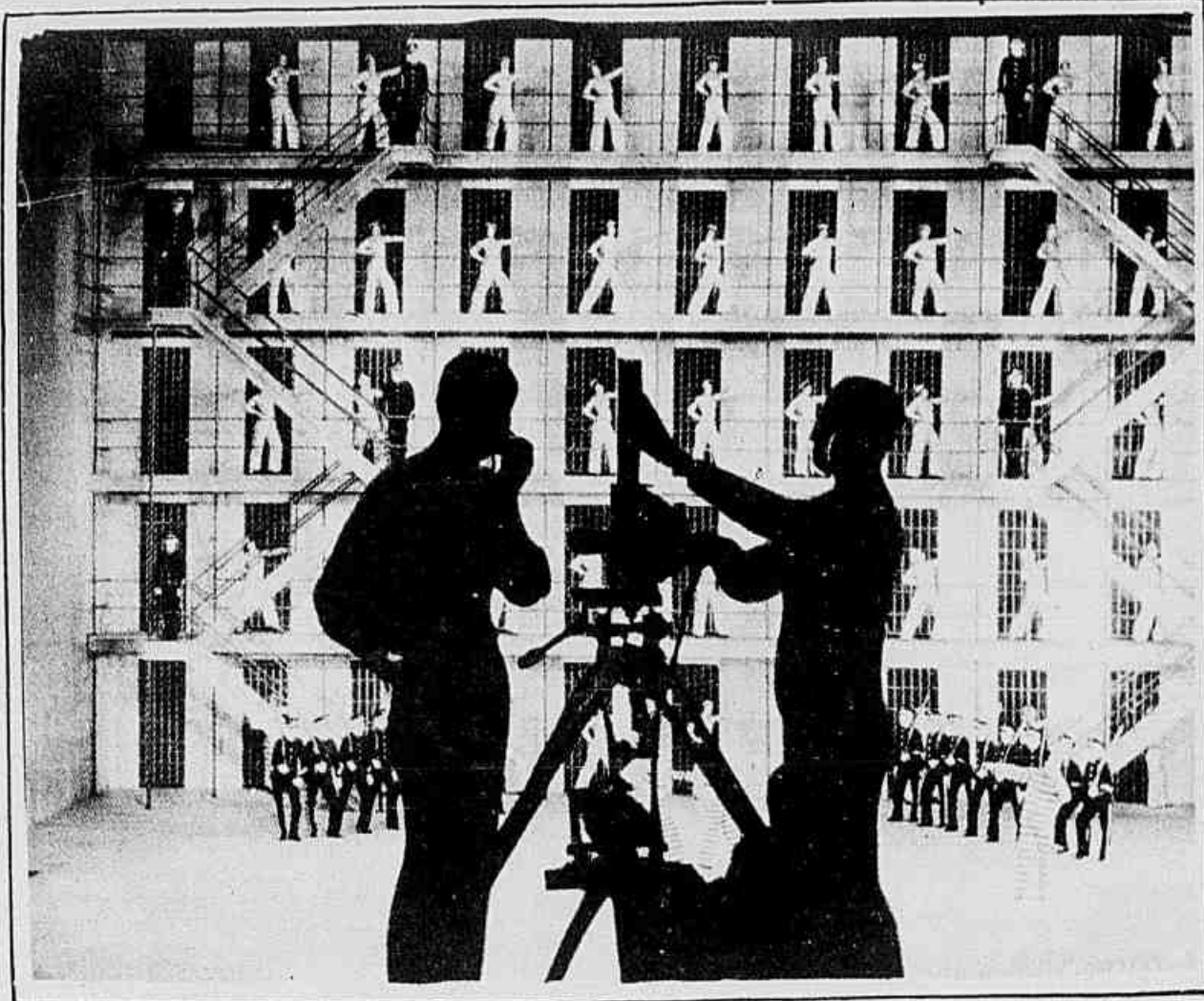
— Acho que a maior asneira que andam fazendo é substituir dessa forma a pantomima pela voz. A novidade é que tem posto mal em todos os olhos dessa gente que antes enchergava mas que hoje, infelizmente, já não vê um palmo adiante do nariz... E, por causa da novidade, fala-se um film todo, sem proposito e com proposito algum... E por essas e outras é que andam liquidando os

Eelle e Albert Prisco em uma scena de "O Gavião do Mar", um dos seus melhores films.

verdadeiros artistas e fazendo, das cinzas dos mesmos, nascerem outros que, além de virem da tremenda Broadway, trazem physionomias as mais anti-photogenicas do mundo... Agora tudo é uma mistura de som e voz. Apenas! Antigamente havia romance e havia sensação. Mas... O que fazer?... Eu, por exemplo, não tive que falar, em meus films? Agora, com o novo contracto, não tenho que tornar a falar e falar o film todo, ainda por cima? E havia de dizer que não? O meu ponto de vista é um só e ninguem o fará voltar atraz. Agora, eu tinha que falar. Porque var mudo e... com fome? Não! Falarei! E, além tenho uma familia e preciso sustental-a. Minha fortuna pessoal quasi que se vae toda por agua abaixo com minha molestia. Havia de me conser-

(*Termina no fim do numero*)

O casamento de Dolores Del Rio, com Cedric Gibbons, director de arte de diversos films, foi effectuado na velha e historica Missão de Santa Barbara, pelo rev. Frei Agostinho. Aqui, á sahida da Igreja, vêm-se Dolores e seu marido, Don Alvorado pelo braço de Mrs. Sidney Toller, amicissima da mãe de Dolores. A esposa de Don, ao lado da noiva, Benjamin Glazer e Madame Del Rio, padrinhos do casamento.

Dolores Del Rio tornou a casar! Ella disse que só se casaria por amor. A's vezes esses cavalheiros como Cedric é que são os bons maridos, mesmo...

Um quadro de uma das revistas da M G M

Pergunte-me Outra...

MIGNON (Rio) — Se me tivesse chegado ás mãos, teria sido respondida, com certeza. Aqui suas respostas: 1° — Envie photographias suas ao *Cinédia Studio,* com nome e endereço e, depois, aguarde chamada. 2° — Escreva-lhe aos cuidados da redacção, Travessa do Ouvidor, 21. 3° — Vae: *Dansa das Chammas,* com Pedro Fantol. Lelita será dirigida novamente por Humberto Mauro. A sua idéa já tinha sido nossa, ha muito e, com certeza, em breve o teremos. O meu nome? Mas eu já tenho confessado a tantas! Não tem lido? Eu me chamo... Operador!

NETINHA DO SHEIK (Rio) — Muito interessantes os seus commentarios. Vamos attendel-a, opportunamente. *Labios sem Beijos* para o mez. Acceito, sim. "Sheik"?... Será?...

LOPES SILVA (Nova Lima) — Muito interessantes e certos os seus commentarios. E' isso mesmo.

BRANCA DE NEVE (Blumenau, Sta. Catharina) — Gostei da sua comparação entre film e livro. Tambem do que diz do Cinema falado. Recebi suas photographias e, agora, é ter paciencia e aguardar o momento opportuno. Para Charles Morton, escreva á M G M Studios, Culver City, Calif. Continue escrevendo, sim, Branquinha de Neve! Até logo...

VIOLETINHA (Blumenau, Sta. Catharina) — Muito prazer em conhecel-a... Recebi suas photographias. Aguarde, agora, seu momento. E' apenas questão de opportunidade. Aqui vão os endereços que pediu: — Jeanette Mac Donald e June Collyer, Paramount Studios, Hollywood, Calif. Gwen Lee, M G M Studios, Culver City, Calif., Almery Steves, não sei o endereço actual. Adeus, Violetinha...

PARÁOÁRA (Pará) — Elle appareceu apenas num film, que foi esse. Depois, nunca mais fez nada. Dincan Renald, M G M Studios, Culver City, Calif., Ivan Lebedeff, R K O Studios, 780, Gower St., Hollywood, Calif., José Bohr, Sono Art-World Wide, Metropolitan Studios, 1040, Las Palmas Street, Hollywood, Calif.

ARYNAJ MIROMA (Ilhéos) — Não acertou, não. Mas... Vá lá! *Amiguinho,* serve, tambem... Não são *colossos,* não! Films falados em inglez, apenas... Distribuição é o principal problema, exactamente e já está resolvido, socegue... O film de Lia, para a Warner, chama-se *A Soldier Plaything.* Ella faz um papel regular e Ben Lyon, Harry Langdon e Fred Kohler, os principaes. Naturalmente é falado em inglez e como é film de guerra, ella fará um papel de *francezinha* que *mal* fala inglez. Lia Torá, N. Edinburg, Holly wood, Cali., Olympio Guilherme, 5516, Fountain Ave., Hollywood, Calif. O ultimo, aos cuidados desta redacção. "Dansa das Chammas" terá, sim. Pago na mesma moeda o abraço apertado...

E. CORREIA (Curityba) — Sinto muito, meu amigo, mas se fosse satisfazer ao seu pedido, tornar-me-ia, forçosamente, em pouco tempo, agente, aqui, de todos meus consulentes. Assumptos referentes á revista, com todo prazer, quando quizer. Mas comprar cousas estranhas á CINEARTE e remetter, comprehenderá que é impossivel. Aconselho-o a escrever a Hollywood, sim. Em separado devolvo-lhe a importancia remettida, 6$000. *Pergunta-me outra...* mas não assim...

F. LEAL (Rio) — O sr. Antonio de Souza e Silva entregou-me sua carta. Quem responde, sou eu, Operador. Escreva á Jeanette Loff para Universal Studios, Universal City, Calif. Está tudo *direitinho?...*

ROSALIE (Natal, R. G. do Norte) — Acceito sua amisade, sim. Por emquanto ella está sem contractos e, portanto, sem endereço fixo. Ao seu predilecto, escreva aos cuidados desta redacção. Elle anda por aqui mas, parece, não quer continuar mais. E' descendente de alle-

dos annos que me curvam a espinha? Pois olhe, é purissima verdade! Nós notamos a semelhança de ambos, sim e já lhe aconselhamos que faça tudo para não se parecer com elle. Ella vae bem, obrigado... Retribuo o abraço.

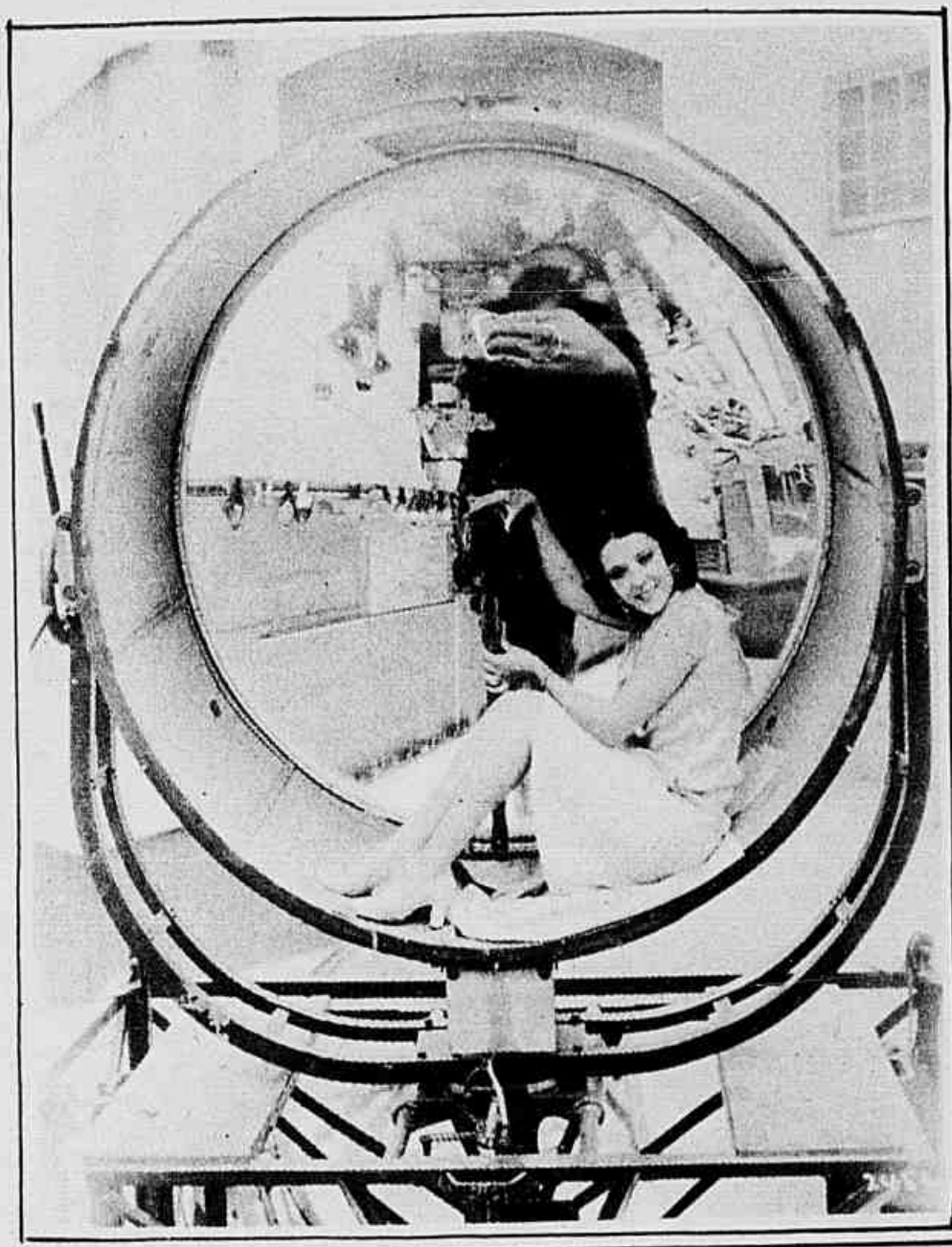
RADAGAZIO (Rio) — Comprehendi, perfeitamente. Mas, apesar disso, a photographia é sempre necessaria, para nosso archivo. Sua offerta, para ser acceita, depende apenas de occasião. Mande os retratos quando quizer e, tambem, as que anda tirando. A sua explicação sobre o *porque* da negativa á remessa do retrato, é tanto ou quanto mal... explicada.

INGLEZINHO (Uberaba, Minas) — Não posso explicar como ha de adquirir, porque nem sei do que se trata. Dolores Costello, Warner Brothers Studios, 5842 Sunset Blvd., Hollywood, Calif., June Collyer, Paramount Studios, Hollywood, Calif., Mary Brian, idem. Richard Dix, R K O Studios, 780, Gower Street, Hollywood, Colif., *Sangue Mineiro,* cotação 6.

mão, sim. Você tambem não acredita no peso

M. CHEVALIER (Jaboticabal) — Suas respostas, aqui estão: 1° — A *Cinédia* fará films falados em Brasileiro, sim. 2° — Ter-se bôa apparencia e bôa vontade. 3° — E' adaptação perfeita ao papel e ser facil de photographar. 4° — *It* é aquelle *que* que certas artistas têm e que as tornam mais apreciadas do que as outras... 5° — *Labios sem Beijos* será exhibido para o mez. Só posso responder de cinco em cinco perguntas, meu amigo. Se quizer enviar photographias, póde. Nem Jeanette e nem Billie Dove morreram. Foi *bluff.*

Mary Pickford negou todos os boatos de divorcio que andaram propalando e disse que se sente mais feliz do que nunca ao lado de Douglas. Mas... O Douglas?...

George Arliss vae reviver, para a Warner Bros., um dos seus antigos films silenciosos, "The Devil", que, ha annos, elle fez para a Associated Exhitors.

Raquel Torres sentada no interior do maior reflector do Studio.

A Columbia conseguiu emprestado o director J. G. Blystone da Fox, para dirigir a versão falada de *David, o Caçula.*

Ford Sterling vae fazer uma serie de comedias em dois actos para a Christie — Educational.

James Tingling dirigirá Jack Mulhall, Sally Starr, Eddie Nugent em *Love of Lil,* da Columbia.

Eric Von Stroheim, antes de iniciar seu novo contracto com a Universal, com a qual vae começar, fazendo *Maridos Cégos,* fará um passeio á Europa em visita á sua mãe que se encontra adoentada.

Louis Brooks, ha annos na Europa, voltará aos Estados Unidos para fazer um film falado para a Columbia.

Raymond Hackett terá o papel que Creighton Hale viveu, ha tempos, na versão silenciosa de *O Gato e o Canario.* Rupert Julian está dirigindo a mesma para a Universal.

Dorothy Jordan é a principal artista feminina do elenco de *Dark Star,* da M. G. M.

Louise Fazenda, que nunca foi estrella e é, muitas vezes, a dona de muitos films...

FRACASSOS DE

Todo individuo é propheta em sua propria terra. Mas, em terra estranha... é completamente differente!

Bem por isso é que muitos d o s grandes nomes da Broadway. Nomes que, em New York, fazem com que tombem os chapéos das cabeças... Fracassam em Hollywood, lamentavelmente, nem siquer conseguindo que alguem se volte meio milimetro para os observar...

Rudy Vallée, por exemplo!

Haverá alguem que não conheça Rudy Vallée?...

Pois... Hollywood não o conheceu! Assim que chegou a Hollywood, elle se poz a cantar, naquella sua maviozissima voz. No Hotel Roosevelt, por exemplo, cantou e enviou um recadinho a Alice White. O bilhete apenas dizia: — "Rudy Vallée q u e r ter o prazer de a enlaçar, numa valsa...". Quando o garçon exhibiu o bilhete, Alice, surprehendidissima, perguntou-lhe, num sorriso máo: "Mas quem é esse cavalheiro?" E quando a resposta voltou, R u d y levantou-se e resolveu desistir de Hollywood e seus films, já que tão pouco sabiam respeitar o seu renome de estupendo cantor e de unico tenor de voz de velludo...

Pobre Rudy Vallée! Todos te lastimam! Chegaste a Hollywood. Fizeste um film fraco. Cantaste em restaurantes e em cabarets e nem siquer sabiam teu nome...

Porque?

Apenas um fracasso de Hollywood... Isto é. Fracasso da Broadway em Hollywood...

Ruth Chatterton que, hoje, com constancia e com photogenia, conseguio, finalmente, ser conhecida em Hollywood, soffreu, a principio, vexames innumeros.

— Senti-me desgraçada!

Disse-nos ella, um dia. Diziam que ella éra convencida, orgulhosa, pouco perspicaz. Ninguem a queria tolerar em suas reuniões. Poucos eram os que a respeitavam, realmente, como a esplendida artista que é. Mas... principalmente, hoje, porque ella se rodeou de Aileen Pringle, Corinne Griffith, Lois Wilson e outros e outras e, num instante, provou que não éra orgulhosa, nem convencida, nem pouco perspicaz. Foi legalmente adoptada em Hollywood... Ahi a razão de não ter tombado redondamente, tambem...

Harry Richman, outro **idolo** da Broadway, coitado, cantou innutilmente em **Bancando o Lord**. Bancou o Lord innutilmente, mesmo... Cahiu, pobrezinho, com todas as honras do estylo...

films... Elle diz que não comprehende porque Hollywood é assim. Acha que Hollywood tem cerebro razo para comprehender a sua arte. Não sabe porque Hollywood procede assim... No emtanto, aqui para nós, Hollywood tem razão, não é? Só mesmo um myope ou um cégo serão capazes de **descobrir** arte e photogenia neste pobrezinho deste Morgan Farley...

Jeanette Mac Donald, póde accender vélas nos altares dos santos de sua predilecção. Chegou, viram-na, venceu!!! Rapidamente. Sem escrupulos. Sem discussões. Sem mais nada... E porque? Porque Hollywood não enchergá? Porque Hollywood tem o cerebro razo?... Não! Porque Hollywood sabe e conhece, de cór, as regras da photogenia e do bom senso. Jeanette éra de theatro, por acaso. Intimamente, photogenicamente, sempre foi de Cinema. E' linda. Fascinante. Cheia de **it**. Curiosa. Distincta. Elegante. Para que mais? Sinceramente: ella precisava cantar para conseguir o renome que tem, hoje?...

Marylyn Miller, um successo como cantora e bailarina, não conseguio ver Hollywood a seus pés. Dona de uma carinha ingleza. Isto é. Bonita mas sem sal. Sem **it**... Ex-esposa de Jack Picford, um dos genuinos filhos de Hollywood. Não conseguio derrubar Hollywood com seu **Sally**. Vamos ouvir **Sunny**... Mas, intimamente, não sabemos porque, achamos que ella devia tomar um comboio q u e vae rapidamente de Hollywood a New York e, lá, finalmente, descançar as idéas e a vontade de ser artista de Cinema... Ter photogenia, é uma cousa. Dansar... o u t r a, completamente differente!

Ina Claire, a esposa de John Gilbert, que já fôra um fracasso em Hollywood, ha annos quando fez um film para a Metro, voltou. Em New York, acharam-na, sempre, a **m a i o r** das **maiores**. Artista colosso! Sublime tragica! Esplendida comediante!

quando chegou, todos se curvaram diante della. Diziam que era a **maior garganta** da Broadway toda. De facto! Éra a maior **garganta**, mesmo... Trabalhou em **Canção do Deserto**, porque não havia remedio. Depois, entrou para um contracto de um anno, com a M. G. M. Até hoje não cantou nem para um **short** dessa fabrica. Ganha, sim, semanalmente. Aliás, este pagamento, em si, é a maior caçoada que Hollywood já fez com Broadway: p a g a religiosamente uma artista de New York e mantem-na calada, só para que não se estraguem metros de films e só para que ninguem soffra peores consequencias... Se temos Bébé Daniels, cantando, admiravelmente, por signal, para que haveremos de querer Carlota King?...

Harry Richman mandou encrespar o cabello e annunciou provaveis casamentos com estrellas conhecidas mas... Hollywood não quiz saber mais delle...

Morgan Farley, grande artista de Theatro, d i z que não sabe porque é que Hollywood não o aprecia... Porque será, hein?...

Sobre este pouco caso de Hollywood, que, alguns, chamam de **burrice** e, outros, de **snobismo**, ha uma piada que é definitiva. Diz a mesma que Michael Arlen, um dos grandes nomes da literatura americana e convencimento dos maiores, tambem, tomava um **lunch** num restaurante de Hollywood, com uma artista de Cinema qualquer. Ao fim do mesmo, depois de muito elle fallar em si, perguntou-lhe a artistazinha, entre ingenua e maliciosa: "Mas, Mr. Arlen, qual é sua profissão, hein?". Dizem que o dia seguinte não viu mais Michael Arlen em Hollywood...

Catherine Dale Owen, das artistas de New York, é outra que tem conseguido muitos trabalhos, é verdade, mas... pouquissimo publico, tambem é verdade... Naturalmente cheia de pose e affectada, fallando, não vence, no Cinema, porque o pessoal de Cinema é natural, antes de mais nada. Vencem, no Cinema, as artistas e os artistas de theatro que são sinceros e naturaes. Os affectados ficam, pobres, esperando uma opportunidade que não chega nunca...

Alberto Valentino, irmão de Valentino, mandou concertar o nariz e só faltou escrever na testa que éra irmão do fallecido grande artista. Deu festas. Toda Hollywood compareceu ás mesmas. Mas um dos mais maldosos, num dia de maior alvoroço, dizem, perguntou-lhe á sahida: — O senhor adoptou o nome Valentino depois da morte do grande Rudolph, foi?"...

Peggu Hopkins Joyce, deu escandalos, conseguio trabalhar em films, fez o que poude para ter a publicidade mundial do Cinema de Hollywood, para sempre.

JEANETTE MAC DONALD PRECISAVA CANTAR PARA VENCER NO CINEMA?

Innutilmente tem elle arranjado noivados famosos, de **publicidade**. Innutilmente, ainda, t e m mandado frizar seus cabellos seductores. Publicidade, para elle, não adianta. Hollywood ri-se delle, abertamente, quando assiste o seu film e Hollywood ri-se delle, francamente, quando elle apparece, naquellas poses de **grande** e de **idolo**, nas raras reuniões que lhe dão margem para frequentar... E' mais um que o Cinema fallado arranjou em New York mas que Hollywood, o berço do verdadeiro Cinema, não supportou e não supportará, mesmo.

Morgan Farley, q u e representou nas grandes peças **The American Tragedy, Fata Morgana** e outras, de igual renome, creatura que Broadway sempre respeitou, em Hollywood, o pobre, nada mais é do que um **extra** que a Paramount prefere pagar, mesmo, do que utilizar em seus

Casou-se com John Gilbert. Augmentou, portanto, 60 % na sua publicidade particular. Hoje, no emtanto, coitadinha, só é conhecida com **Mrs. John Gilbert** e nada mais... E' a prova mais do que evidente da victoria de Hollywood sobre Broadway. Fallado ou silencioso, o pessoal de Hollywood é de facto! Nada de bôas vozes e grandes nomes dos palcos! Photogenia e it, apenas... Ina Claire, assim, é mais um dos fracassos da Broadway em Hollywood... Carlota King,

Irene Bordoni... "Paris..." E agóra?...

Não pegou. Hollywood a achou **encantadora**, re-
lmente, mas não foi além disso. Riu-se a valer das
uas façanhas e serviu-se de algumas dellas para deta-
lhes de films seus... Depois... fizeram-na viajar ex-
pontaneamente, expontaneamente z a n g a d a igual-
mente...

Irene Bordoni... O que é feito della?...
Paris appareceu. Ella, com elle. Cantou
e applaude constantemente: Charles Lindbergh! Mas, isto mesmo, porque os **Metrotone** e os **Foxnews** e os **Paranountnews** andam muito divulgados... e elle Lindbergh, mesmo, já tinha inaugurado mais aerodromos do que Hollywood estreado films...

Não existirá mais alguem em New York que queira ensinar **dicção** e **vocalização** a Hollywood?...

Se tiver, que entre já para esta listinha, antes della se fechar...

HOLLYWOOD

Ruth Chatterton, uma das que ficou, realmente, porque antes de ter fallado, já havia apparecido em "Peccado dos Paes" e provado que é genuinamente Cinematographica, antes de tudo.

Teve grande reclame. Mas... Cadê Irene Bordoni?... Hollywood apenas assignou o seu passaporte de ida para a Europa, dar **concertos**... Mas, sinceramente, achamos que nem depois dos **concertos** conseguirá ella um lugarzinho em Hollywood, de novo...

Fannie Brice, quando chegou a Hollywood, annunciou uma fama theatral maior do que um arranha-céo de New York... E, tambem, fez bastante publicidade do seu tremendo nariz. Vieram os films. Afinal... está ella, como no principio, no ról daquellas que os porteiros dos Studios não deixam entrar, sem mais aquella, porque pensam que seja uma **extra** de film comico em dois actos, com pastelões, etc....

Ruth Elder fez um vôo regular. Teve uma publicidade enorme. Quando chegou a Hollywood, publicou em todos os jornaes: "Ruth Elder chegou". Alguns se riram e perguntaram á ella, curiosos, quem ella éra...

Quando contou o **reid** e o successo mundial do mesmo, offereceram-lhe um lugar de **double** numa scena qualquer de aviação e ella resolveu deixar mania de pensar que Hollywood conhece todo mundo...

Só ha um homem que New York applaudiu freneticamente e Hollywood tambem applaudiu

RudyVallée que mandou um bilhetinho a Alice White convidando-a a dansar e ella mandou perguntar quem elle éra...

Marilyn Miller, ex-esposa de Jack Pickford e um dos fracassos de Hollywood...

Raoul Walsh affirma que John Wayne, o seu principal artista de **The Big Trail,** é um dos maiores vultos que o Cinema já teve.

Eric Von Stroheim, que voltou á Universal, iniciou os trabalhos de direcção do film **Maridos Cégos** (Blind Husbands) que, ha annos, fez como film silencioso. Temos quazi a certeza de que Von Stroheim apresentará o Cinema fallado sob outro aspecto completamente differente. Com a entrada de Von Stroheim, o elenco de directores, da Universal, é o seguinte: — Eric Von Stroheim, John M. Stahl, Henry King, Monta Bell, Rupert Julian, Tod Browning, Edwin Carewe, John S. Robertson e Mal St. Clair. Ao que parece vae ella, agóra, cuidar seriamente de sua producção.

Esst is West, que Monta Bell acaba de dirigir, para a Universal, com Lupe Velez, no principal papel, teve, como galã, Lew Ayres, que, em **All Quiet on the Western Front** fez um tremendo successo.

Morocco, que Josef Von Sternberg está dirigindo e que, segundo pretende a Paramount, será o **Beau Geste** dos films fallados, tem, no elenco, além de Gary Cooper e Marlone Dietrich, Adolphe Menjou e Juliette Compton. Menjou fez viagem e deitou pose, em Paris. Agóra está tendo terceiros papeis em films da propria Paramount que elle deixou arrogantemente...

The Passion Flower, romance de Kathleen Norris, terá, no elenco, Leila Hyams, no principal papel, Kay Francis, Lewis Stone e Charles Pickford. A direcção caberá a William C. De Mille. O film é da M. G. M.

Sunny, que William A. Seiter vae dirigir, para a First National, com Marilyn Miller no principal papel. Terá, como galã e principal figura masculina, Lawrence Gray, actualmente em grande evidencia, por causa de sua excellente voz.

Fannie Bricce pensou seduzir Hollywood com seu mimoso nariz e sua riquissima voz. Conseguiu?

E' provavel que Alice White, que agóra está **free landing,** depois de ter abandonado a First National, estrelle uma das importantes revistas de Florence Ziefield. Para tanto já andam adiantadas as negociações.

Para o seu primeiro film, depois do seu novo contracto, Robert Z. Leonard, director da M. G. M., dirigirá Marion Davies em **Rosalie.**

Depois de **Rolling Down to Rio,** George Bancroft fará **Whispering Smith,** sob a direcção de Edward Sloman, para a Paramount. Este film, aliás, ha annos, H. B. Warner já o fez para a P. D. C., com a direcção de Rupert Julian.

Charles Ruggles, da Paramount, foi cedido á Columbia para figurar no papel que Syd Chaplin criou, ha annos, para **A Tia do Carlito,** que a mesma fabrica produziu.

Little Miss Bluebeard, que, ha annos, a propria Paramount filmou com Bébé Daniels e Raymond Griffith, será feito, novamente, com Frank Tuttle dirigindo e Clara Bow e Ralph Forbes nos principaes papeis.

The Bat Whispers, que Roland West está dirigindo para a United Artists, com Chester Morris, no principal papel, marcará a volta de Ben Bard aos films.

Serge Eisenstein, para scenarizar seu primeiro argumento, para a Paramount, escolheu, de todo departamento de scenarios, **O. P. Garrett,** para o fazer e allegou que assim fazia, pelo trabalho que este scenarista apresentou em **Stret of Chance.**

O Cinema Brasileiro é, de todas as grandes iniciativas nacionaes, a que devia gozar de maior prestigio por parte dos nossos dirigentes.

A VIDA de

(*Continuação do numero passado*)

tinham um duplo significado que, talvez, nem elle proprio ainda soubesse o que queriam dizer. Foi um formidavel successo! A assistencia, toda, rompeu num applauso frenetico. Porque viram, todos, que um garoto, ainda, cantava com mais expressão e com mais intelligencia, mesmo, do que muitos dos "grandes" cantores que por ali tambem passavam...

Quando elle terminou, a assistencia rompeu em applausos e pediu mais. Não importava a voz que não era das melhores e nem nada. Queriam m a i s, apenas! Tambem não lhes importava, absolutamente, que elle não conseguisse accompanhar o piano e que o piano, ao contrario, é que sempre viesse correndo atraz da sua voz. Tambem não importava! O publico queria mais, apenas. Elle, sem se atrapalhar. Com uma terrivel presença de espirito, não se fez de rogado. Atirou-se para diante delles, de novo e, com a mesma graça e o mesmo vigor, cantou novas canções que, mais e mais, foram augmentando o profundo interesse e enthusiasmo daquelle publico, por elle. quando terminou o espectaculo, elle se sentia feliz. Fôra a sua primeira grande noite. Elle se sentia emocionadissimo. O empresario, á sahida, pediu-lhe que tornasse a apparecer. Nada lhe podia pagar e disso muito bem sabia Maurice. Mas, com aquelle palco, livre, poderia sempre ali apparecer, nos dias proprios e,assim, procurar ser notado por algum empresario que por ali estivesse e o quizesse approveitar para um theatro maior e para maiores opportunidades.

E foi exactamente o que aconteceu. De uma das feitas, um ex-artista que ali se achava, ouviu-o e por elle se enthusiasmou. Ao cabo do espectaculo, chamou-o e perguntou-lhe se gostaria de arranjar uma collocação, num palco. Com a resposta affirmativa, despediram-se, marcando um encontro para depois, afim delle o apresentar num theatro e conseguir a collocação que promettera para elle. Essa noite, Maurice correu para casa, com maior impeto, para mais depressa dar as novidades a Madame Chevalier, que já o esperava.

Justamente nesse periodo, elle acabava de desanimar completamente de aprender o officio de carpinteiro.

Eram demasiadas as queixas. Todos elles, porém, affirmavam uma cousa: que, como carpinteiro, Maurice era um excellente arrebentador de ferramentas... E Maurice, afinal, podia desistir de continuar naquillo que tantos aborrecimentos lhe davam, para se dedicar, finalmente, ao que era a sua unica e grande paixão, o palco.

O homem lhe disséra que, para começar, talvez se conseguisse, num theatro que elle conhecia, um ordenado de 12 francos por semana, mais ou menos. O que era uma ninharia, com certeza, mas, para começar, era um colosso.

Foi ahi que se fez a reunião de familia para decidir sobre a sorte de Maurice. O irmão mais velho, sem mais delongas, foi contrario á idéa. Achava que era uma cousa *indecente*. Mas a Mãe de Maurice, já pensava com mais calma, sobre o assumpto...

Porque um artista na familia? Perguntava o irmão mais velho. Se todos elles tinham ganho o pão para o sustento das casas, a poder de braços e mãos, como poderia Maurice conseguir o mesmo, apenas divertindo e fazendo "graças" para os outros?... E a Mãezinha? Sabia ella, por acaso, o que significava ser "artista?" Era a pergunta que lhe faziam. E, em seguida, davam a resposta.

— Ser artista é viver em más companhias, com gente debochada e de poucos escrupulos! Maurice deve tirar isto da cabeça. E' *immoral!* E' *immoral!* E neste pé andavam as cousas.

Entre os dois filhos. Um, furioso e o outro, ansioso. Ella relutava. Depois resolveu-se e disse, com firmeza.

— Não! Elle é um bom rapaz. Não se corromperá. Que siga a sua vontade. Se fracassar, sempre será tempo para se tornar um carpinteiro! Para que contrariar um instincto, uma vontade?...

E, com isto, desarmou ella todas as theorias dos irmãos

Chevalier... *Recordando seus tempos de "boxeur" amador, imitando um dos frequentadores do theatro que frequentava, em menino e no lar que Hollywood lhe deu em troca da voz e do sorriso.*

de Maurice. Irmãos que, mais tarde, diziam, orgulhosos; olhando a Maurce e respondendo a reporters que lhes perguntavam coisas.

— Nós somos irmãos de Maurice Chevalier, sim!...

E foi assim que Maurice Chevalier conseguiu a sua primeira opportunidade, ganhando algum dinheiro pela sua representação. De pequenos contractos em pequenos contractos, trabalhando sem cessar, até que, afinal, foi melhorando de vida. Os 2 dollares e meio, ou sejam, os 12 francos por semana, fizeram-se, em pouco tempo, 4 dollares e meio. E, depois deste salario; para cantar em outro "music hall", um contracto já maior. De sete dollares por semana. Foi por essa época que o segundo irmão de Chevalier se casou e assim com aquelles sete dollares por semana, poderia elle, facilmente, sustentar sua Mãe e a si proprio. Era longo o contracto e lhe garantia, felizmente, um socego de mezes.

No emtanto, embora grande, o contracto terminou. E, sem mesmo esperar, Maurice achou-se, de um momento para outro, desempregado e atravessando, em sua vida, um dos seus momentos mais negros.

Estava-se em pleno verão e em verão agudo. Não havia quasi serviço, para ninguem. E, dias e mais dias, gastavá-os elle, todinhos, a procura de um emprego que lhe parecia fugir e e que, naquella circumstancia, era a cousa que elle mais precisava e mais queria. Neste caminhar, diario, chegou á uma resolução extrema. Seria, se preciso fosse, carpinteiro, mesmo. Porque, entre um sonho e sua Mãe. Precisava antes zelar por ella e, assim, resolveu-se.

Por elle, pouco se lhe dava. Viveria comendo um "cachorro quente" aqui e bebendo uma cerveja acolá. Dormiria em bancos de jardim, se preciso fosse. Mas sua Mãe não podia ficar ao relento e merecia toda a attenção. Assim, como poderia elle proseguir teimando e sonhando, quando alguem que elle tanto queria, estava a soffrer as consequencias de o ter amparado em seu ideal, apenas?

Foi, durante este periodo, que elle fez uma promessa que, pela vida toda, tem cumprido. Viver, dali para diante, com qualquer quantidade de dinheiro que ganhasse, gastando apenas á metade. E, a outra, guardando-a para circumstancias identicas áquella que estava atravessando.

Chegou o dia, mesmo, em que nada havia em casa para comer ou siquer para olhar... Elle pediu ao dono de um café, permissão para cantar, para os seus freguezes e, depois, passar o chapéo, afim de colher nickeis. Elle era pouco mais do que uma criança e esta humilhação ia-lhe marcar fundamente a alma, pará sempre. Mas era, emfim, uma solução para aquelle problema. Resolveu adoptal-a...

Afinal, passaram as suas más horas. Vieram dias melhores, com a sahida do verão. E, afinal, para ser uma especie de *rapaz de côro*, foi elle contractado para figurar na peça *La Parisiana*. E, em pouco tempo, o seu talento foi notado pelo empresario que, incontinenti, tratou de lhe arranjar melhores opportunidades, em favor do seu proprio espectaculo.

Foi assim que, um bello dia (noite, aliás) surgiu Maurice Chevalier naquelle theatro, para o qual fôra contracto apenas como "rapaz de côro", cantando suas canções maliciosas, de sempre e imitando, com rara felicidade, artistas e personalidades celebres daquella época. E tal foi o seu successo, que, num instante, de 7 dolares por semana; passou a ganhar 14 e, ahi, teve a satisfação de saber que estava ganhando, naquella profissão "immoral", mais dinheiro do que os ordenados juntos de seus dois irmãos...

Elle tinha, então, dezeseis annos. Agora vamos ouvir um pouco de suas palavras, mesmo.

— Acho que os annos que se seguiram, em minha vida, não são tão interessantes para o publico conhecer, lendo. Foram muito interessantes na minha vida, com certeza. Mas não tiveram peripecias. Foram mais um "crescendo", em minha carreira, do que outra cousa qualquer. Dahi para diante, não tive mais tanto trabalho para garantir meus contractos. Comecei a trabalhar em Paris e nas principaes cidades francezas, tambem. E, como sempre, eu mais me importava com meus papeis e com meu trabalho do que com meu ordenado, mesmo...

— Uma das cousas que sempre esteve em minhas cogitações, foi ser original. Eu jamais quiz realizar uma cousa e, sobre ella, descançar toda a minha carreira. Eu queria, sempre, advinhar coisas que o publico gostasse e, assim, procurava, dia a dia; melhorar meu repertorio que já se fazia bem grande, aliás. Como artista, diante de um publico, precisando trabalhar, eu sempre considerei um crime, mesmo, ser vulgar e pouco caprichoso. Para imaginar determinadas cousas de minha representação, não poucas vezes eu mesmo, ser vulgar e pouco caprichoso. Para imaginar determinadas cousas de minha representação, não poucas vezes eu mesmo fui o mais severo dos criticos, sentando-me, mentalmente, entre os espectadores, para commentar á mim proprio, no palco, representando. E, assim, querendo sempre divertir e alegrar meu publico, jamais esmoreci na campanha que sempre mantive, commigo proprio, em prol da originalidade.

Foi por isso que, de uma feita, elle accrescentou dansas ao seu repertorio de canções. Naquelle tempo, em Paris, não havia um cantor-dansarino. Ou eram cantores os artistas. Ou dansarinos. Mas os dois, conjunctamente, não!

Por essa época, justamente, appareceu em Paris, cantando e dansando, simultaneamente, um americano. Aquillo deslumbrou e marcou um grande successo.

Um dos seus immitadores, foi Chevalier. Sempre e sempre, naquelle seu afan de melhorar seu repertorio e sempre o tornar original, principalmente.

Foi com esse numero que elle se consagrou, de vez. Porque, além de imitar o dansarino americano, per-

(*Termina no fim do numero*)

Maurice Chevalier

Castellos DE Illusões

John Hale. Poeta e romancista. Era o que todos sabiam e como todos o conheciam.

Mas andava sem inspiração. Sem gosto pela luta. Sem nada. Diziam-lhe, alguns amigos, que em logares pitorescos, romanticos, aprazíveis, elle conseguiria a inspiração que queria.

Mas... aonde? Que logares? Sempre aonde andava, eram encontrões com individuos brutaes, sem sentimento. Ou ouvindo ruidos os mais ensurdecedores e e improprios para o despertar da vontade de escrever bem e bonito.

Mitzi é que salvou a situação. Ella era da Latavia, um Paiz que era bem o que John Hale sonhava. Paiz de fantasia e romance. De idealizações e aventuras. E, para lá, mais do que depressa, seguiu John Hale que, em sua companhia, levou Rusty, seu inseparavel amigo.

Antes de partir, porém, Mitzi já tinha o seu plano assentado. Faria com elle deixasse todo seu dinheiro em suas mãos e, depois, abandonava-o, fosse aonde fosse.

— Descobri tudo!

— O que? Tudo o que?

— Vaes ser miseravelmente explorado!

— Eu?... E por quem, homem?

— Por Mitzi!

E Rusty, que tudo soubéra, occasionalmente, estava defronte a John Hale e contava-lhe a historia toda. Os planos de Mitzi. O que ella tencionava fazer. Seu ardil para o "depenar", completamente...

E John Hale seguiu para a Latavia. Mas... sózinho! Isto é. Com Rusty, é evidente.

Mitzi não seguiu. Ficou furiosa e damnada, jurando vingar-se se possivel fosse de ambos: a victima e seu ardiloso secretario...

Na Latavia, o castello dos Von Baden foi, logo, o encanto de Hale. E, auxiliado pelas circumstancias, intalla-se confortavelmente no castello, disposto, mais do que nunca, a passar uma noite agradavel e, durante ella, angariar os necessarios ingredientes romanticos e sentimentaes para a composição do seu romance...

A noite toda, porém, Hale e Rusty não pregaram olho. Era um abrir e fechar de portas. Vultos que se esgueiravam pelas paredes. Gente que falava, baixo. E, por mais que ambos se quizessem convencer de que não era mais do que sonho e fantasia, acabaram se convencendo de que era verdade, mesmo... O dia seguinte, pela manhã, foi accentuado em pesquizas varias e sortidas. Por todos os cantos do palacio, avidos, Hale e Rusty procuravam sahidas para aquelle mysterio todo. Até que Hale, sem o querer, mesmo, descobriu uma porta secreta que conduzia para um immenso e negro corredor.

Refeitos do susto e cheios de uma subita coragem, ambos enveredaram por ali e, ao fim do mesmo, descobriram uma sala secreta. Dentro della, quando entraram, encontraram apenas uma lindá mulher, assustada e medrosa e uma criancinha cheia de encantos, ao seu lado.

— Quem é o senhor?...

Foi a pergunta assustada que ouvio.

— Sou... Isto é... John Hale, escriptor e poeta americano do norte...

— E eu Rusty, seu secretario particular!

Era a Condessa Von Baden. Em instantes fez-se conhecer. Depois, num impeto, contou-lhes toda a negra tragedia da sua existencia. Os máos tratos do Conde. O seu divorcio, emfim e, por ultimo, a sua grande coragem em raptar a pequena do proprio Conde, arriscando-se até á propria morte pela felicidade e bem estar de sua filhinha.

— E quer tel-a para sempre comsigo? A bondade expontanea do olhar de Hale e a sympathia do seu secretario, acabaram, mesmo, convencendo a Condessa de que ambos eram sinceros.

— Pretendo. Mas tenho a certeza de que nada conseguirei... Hale approximou-se della. Num impeto contrario ao seu genio calmo, jurou-lhe, com firmeza, sua dedicação

— Salvarei sua filhinha e farei com que sempre a tenha em sua companhia, Condessa. Póde confiar!

Dahi para diante, tudo correu bem. John Hale e Rusty, cheios de artimanhas, conseguiram o que desejavam. Encaminharam a fuga da Condessa. Fizeram tudo para que ella apanhasse um dos aeroplanos que estavam por sahir e, assim, se livrasse da situação embaraçosa em que se achava. E, emquanto caminhavam os planos, avantajadamente, ás noites, passava-as Hale ao lado della, ouvindo-lhe á voz impregnada de romance e vendo-lhe o rosto formoso e cheio de seducção.

Uma noite, quente e romantica, Hale teve-a entre os braços e beijou-a com amor e paixão, depois. Sentiu que ella o amava, tambem, tão ardentemente correspondeu ao seu carinho. E se não fosse a subita e inopportuna apparição de Mitzi, elle ahi teria ficado, terno, acariciando-a até ao fim de sua existencia...

— Mitzi!

— Sim, meu amigo, sou eu. Você veio para a minha terra, mas eu conheço esta historia toda da Condessa e, agora mesmo, o Conde de tudo saberá!

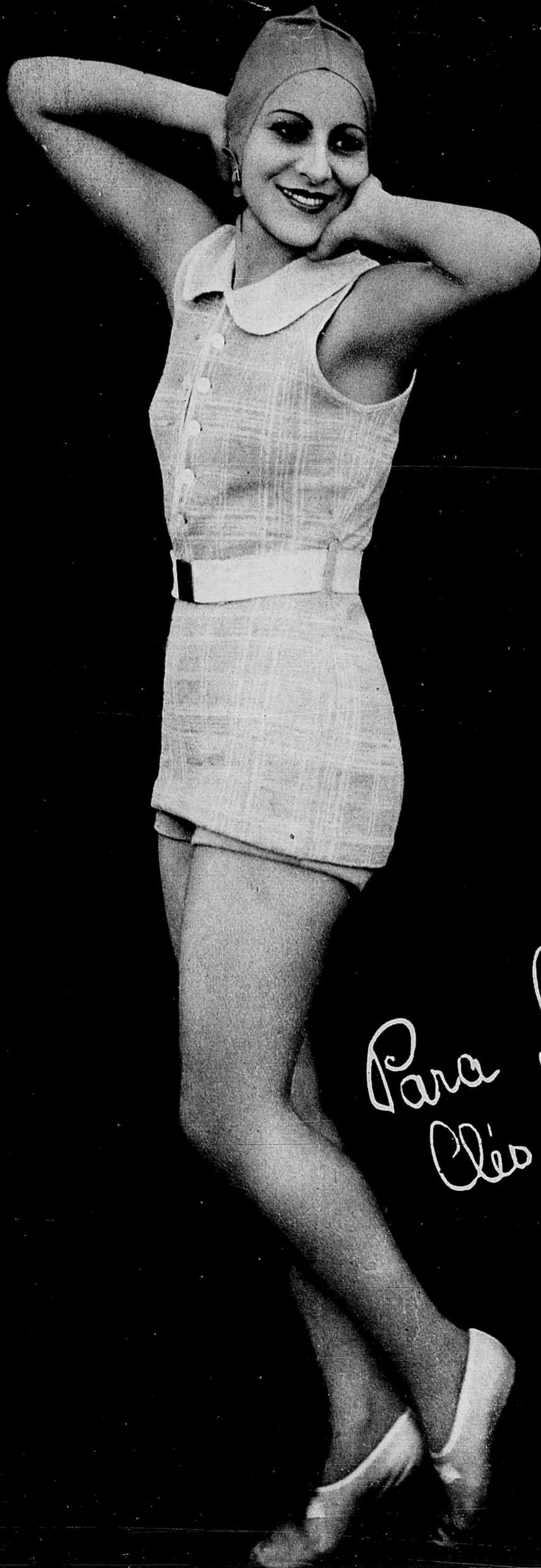
Por mais que a perseguissem, Hale e Rusty, não mais a encontraram. E, nervosos, procuram novamente a Condessa. Esta, num impeto, beijando-o, de novo, pediu-lhe que preparasse tudo para a fuga, immediata, antes que apparecesse o Conde e seus sicarios.

Na manhã seguinte, quando o aeroplano já se preparava para erguer vôo, levando, comsigo, a Condessa e sua filhinha, appareceram o Conde Von Baden. Mitzi e seus companheiros.

(*Termina no fim do numero*)

(A ROYAL ROMANCE) — *Film da Columbia*

William Collier Jr. . . . . *John Hale*
Pauline Starke . . . . *Condessa Von Baden*
Clarence Muse . . . . *Rusty*
Betty Boyd . . . . *Mitzi*
Ulrich Haupt . . . . *Conde Von Baden*

Director:— ERLE C. KENTON

Para "Cinearte"
Cléo Verberena

ANITA PAGE
Cinearte
24/9/30

JEANETTE LOFF

cinearte

EVELYN BRENT

Cinearte

O ninho de amor que Richard Arlen mandou fazer para Jobynna Ralston. Charles Farrell está visitando e se esquecendo de que tres é sempre multidão...

Greta Garbo... O unico mysterio que Hollywood não destruiu e a unica estrangeira *que o Cinema falado não repatriou...*

TEMPERO QUE

E' o tempero das personalidades *estellares.* Tempero que ellas têm para dominar e conquistar o publico que vae aos Cinemas para se divertir e para ter o paladar da alma plenamente satisfeito...

O caso de Theda Bara, por exemplo, define a época em que o publico ia ao Cinema para ver uma vampira daquellas. Colleante com uma serpente e gorda como uma baleia... Cousas que, naquelle tempo, eram successos formidaveis.

Theda Bara originou o mysterio a envolver a existencia de uma artista, para tornal-a apetitosa ao publico. Foi, mesmo, o primeiro caso *mysterioso* do Cinema. Dizia, uma das versões da *fabula,* que ella tinha nas veias, o sangue dos Pharaós. Diziam, mesmo, que ella era uma Princeza Egypcia, nada, nascida sob a sombra de uma Esphinge e proveniente de um harem dos amores de um aristocrata inglez por uma das princezas enclausuradas.

Outra historia, mezes depois, dava-a como uma bailarina que, no seu passado, fugira de uma selva incandescente, durante um tremendo incendio que lá tudo devastara. Mas, dias depois, já apparecia uma nova versão, destruindo todas as outras. Dizia-se que Theda Bara, afinal, ella mesma, nada sabia sobre seus parentes e nem, muito menos, sobre seus antepassados. E, mais adiante, dizia-se que ella, por acaso, vivia uma vida terrivel, cheia de privações e desillusões e que desse montão de infelicidades, tirou-a o Cinema para transformal-a em *vampiro* peregrino e perniciosa...

Mas as cousas pegavam, mesmo e o nome de Theda Bara, afinal, ia ganhando vulto e o publico, nas suas demonstrações varias de bôa fé, mostrava, claramente, que acreditava em tudo aquillo que haviam contado. Na historia da Esphynge. Na floresta em chammas. E na descoberta para o Cinema, na infelicidade maior da vida. Aquillo, na imprensa de todos os dias, era divulgado para todos os pontos do Paiz e, mesmo, do mundo e, assim, Theda Bara passou a ser, em pouco uma *mulher fatal,* exquisita e perigosa, á qual ninguem podia resistir...

Mas... Os productores, sempre pouco atilados, entraram logo com um desastrado passo. Resolveram offerecer, aos chronistas de jornaes e revistas, uma festa, em homenagem á *exquisita* Theda Bara. Ornamentou-se tudo da maneira mais differente possivel. Jogaram mysterio e seducção por todos os cantos. Aranhas de fantasia. Serpentes de verdade. E uma serie de cousos terriveis, para justificar, em parte, a propaganda que se havia feito della. E, para este ambiente de suffocação e de perfumes, convidaram a imprensalocal para uma recepção em homenagem á *differente* Theda Bara.

Mas aquillo tudo, posto ali com a unica intensão de deslumbrar e cegar, nada mais conseguiu do que as risadas innumeras e francas de todos quantos ali vieram, para apreciar a *unica* Theda Bara. E, ao cabo da conversa, sahiram todos em francas gargalhadas, deixando a *estrella* furiosa e passadissimos os seus productores de tão pouco tino e tão rara inhabilidade...

No dia seguinte, cada um daquelles que ali estivera, escrevia a sua historia. E em todas ellas, o nome de Theda Bara passava a ser uma realidade engraçadissima. E, do dia para a noite, a mysteriosa passou a ser *gosada* e aquellas fantasias todas de Egypto, etc., reduziram-se ao que ella verdadeiramente era: judia de Ohio, uma das Cidades dos Estados Unidos...

O mytho todo com que se cercara a artista, tombou, fragorosamente. A tradicional vampira do Cinema levou como que um murro na fama. Podia ser, mesmo, que o publico não acreditasse em nada daquillo que, antes, fantasiavam. Mas, afinal, para os films, dava mais sensação, sendo assim, do que sendo, afinal, o que ella realmente era... O publico queria illusão, fantasia ameaças de volupias differentes de um Paiz differente, como é o Egypto. Quando tiveram a certesa de que ella, afinal, era uma *girl* de Ohio, desilludiram-se, dahi para diante, não mais fizeram fé em Theda Bara...

Um dos exemplos modernos disto que ha annos succedeu com Theda Bara, para arranjar-lhe aquelle *tempero* differente que o publico quer, é Jetta Goudal, que ainda se mantém em Hollywood, principalmente, antes de tudo, porque o mysterio que a envolve ainda é crescente. Só que é, como diremos... Um mysterio moderno! Isto mesmo! Ella, conforme já disseram, é a *gata que caminha só.* E tem, afinal, alguns pontos de afinidade com a historia que acabamos de contar da lustrosa e volumosa Theda Bara de outros tempos...

Uma constante aureola de mysterio circunda a vida de Jetta Goudal. E, entre as razões para este mysterio persiste, existe uma, realmente ponderavel: porque é ella tão exquisita e tão differente, a começar pelos vestidos e pelos penteados? Quando Hollywood, toda, usava vestidos curtissimos, Jetta Goudal usava-os arrastando ao chão. Quando os cabellos tombaram, a poder de moda, os de Jetta Goudal conservaram-se perfeitamente intactos e volumosos. Os seus braceletes, cada

Lupe Velez... Que sempre foi discutida com pouca cortezia pelos creadores de noticias de publicidade...

qual mais exquisito, tambem eram motivos para commentarios diversos. Seu lar, é, tambem, uma das cousas *differentes* que a tornam coriosa, para Hollywood mesmo, quanto mais para o publico.

Jetta Goudal é daquellas que fala muito pouco e olha muito mais... São muitas as historias que se contam da sua origem. Ella nem as sustenta e nem as refuta. Uma dellas, por exemplo, deu-a como filha da famosa espiã mestiça, Matahari, que foi fuzilada pelas forças francezas, durante a Grande Guerra, por ter sido comprovadamente apanhada em espionagem, por parte da Allemanha... Em muitas de suas poses, realmente, Jetta Goudal suggere uma bailarina Javanesa e, em outras, mostra-se, mesmo, com uns ares de Matahari, segundo photographias

O PUBLICO QUER...

que esta deixou, dos seus bons tempos cheios de vida. No emtanto, ella, a interessada, nada diz. Nem que sim. Nem que não.

Sua publicidade, dahi para diante, passou a ser feita sob medida. Pelo seu typo e pelas suas attitudes, acharam de a fazer temperamental. E, nas proximas noticias, surgiram as *novidades* que, afinal, iriam ser mesmo *novidades* para a propria Jetta Goudal. Davam-na como impetuosa, desrespeitadoras das vontades dos directores. Revoltada contra o trabalho e contra os papeis que tinha e mais uma série de cousas assim que, por fim, acabaram compromettendo sériamente sua carreira.

No emtanto, quando Cecil B. De Mille quebrou seu contracto com elle, allegando, perante todos, que assim o fizera, porque não a podia governar e nem suportar, por ser ella assim temperamental, deu elle um golpe certo e intelligente. Aproveitou-se da publicidade que a dava como tal e, assim, gosava da razão a seu favor, indiscutivelmente. Ella, por sua vez, admittia, realmente, que não concordara com o celebre director. Mas que sempre discutira polidamente e polidamente se portara, tambem. Não havia evidentemente, mesmo, de que ella se houvesse portado com inconveniencia. Depois que ella perdeu a questão, disse a um reporter que a procurou, apenas isto: *"Tantas vezes contaram a mentira que, afinal, ella pegou, mesmo..."*

Em segunda discussão, ella venceu o processo e recebeu, afinal, os 30 mil dollars que lhe cabiam, por direito. Mas... Antes não vencesse. Porque o que aconteceu, foi logico. Ninguem mais quiz saber de seus prestimos. Dellas se afastaram os productores porque todos acreditavam na sua fama de temperamental e, assim, apenas erramente era ella chamada para fazer parte de um papel qualquer, em um determinado film. Tudo por causa do *tempero* que o publico gosta e que estragou completamente a sua carreira...

Depois que a época de films falados entrou, firme, ella fez apenas um *short* para a Warner, *China Lady* e, para a M G M, a versão franceza de *The Unholy Night*, sob o nome de *Le Epectre Vert* e sob a direcção de Jacques Feyder.

Durante o seu primeiro anno de permanencia em Hollywood, Greta Garbo foi tida como verdadeiro mysterio. Seria ella, mesmo, uma creatura gelada e indifferente. Tão gelada e indifferente quanto os *icebergs* do seu Paiz?... Era o que se perguntava quando chegou a Hollywood e nella viveu, durante um anno, Greta Garbo. Mas... Com Greta Garbo, o publico teve o seu *tempero* favorito e ella, apesar de tudo, nada perdeu de sua personalidade. Continuou o mysterio que é. Jamais falou sobre sua vida, a não ser ultimamente, apenas em detalhes de pouca importancia. Não deu a menor importancia a commentarios e a falatorios. Pouco appareceu e, apesar de tudo, mesmo com os films falados, continua seu nome em rara evidencia e em grande altura...

Clara Bow, que tem arranjado mais noivados e mais escandalos nas noticias de publicidade, do que Paris toda...

Corinne Griffith que ficou famosa como figurino da téla...

Jetta Goudal, que criou fama de temperamental e é tida como filha legitima da espiã Matahari...

Greta Garbo foi uma que enfrentou a publicidade mentirosa e grosseira e enfrentou, tambem, as famas que lhe deitaram. Venceu-as a ambas e, no seu trono continua intangivel e sublime, sempre...

Para Corinne Griffith, como *Divina Dama* ou como uma réles aventureira, a publicidade imaginou a fama de personificadora da elegancia feminina. E, nem que queira ao contrario, Corinne, hoje, é olhada e tida como manequim do mundo. Não póde frequentar festas e ir a passeios, sem que a olhem, devoradores, mil e muitos olhos, na ansia de *decorar* a ultima moda do *modelo* sublime...

Tempero que o publico quer...

De Clara Bow e Lupe Vele, os agentes de publicidade disseram o que quizeram e, por pouco, não arruinam completamen-

(Termina no fim do numero)

Symphonia Pathetica

Interpretação de Georges Carpentier, Henry Krauss, Olga Day, Michele Verly e Regina Dalthy.

Paul Roland, campeão de diversos sports, moço francez illustrado e aventureiro, terminou seu curso militar.

Para aonde ir?

Elle queria emoções, queria amor, queria a propria vida, se fosse possivel.

Foi para Marrocos. Era a unica possibilidade de conseguir tudo isto, de uma só vez.

Lá, de facto, encontrou muita novidade. Muita aventura. Muito goso e alegria. Mas encontrou, principalmente, os braços de Zetzala, filha de um sheik e de uma franceza e vendo-a tão amorosa, tão terna, em pouco tempo fez-se noivo della.

Na noite do contracto de casamento, Marks, um amigo intimo de Paul, talentoso musico, deliciava a todos com a sua adaptação ao piano da celebre *Symphonia Pathetica*, de Tschaikowski, executando-a, brilhantemente, quando, sem que alguem esperasse, Zetzala é raptada pela tribu de seu tio.

Havia, entre aquelles arabes selvagens e de instinctos primitivos, um enorme escrupulo. Não a podiam ver casandose com um francez. E embora soubessem que seu coração era todo de Paul, raptaram-na, crueis, para que não se consumasse aquillo que seria a verdadeira felicidade de ambos.

* * *

Depois da perseguição tenaz que moveram aos arabes, infructifera, comtudo, Paul regressou á cidade. Era muita a tristeza que lhe envolvia a alma e lhe embrutecia o coração amoroso e terno que tanto queria a Zetzala. O tio della, com a morte de seu pae, era seu legitimo tutor. Nada, portanto, podiam Paul e os francezes fazer para tiral-a, de novo, do seio daquella poderosa tribu.

E Paul Morand, assim, viu-se, de um momento para o outro, despido de amor e de carinhos. Cheio de magôa e de tristeza. Diante de uma situação que não podia resolver nem que quizesse.

* * *

Sempre que se sentia triste, Paul ouvia a *Symphonia Pathetica*. Ouvindo-a, sentia sobre o coração, um embalo suave e enternecedor. Lembrava-se da sua Zetzala. Dos seus sorrisos. Da sua bocca cheia de perfume e amor. De seus olhos profundamente negros e profundamente lindos. E, para se esquecer, afinal partiu para Paris, de novo, em busca de outras emoções que, talvez um dia, lhe fizessem esquecer sua pobre e adorada Zetzala.

Em Cannes, tempos depois, Paul vem a conhecer uma senhora americana de meia idade, riquissima, que, apaixonando-se logo por elle e seu physico de athleta, protege-o, financeiramente, com tamanha felicidade, que lhe favorece todos os meios para conseguir uma consideravel e avantajada fortuna.

Paul Morand nem por sombras suspeitava das intenções amorosas daquella mulher para com elle. Tinha-lhe gratidão, é certo, por tudo quanto ella lhe fazia. Sabia, melhor do que ninguem, ser-lhe grato e sincero. Mas não a podia amar. E isto, mais do que nunca e com grande colera, fazia com que a americana rica não se conformasse, absolutamente, com os modos e as maneiras despreoccupadas do rapaz.

Sempre triste e desilludido, Paul encontra, em Beatrice Hamilton, uma creatura de grande belleza e de uma estupenda distincção, alguem que o faz esquecer seus dias amargos e inesqueciveis. Em pouco tempo, sem elle proprio suspeitar, mesmo, dedica-lhe um affecto grande e verdadeiro.

* * *

A festa que a rica protectora de Paul offereceu, era a ultima tentativa para a solução do problema amoroso que tanto a torturava. E quando o viu, solicito e amoroso, ao lado de Beatrice Hamilton, não se conteve. Imaginou, logo, um plano terrivel para o afastar incontinenti de sua nova apaixonada.

Falou aos seus criados. E, quando menos esperavam, houve um grande tumulto na sala.

— Pobre moça!

— Infeliz!

— Que horror!

E todos, num reboliço, trataram de indagar o que havia acontecido.

Quando a dona da casa percebeu que Beatrice estava com vida, ficou aterrada. Procurou conhecer qual fôra a creatura victimada. E vendo que era uma de suas amigas, pediu silencio e, num impeto colerico, accusou, diante de todos, Paul Morand de ter feito aquillo.

— Este rapaz ha muito que não a aprecia-va! Foi elle que collocou ahi a serpente venenosa! Foi elle, tenho plena convicção disso. E' um costume que elle adquiriu em Marrocos, quando lá esteve...

Mas Baetrice Hamilton havia estado em sua companhia, o tempo todo e, assim, não podia de deixar de desmentir aquillo.

— Madame, perdão! Não é verdade o que está dizendo. Paul Morand esteve ao meu lado, o tempo todo e, portanto, não poderia ter feito aquillo que seggere.

A razão era logica. Poucos comprehendiam, mesmo, que a armadilha tinha sido collocada para Beatrice e, assim, lastimando a victima, ninguem deu mais ouvidos ás affirmações tolas que a Mrs. fazia da reputação de Paul.

(Termina no fim do numero)

Ruth Roland quer bem o Brasil e os brasileiros não se esquecem della e dos seus films que foram successo de emoção e aventuras. Agora ella fez mais um: — Reno, que em breve estará entre nós.

Confissões de

Harold Lloyd!... Sorriso bom que todos querem bem. Gargalhadas transmittem, á sua sympathia, o bom humor que seus films dão ao mundo inteiro! Aqui está elle, no seu lar que vale milhões conquistados com seu esforço serio e sensato e ao lado de sua esposa e de sua filha, encanto maiores da sua vida..

— Agora é que estou começando a viver!

— Eu, realmente, antes jamais havia visto o mundo ou siquer comprehendido o que o mundo é.

— Agora é que aprecio devidamente as cousas: livros, pessoas, flores e tudo, em summa, que os outros homens vivem falando dellas.

— A impressão que tenho, é que, até hoje, nada mais fui do que um cego o qual começasse, finalmente, a ver as bellezas do mundo e suas variadas côres. Tenho uma sensação de deslumbramento.

— Parece-me, de outro lado, que o mundo era, para mim, um grande palco, com a cortina cerrada. Agora é que ella se rasgou para mim!

— Agora é que estou proximo ás cousas que sempre apreciei ter e cousas que sempre sonhei com ellas e, assim, quero continuar apreciando-as, avido.

— E' logico que o dinheiro me transformou.

— Fiz muita differença do homem que era ha um anno atraz...

— Acho, mesmo, que as minhas mudanças são semestraes. Mudo muito!

— O dinheiro transforma qualquer um. Mas eu descobri, felizmente, que, para mim, a transformação não foi para peor. E' exquisita essa idéa que todos fazem de que o dinheiro transforma a todos e a todos torna vis e indignos, depois de o conquistarem. Então uma pessôa não se pode transformar para melhor, com dinheiro? A mudança, que abre novas portas, marca novos horizontes, apenas mostra, á creatura, o quanto ella póde viver bem e bem fazer aos outros, dentro do conforto que tem e que desfructa.

— Apenas agora é que tenho de conversar com as pessôas que me estimam, com meus amigos, com todos, em summa. Antes, era só trabalhar, só luctar.

— Uma das cousas que tambem me preoccupam, presentemente, é o conhecimento das cousas. Nunca se perde por tomar um ou outro conhecimento.

— Apenas agora é que comprehendo o que teria sido minha juventude se eu tivesse frequentado escolas superiores, como os meninos ricos e tivesse me illustrado o quanto precisava me illustrar.

— Dizem-me, muitos, que, agóra, tenho fortuna, nome universal, fama socego e tudo, em summa, que uma pessôa possa desejar.

— Agora, porém, sei que, na vida, só fiz films. Films e mais films. Trabalho e mais trabalho. Sem descanço e sem socego, pela vida toda.

— O trabalho que meus films me davam, naquelles tempos, éra tão intenso que eu não tinha tempo para respirar, quazi. Era trabalhar, do dia á noite, com alma e com força. Seriamente. Sem ter tempo para me divertir, para nada, mesmo.

— Ainda estou representando, porque, dizem, minha epocha ainda não passou, de todo e os meus films, nem sei mesmo porque, ainda fazem um grande successo. Mas, quando elles cahirem, completamente, eu irei para o campo da direcção. Tenho grande vontade de dirigir. Ou então, caso isto prove um fracasso, tambem apreciarei ser um supervisor de films. Gosto muito de assistir a conferencias e a discussões que precedem o inicio de um film Gosto muito de pegar artistas novos, ainda e, illustrando-os nos segredos da arte, auxilial-os em tudo quanto possivel, para o successo.

— O que tambem quero e conseguirei, provavelmente, é viajar. Gostaria de passar seis mezes de minha existencia passeando, em Paizes differentes e seis mezes em casa, trabalhando ou discutindo qualquer plano. Quero conhecer o mundo todo, sem excepção.

— Uma cousa que eu adoro, é a competição.

— No emtanto, poucas vezes tive que luctar, realmente. Tudo corria geralmente em paz e socego...

— Sei que sou modesto e simples e que não apparento ter animo de luctador. Se me dessem, no emtanto, uma questão que dependesse de esforço e luta, para conseguil-a victoriosa, eu provaria o quanto tenho vontade de luctar.

— Uma das cousas que mais aprecio, neste mundo, é o *golf*. Douglas Fairbanks e eu, quazi que diariamente, nas horas disponiveis, empenhamo-nos em partidas amistosas, renhidas. Não só aprecio intensamente o jogo, como, ainda quero-me tornar mestre nelle. Não me satisfaz *jogar golf*, apenas. Quero jogar *bem!* E' a mesma cousa que sinto com tudo, neste mundo.

— Jamais pensei em botanica. No emtanto, agóra, aqui em casa, já tenho estudado sufficiente botanica para conhecer qualquer flôr ou planta que aqui esteja. Mas não quero conhecer apenas por nome. Quero conhecer em tudo. Desde sua origem, até seu desenvolvimento. Emquanto não entro por algum conhecimento a dentro, não me preoccupo com elle. Mas, quando estou dentro delle, faço questão de o conhecer com minucias.

— Agóra é que sei que, na vida, além de fazer films, existem muitas outras cousas apreciaveis e interessantes.

— Desde meus tempos de infancia, mudei muito.

— Creio que sempre fui feliz. Realmente, nunca tive um aborrecimento serio.

— Agora, porém, vejo melhor as cousas e sei comprehendel-as bem. Não gosto, por exemplo, de festas com jazz, bebidas clandestinas e dansas exageradas. Gosto da vida, no seu lado simples de viver O que eu aprecio, immenso, é passar um dia todo, em casa, arrumando o jardim, em trajes de tennis e em sapatos velhos, gostosos, esquecendo-me do mundo.

— Quando não posso deixar de ir á uma fes qualquer, sinto-me desconfortado. Gostaria de me tornar alegre e de tornar os outros um pouco alegres, tambem. Mas sinto que seria forçar a mim proprio. Não sinto aquillo! Acho um ambiente demasiadamente falso. E, além disso, temo, em excesso, que alguem que por ali esteja, diga, pensando que me elogia: "Harold Lloyd, o grande comico, já está começando com as suas..." Ou então, se não vou ás festas, tambem temo que digam, em cochicos: "Harold Lloyd nunca vae a festas. Elle é tão exquisito..."

— Uma das cousas que me desconforta, numa festa, é não poder levar alguma cousa clandestina para beber

HAROLD LLOYD

Acho que os outros se rirão de mim e pensarão que faço isso por *snobismo*. Mas a verdade é que, quando éra criança, um instructor de athletas, disseme, quando quiz me tornar um delles. "Um athleta jámais deve beber Isto lhe tirará 50 % das energias!" E, assim, seguindo estes conselhos, eu sempre procurei me guiar por este principio que considerava são. E' uma das razões pela qual eu tambem não fumo. Não é uma questão de moral e nem de puritanismo. E' apenas questão de gostar mais de outras cousas do que dessas, tão sem importancia. Eu não gosto de beber e não gosto de fumar. Para que hei de beber e hei de fumar? Contrariar-me expontaneamente? Para que?

— Eu me sinto feliz, quando estou em meu Studio, com meu pessoal technico. Elles conhecem, lá, o verdadeiro Harold Lloyd. Trabalhamos num accôrdo que é intenso e mutuo. A camaradagem é intensa e o bom companheirismo unico.

— Outra cousa que me faz profundamente alegre, é a parte de minha vida que passo ao lado de minha filha. Ella imagina, na sua innocencia, que eu existo para ella e para a divertir e alegrar. Ella me ama demais e faz tudo para estar perto de mim. Quando ella se levanta, pela manhã, corre á nossa cama e passa alguns instantes comnosco, fazendo-me cocebas e procurando despertar-me assim. Depois, faz-me sahir da cama e, com ella, ir brincar quazi a manhã toda. E' um dos confortos de minha alma, este.

— Eu queria ser pae de cinco filhos. Porque descobri, só depois de minha Gildres Gloria haver nascido, que dos momentos bem gastos, na vida, são aquelles que se passa com os filhos, os melhores!

— Eu tenho uma grande fé na natureza humana. Acho que todo o mundo é bom. O povo precisa ser acreditado. Até hoje, felizmente e nem sei porque, mesmo, jámais soffri uma trahição ou uma falsidade, fosse de quem fosse.

— Mas se eu não pudesse ter fé na natureza humana preferiria não viver sinceramente. Perder essa fé, para mim, era perder a propria alegria de viver.

— Agóra eu creio, sinceramente, que, sob qualquer aspecto, a vida é agradabilissima de se viver.

— Foi uma cousa que descobri, ha annos passados, quando me achava no hospital e soffrendo terrivelmente por causa do accidente que havia soffrido.

— Durante semanas, pensei, seriamente, que iria ficar cégo, para o resto de minha vida. Sentia, naquillo tudo que me envolvia e me tolhia os movimentos, que jámais poderia trabalhar e jámais fazer qualquer cousa. Eu não suppunha, naquella epocha, que chegasse a ter a terça parte do que hoje tenho. No emtanto, naquelle transe, apesar dos meus enormes soffrimentos, eu achava que Deus já havia feito muito em não me tirar a vida e, com isso, sentia-me plenamente satisfeito.

— Se, amanhã, eu perdesse toda minha fortuna. Meu nome artistico. Em summa: tudo quanto hoje tenho. Eu ainda assim seria feliz e enthuziasmado. Eu saberia construir minha casa simples e modesta e, dentro della, viver com os pedaços do meu coração, numa mesma felicidade enorme. Amo o que tenho, apenas, seja muito ou pouco ou quazi nada.

— Tudo me emociona, facilmente. Meus films, hoje, ainda são emoções para mim, quando estreiam. Meu lar. Tudo que me rodeia. Minha esposa, minha filhinha, são, tambem, sempre emoções para mim.

— Se eu tivesse que escolher, hoje, entre minha familia e meu dinheiro ou meu successo. Eu escolheria, sem relutancia, minha familia, a cousa mais sagrada de minha vida toda. — Minha esposa, minha filha e meu lar, ensinaram-me, de bom, na vida, cousas que eu jamais suppuz conhecer um dia que fosse!

— E' tudo quanto descobri na minha vida, de mais interesse para contar. O resto, todos sabem: já viram nos films...

Este cão não existe mais. Chamava-se DANE. Deramlhe veneno e elle morreu. Harold Lloyd acabrunhou-se muito com isso e processou os implicados na questão.

-O-O-O-O-O-O-O-O-O-O-O-O-O-

Walter Huston foi posto sob longo contracto com a First National.

George Jessel, antigamente sob contracto com a Fox, foi contractado pela Paramount, para cantar em *shorts*...

* * *

The Command to Lowe, da Universal, será o primeiro trabalho de Henry King para esta mesma fabrica, sob seu novo contracto.

Rodeo Romance, da Paramount, reunirá Nancy Carroll e Richard Arlen nos principaes papeis e terá a direcção de Richard Wallace.

* * *

Romance of the Rails, da Warner Bros., terá Marian Mixon no principal papel e James Hall e Grant Withers, como figuras centraes masculinas.

The Little Café, que Maurice Chevalier está filmando, em New York com Ludwig Berger, na direcção, terá Lillian Roth como principal figura feminina.

* * *

Camerade, argumento de Erich Maria Remarque, autor de *All Quiet on the Western Front*, será filmado immediatamente pela Universal, com Lew Ayres ainda no principal papel e com Lewis Milestone mais uma vez na direcção.

* * *

The Bat Whisper's é o proximo esforço de Roland West, como director, para a United. Chester Morris será o principal.

* * *

Little Caesar, da First National, dirigido por Marwyn Le Roy, tem Douglas Fairbanks Junior, no principal papel.

* * *

Dark Star, da M. G. M., dirigido por George Hill, terá no elenco, Dorothy Jordan, Marie Dressler, Wallace Beery e Marjorie Rambeau.

Lew Ayres, um dos artistas juvenis mais interessantes do Cinema. Esta historia conta um pouco da sua carreira tão nova e já tão brilhante. Alguns dizem que elle começou com sorte, porque começou beijando Greta Garbo...

Lewis Ayres

Guerra! Realismo crú. Sangue. Lama. Juventude mutilada. Igrejas em ruina. Cemiterios immensos. Zumbidos de granadas. Homens a gritar, braços arrancados e pernas feridas. Morte e mais morte, por todos os cantos...

Isto, ha doze annos, tempo que já é passado e que parte do mundo já esqueceu... Ou antes. Que o mundo tem medo de lembrar... Mas, com medo ou sem elle, não cremos que o mundo, hoje, supporte hymnos marciaes, soldados em marcha, cruzes e mais cruzes a assignalar corpos moços tombados, inutilmente, por um ideal de conquista e ganancia, apenas...

Pensando na guerra, hoje, tem-se que pensar, forçosamente, em Lew Ayres, o joven soldado allemão de **All Quiet on the Western Front** a caminhar, medroso, entre os horrores da guerra e a passar, sempre, pelos cantos mais frequentados pela morte...

— Depois da grande guerra, meu amigo, a morte fez um feriado. E, se Deus o permittir, um feriado que durará por muito tempo... Levamos seis mezes fazendo a reproducção de muitos accidentes dessa grande Guerra que foi o horror do mundo todo. No campo de batalha para tal fim construido, especialmente, levamos 4 mezes **combatendo**... Éra apenas illusão e nada nos molestava, apesar de ser trabalho do mais pesado. Mas, creia, aquella illusão, criada para o film, deu-me a impressão exacta e nitida do que seria, realmente, uma grande guerra, como foi aquella que ha doze annos se feriu, tremenda, empolgando o mundo todo. Até agóra eu ainda me sinto que se fosse, realmente, Paul Baumer, o principal da historia. E que tragedia, realmente, a vida daquelles rapazes. Arrancados dos bancos dos collegios, para terem armas nas mãos e luctarem, sem cessar, por um ideal que não conseguiam descobrir, afinal... Eu me senti, em certos instantes do film, desanimado e derrotado, como se fosse, realmente, um pedaço da vida real que estivesse vivendo, e, em mim, sentisse todo o peso daquella situação terrivel. Seis mezes, combatemos e vivemos aquella historia humana, todinha. Agóra que tudo passou e o film já foi exhibido, ainda me sinto tonto e como que desorientado, para futuros passos. Convidam-me, é verdade, para uma porção de coisas. Mas eu, não sei porque, em nada mais vejo o mesmo interesse de antes e encaro a vida sob um aspecto muito mais humano do que antes de fazer o film. Uma das coisas que me preoccupa, sinceramente, é como hei de eu agóra tornar aos films, fazendo producções modernas, de historias differentes, futeis, algumas, mesmo depois de ter feito um film assim? Como? E' logico que é impossivel fazer-se um film assim, diariamente. Acabo de fazer **Common Clay**, mesmo, ao lado de Constance Bennett. Mas, não sei porque pareceu-me alguma coisa mais fraca e menos humana. Não achei nada de bom, naquillo tudo. E, além disso, fizeram-me tomar medida para seis ternos dos mais modernos e dos mais distinctos. No emtanto, se elles soubessem o quanto isso me contraria...

De facto, Lew Ayres, emquanto conversavamos com elle, notavamos que elle usava o roupão mais velho e mais surrado do mundo. Peor do que aquelle, só mesmo o **archaico** que Neil Hamilton usa e diz que não deixa e nem dá, custe-lhe, ainda, os maiores dissabores e as maiores criticas...

— Temo, realmente, que não me achem convincente, nesse papel. Mas hão de me desculpar, afinal, porque depois de fazer um **All Quiet**, é impossivel fazer outra coisa com o mesmo impeto e com a mesma realidade.

Além disso, apesar dos seus tenros 21 annos, Lew é, mesmo, um rapaz que apparenta muito mais idade, pelas suas idéas e pelos seus pensamentos ponderados e sensatos.

Aos 16 annos, deixou elle o seu lar e foi para a Universidade de Arizona e, até hoje, dahi para diante, sempre teve seus dias sózinhos. Não permaneceu por muito tempo na Universidade. Tocando banjo, piano e guitarra, comprehendeu, claramente, que, na Universidade. mesmo, mais estava sendo utilisado como musico do que como estudante. E, assim, resolveu abandonar os estudos pela musica.

De lá, até hoje, elle passou de orchestra para orchestra, passando por Mexicali, Nogales, Tiajuana, aonde o devem conhecer muito bem, aliás. Sendo, nessas cidades, a vida muito agitada e cheia de aventuras, quasi sempre perigosas, é mesmo um mysterio conseguir-se comprehender como é que Lew, nesse meio todo, conseguio manter-se decente. Elle nos disse, claramente, que isto conseguio, porque, acima de tudo, sempre quiz levar uma vida correcta. E, além disso, disse-nos elle:

— Todos se tinham em conta de meu pae, ou de minha mãe ou de irmão mais velho, meu. Assim, éra possivel, mesmo que quizesse, proceder mal?

De lá, veio elle para Los Angeles e, sempre com orchestras, começou a tocar pelas vizinhanças. E, occasionalmente, procurava emprego nos Studios de Hollywood.

— Mas eu comprehendia, afinal, que tocar a noite toda e, duarnte o dia, todinho, procurar emprego num Studio éra impossivel, mesmo. E, assim, com o pouco dinheiro que havia economisado, passei a viver minha vida, apenas procurando empregos em Studios. Tinha perto de mil dollars em instrumentos para orchestras. Pul-os no prégo, um a um, porque eu encasquetára em minha cabeça, de uma vez para sempre, que haveria de ser artista de Cinema. Mas houve momentos em que eu cheguei a pensar em desistir de tudo e voltar aos instrumentos e ás orchestras, desistindo da idéa de fazer films.

— Ivan Kahn, o agente, viu-me, certa vez, dansando com Lily Damita e pensou que eu fosse um artista. Procurou-me e contractou-me. arranjou-me, logo, para começar, um pequeno papel em **The Sophomore,** film da Pathé, ao lado de Eddie Quillan. Mas, passado isto, passei seis mezes sem apparecer em um só film e nem diante de uma só **camera...**

— Fôra Paul Bern que me havia dado o contracto com a Pathé. á qual elle pertencia, naquella epocha. Quando elle foi para a M. G. M., mandou-me procurar para ter um dos principaes papeis em **O Beijo.** E, mais tarde, indirectamente, embóra, foi elle, ainda, que me conseguio o principal papel de **All Quiet,** tambem. Bem por isso é que o tenho em conta de excellente pessôa. Na verdade, pouco o conheço. Sómente depois da "première" de **All Quiet** é que tive o prazer de conversar com elle, mesmo. E para ver como o conheço pouquissimo, basta que lhe diga que ainda o chamo de Mr. Bern...

Lew, dos rapazes que tenho conhecido, é daquelles raros que, de coração, é um cavalheiro. Muitos delles, perturbados por cheques e contas correntes em bancos e com o dinheiro que ganham, tornam-se insupportaveis, mesmo. Lew, não. E' simples e sincero. Modesto e despreoccupado.

Perguntamos-lhe, depois, se elle é muito amigo de troças e brincadeiras. Arthur Lake, Billy Bakewell, Frank Albertson e Stanley Smith, por exemplo, todos elles, são rodeados de muitos amigos e procedem como genuinos traquinas, mesmo. Sentem-se orgulhosos de suas popularidades e nem sempre procedem com correctismo. De outro lado, David Rollins, Rex Bell e Phillips Holmes, dizem, sinceramente, que não gostam de pandegas e feliz será aquelle que conseguir encontrar um delles fóra de casa, depois das dez! Quando lhe fiz a pergunta, elle se surprehendeu, realmente e eu quazi contava com uma resposta um tanto ou quanto atravessada. Mas elle pensou e me respondeu, pacientemente.

— Não. Não gosto de pandegas.

Lew Ayres é extremamente acanhado, particularmente na presença de pessôas estranhas. Falla pouco e, para fallar, mesmo, é preciso que lhe façam qualquer pergunta. Vae muito tempo até que elle se affeiçoe realmente á alguem e odeia, declaradamente, as presenças de pessôas que o estejam notando, ostensivamente, e commentando, ainda, sua pessôa. Isto, no emtanto, nem sempre se dá. Porque no seu todo, mesmo quando sorri e ri, mesmo, ha qualquer coisa séria que requer respeito e que é um dos seus maiores escudos.

Ha tempos, conversando com Billy Bakewell, elle me disse:

— Você se engana com Lew Ayres. Elle não é puritano e nem timido por doença. Elle é admiravel e um excellente amigo! Tanto brinca e tanto conversa a sério, como qualquer um de nós. Precisa é de camaradagem em redor a si para realisar isso. Mas não pense que elle é incapaz de dizer uma piada ou fazer uma troça!

Apesar de dizer que prefere a solidão, mas notase, claramente, que é intensa a sua satisfacção quando se o convida para visitar este ou aquelle **idolo** do Cinema, o qual elle muito admira e tambem quer conhecer.

Perguntei-lhe, tambem, se elle não éra genioso. Elle fez uma pequena pausa e, depois, lentamente, como que mastigando a resposta, fez-me ver que éra indiscreto, apesar de me responder que não...

Depois, perguntei-lhe se aborrecia-se com alguma coisa.

(Termina no fim do numero)

MONA RICO... PRESENTE QUE O MEXICO MANDOU AOS ESTADOS UNIDOS... PARA FIGURAR NOS FILMS FALADOS EM HESPANHOL... VOCÊS VIRAM AQUELLE SEU FILM COM JOSÉ BOHR, VIRAM?...

CINEMA DE AMADORES

(De Sergio Barretto Filho)

OS IMPOSTOS E OS AMADORES

Afim de obterem informações authenticas sobre os regulamentos officiaes que, em vigor em diversos paizes Europeus, controlam a importação e a exportação das camaras e dos films de 16 mms., as diversas casas americanas productoras do material necessario ao amador têm enviado, ultimamente, uma multidão de cartas aos consulados geraes de todos os paizes Europeus que têm as suas representações em Washington. Os artigos transcriptos abaixo foram trazidos a publico por intermedio das embaixadas e consulados, de modo que podem ser considerados como trechos dos regimentos officiaes, vigorando respectivamente em cada uma das nações Européas apontadas.

E' sabido que, si o amador-turista usa de toda a sua diplomacia, ao atravessar uma fronteira, e trata do assumpto com tacto e cortezia, sem nos referirmos ás disposições officiaes, haverá poucas difficuldades em fazer passar a sua camara e os seus films pelas alfandegas européas.

Pelos dados colleccionados abaixo, vamos ter uma surpreza realmente digna de ser apontada desde já: os famosos Estados Unidos, a patria do amadorismo, em comparação proposital com os principaes paizes Europeus, fica sendo o paiz onde o amador é mais sobrecarregado de impostos! Varios paizes Europeus onde o turismo progride de anno para anno, foram esquecidos na lista organizada abaixo. Desses paizes, porém, podemos affirmar com toda a segurança, que a Turquia e a Grecia não apresentam difficuldades para o turista que se dedica ao amadorismo cinematographico.

AUSTRIA — "De accordo com os regulamentos austriacos, os artigos de uso pessoal ou para a commodidade de quaesquer passageiros em viagem, no ar, em terra ou nas vias fluviaes, estão livres de impostos. No emtanto, todo *stock* de films não é considerado como tal, não sendo portanto isento de impostos. A tara sobre os films de quaesquer dimensões é de 120 corôas-ouro por 100 kilogrammas. (1.600 réis por kilo)".

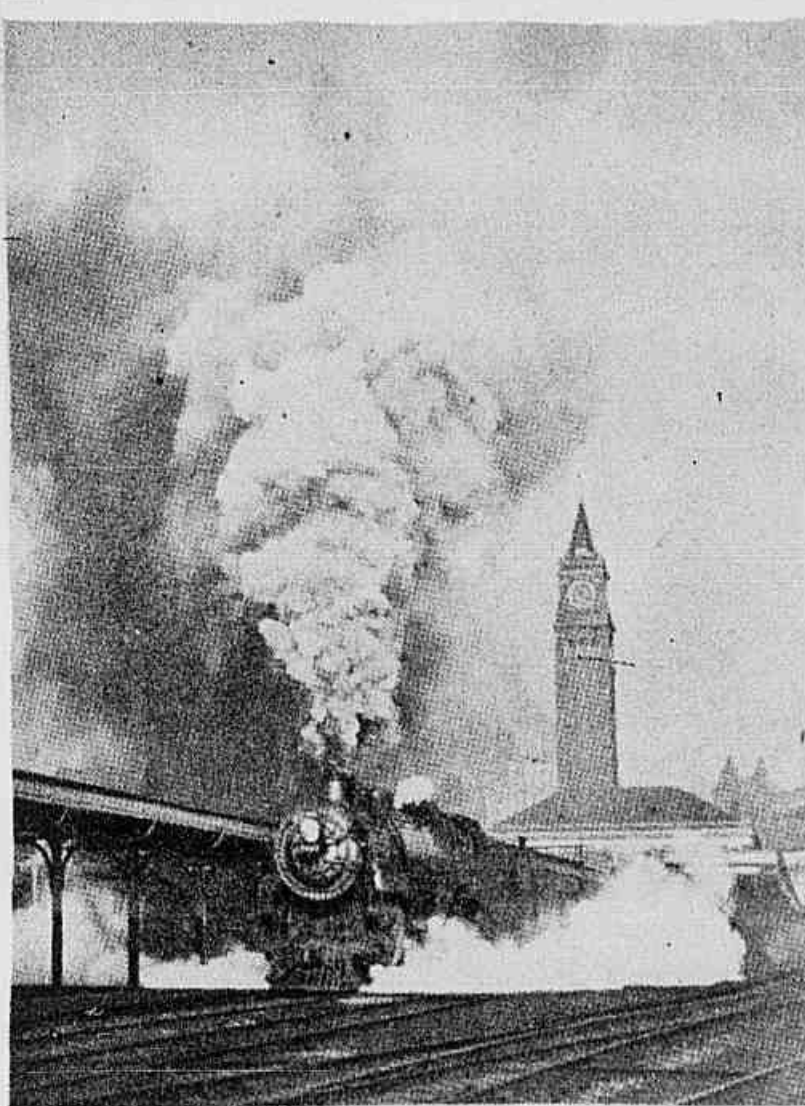
ALLEMANHA — "Tanto a importação como a exportação dos films de amadores estão isentos de quaesquer impostos, desde que esses films façam parte da bagagem do amador".

BELGICA — "Póde-se importar films cinematographicos de quaesquer dimensões, livres de impostos, desde que esse artigo seja re-exportado. Neste caso, será preciso pagar um pequeno deposito, á entrada do artigo, o qual será re-entregue á sahida"

BULGARIA — "Art. 163 — Impostos sobre os films: 180 "leva" por 100 kilogrammas" (2$000 réis por kilo)".

DINAMARCA — "Si a importação ou exportação de films de pequenas dimensões é feita pelo amador que traz uma camara e um stock de films como parte da sua bagagem pessoal, esse material está livre de impostos, á entrada ou á sahida da Dinamarca. Mas no caso do viajante transportar comsigo uma quantidade excessiva de negativos, a taxa é de 70 "ore" por kilogramma (1.800 réis por kilo)".

ESTADOS UNIDOS — O Departamento da Cobrança de Impostos do Thesouro apresenta os seguintes dados:

"O Departamento entende que os films cinematographicos de amadores usados e recambiados para o territorio nacional por viajantes residentes nos Estados Unidos, de accordo com o paragrapho 1.695, não estão livres de impostos á entrada, mesmo quando usados fóra dos Estados Unidos, e de manufactura americana, ficando sujeitos aos impostos determinados no paragrapho 1.453 da lei de Tarifas sanccionada em 1922. Nos termos da lei americana, o film cinematographico negativo, exposto e não revelado é taxavel a 3 "cents." por pé linear (270 réis por 33 cms.) emquanto o film positivo revelado é taxavel a 1 cent (90 réis) nas mesmas condições").

"O paragrapho 1613 da nova lei de Tarifas agora no Congresso Americano, isenta, porém, de impostos o film cinematographico, á entrada do paiz, desde que esse film seja de fabricação americana e não foi usado para fins commerciaes.

Parece, portanto, que os films cinematographicos de amadores, de manufactura americana, no estrangeiro e trazidos para os Estados Unidos por um turista, quer estejam ou não revelados, ficarão livres de impostos, caso a nova lei passe no Congresso Americano, com os seus paragraphos intactos".

"Todos os films cinematographicos adquiridos ou usados fóra dos Estados Unidos deverão trazer declarados os preços pagos. Esses preços poderão ser então incluidos na isenção de direitos concedidos a todo viajante residente no territorio nacional, sendo que essa isenção é de 100 dellars (900 mil réis).

FRANÇA — "Os regulamentos francezes não contêm nenhum artigo especial quanto á exportação ou importação de films cinematographicos de amadores. Elles isentam, porém, de impostos as camaras photographicas ordinarias, desde que não excedam de duas de tamanhos differentes, quando importadas por viajantes e fazendo parte da sua bagagem pessoal. Somos de opinião que as autoridades francezas são muito liberaes no que respeita á admissão, livre de impostos, das camaras cinematographicas e dos films importados por amadores, desde que o numero de films não seja excessivo". (Da Camara Franceza de Commercio de Nova York).

"As camaras e os films cinematographicos podem ser admittidos temporariamente em França, logo que o turista faça um deposito na Alfandega, no valor total dos impostos. Esse valor total será re-entregue ao amador, quando as camaras e os films forem re-exportados". (Das Autoridades Alfandegarias Francezas).

HOLLANDA — "A taxa sobre a importação do film cinematographico nos Paizes Baixos é de oito por cento do valor total".

HUNGRIA — "Para uso pessoal, sem intenções commerciaes, e desde que não exceda ás necessidades tidas como individuaes, todo material cinematographico é livre de impostos na Hungria". (Em caso contrario, 1.600 réis por kilo de film, e 1.000 réis por kilo de camara).

HESPANHA — "Desde que a quantidade de films não seja excessiva, tanto as camaras quanto as pelliculas passarão pelas alfandegas hespanholas, junto com a bagagem, livres de impostos".

INGLATERRA — "A isenção de direitos é permittida no que respeita a certos artigos portateis de uso *(v. g. uma camara)* importada pelo possuidor sobre o sua pessôa ou junto á sua bagagem. Os films de dimensões abaixo da "standard", os quaes são reconhecidamente para o uso pessoal dos passageiros que chegarem a este paiz, podem dar entrada livre de direitos, desde que a quantidade seja razoavel e que os fiscaes deste Departamento (a Alfandega) reconheçam que os films foram importados pelos proprios possuidores para uso pessoal". (Para films "standard" o imposto é de 200 réis por 33 cms.)

ITALIA — "Os turistas que entrarem na Italia poderão trazer comsigo as camaras e demais accessorios, os quaes ficarão isentos de impostos desde que já tenham sido usados e só para fins pessoaes. Presentemente todos os films revelados na Italia têm que ser usados em Roma antes de deixarem o paiz. Essa disposição é antiga e póde ser evitada revelando-se os films fóra de Italia".

POLONIA — "Ao darem entrada na Polonia, as camaras e os films cinematographicos são taxados pelas autoridades alfandegarias na maneira usual. Com a condição, porém, de que o turista só deixe o paiz dentro de um mez, no minimo, o valor da taxa será re-entregue ao mesmo".

SUECIA — "Nenhum imposto é lançado sobre os objectos de turismo pertencentes aos viajantes, emquanto esses objectos não excedam em numero ás necessidades de uma viagem. Como objectos de turismo são consideradas as camaras photographicas de mão, que indiscutivelmente, são trazidas pelo viajante para seu proprio uso, e não para fins commerciaes"

"Além disso, nenhum imposto é lançado sobre os instrumentos, apparelhos, accessorios e objectos similares que um homem de sciencia, um artista ou um artifice traga comsigo ao entrar na Suecia, e os quaes são necessarios ao seu trabalho".

As disposições ecima parecem indicar que as camaras e os films de amadores são isentos

(Termina no fim do numero)

SALLY BLANE... IRMÃZINHA DE LORETTA YOUNG e POLLY ANN YOUNG, QUE TODOS GOSTAM DE APRECIAR NOS FILMS.

A Tela em

Will Rogers, artista principal de "Elles Tinham que ver Paris"

ODEON

O CAVALLEIRO — (The Cavallier) — Tiffany — Producção de 1928.

Este film foi exhibido em S. Paulo em fins de Setembro de 1929 e, por signal, com commentarios bem fracos...

Aqui, como precisava ser lançado, mesmo, arranjou-se um *jazz band* famoso, "o melhor do mundo" e, assim, pensou-se auxiliar o publico a ingerir a *pilula doirada* que é este film de Richard Talmadge...

O film é fraquissimo. Não tem o menor interesse e, alem disso, é uma imitação de *A Marca do Zorro,* muito mal feita e cheia de defeitos imperdoaveis.

Richard Talmadge, excellente pulador e athleta de fama, representa o heroe, impavido, que se finge de martyr e de tolo, para se aproveitar das situações, mas que, nas horas mortas, *disfarçado* de bemfeitor, apparecia, vingando os fracos e maltratando os opressores...

Qual!

Film assim é que fizeram os irmãos Warner tentar o Cinema falado... E films assim é que fazem alguns *intellectuaes* acharem o Cinema uma diversão vulgar...

Stuart Holmes toma o lugar de Noah Berry, nesta *copia*. David Mir o de Robert Mc Kim (imaginem!...) e Barbara Bedford, coitadinha, é a Marguerite de la Motte. Se annunciassem como *parodia* ao film de Douglas, vá lá! Mas assim?!... Não! E' exaggero...

Correrias, murros, pulos, *trucs* visiveis a olho nu'... São as situações deste film. Irwin Willat não dirigiu: divertiu-se com os artistas, mandando-os tomar as mais grotescas posições e fazendo-os fazer as mais engraçadas caretas...

Não é o peor film do mundo. Mas é um daquelles que só deve chamar a attenção nos cartazes de reclame e nos annuncios dos jornaes... apenas!

Com o *melhor* jazz band do mundo ou sem elle, não se preoccupem em assistir este film.

Cotação: — 4 pontos.

Imperio

ALLIANÇAS DO AMOR — (Wedding Rings) — First National — Producção de 1930.

Versão muda de uma historia que envolve duas irmãs: a bôa e a ruim. E um homem, centro das attenções de ambas.

Film fraco e apenas acceitavel como complemento de um bom programma. Olive Borden, realmente, um perigo. Interessantissima e lindissima. Lois Wilson, a mesma suave e sem *it* Lois Wilson dos tempos idos. E H. B. Warner, o *christo* da historia toda...

William Beaudine dirigiu menos do que soffrivelmente.

Cotação: — 5 pontos.

AMOR AUDAZ — (Le Enigmatique Mr. Parkes) — Paramount — Producção de 1930.

O melhor commentario para este film, seria o seu nome e, em baixo, a sua cotação, apenas. Sem mais uma phrase ou mais uma palavra. Seria muito, até.

No emtanto, é preciso que se diga, para que se complete a analyse do mesmo, que nada mais é, elle, do que o *cumulo* do attentado ao bom gosto e á admiração que o publico tinha ao verdadeiro Cinema que os films falados estão arrazando. Nada mais é, este film, do que a theatralização crúa e desinteressada de uma *peça*. Dirigida á mais antiga pelo archaico Louis J. Gasnier e photographada nos seus angulos mais communs, *Amor Audaz* é a revelação exacta do que é o Cinema de hoje. Todos os bons admiradores do bom e genuino Cinema, o silencioso, devem assistir este film. Devem encher as salas que o exhibam. Porque, dahi para diante nunca mais irão ao Cinema. Passarão a ser amadores de radio: telephonia ou telegraphia ou, então, de victrolas, etc.. Sahir-se de casa, ás vezes longe, atravessar-se uma cidade toda. Para tomar-se uma poltrona num Cinema e, depois, assistir-se á um espectaculo assim, não é absolutamente compensador. A belleza do Cinema, desappareceu. *Amor Audaz* tem dialogos e mais dialogos. Planos e mais planos. Compridos e curtos. A falar, a falar e a falar. Nada mais! A historia é contada, não é mostrada. As situações são narradas nos dialogos e não se occupa uma só vez a *camera* para apanhar um detalhe significativo. Tudo é theatral: ambientes, artistas, historia, tudo! Nada se salva. Mas o theatro pode ficar descançado que um Cinema assim nunca lhe arrebatara o sceptro. E', mesmo, um Cinema de 4ª categoria e um theatro de 5ª ou 6ª...

O facto de ser falado em francez, com certeza, augmentou o numero de *snobs* que já apreciavam o Cinema em inglez. Mas em inglez, francez, hespanhol ou chinez, é Cinema falado e, portanto, inacceitavel. Hollywood, temos a plena convicção disto, ha de se arrepender do crime que está commettendo. Queiram os deuses que não seja tarde demais...

De Menjou, excusamo-nos falar. Como cavalheiro mais distincto e mais *poseur* do Cinema, tem, ultimamente, dado *gaffes* tremendas. Não é o mesmo artista *rafiné* que todos conheceram em *Serenata* e *O Criado da Duqueza*. E' um *gallant* senhor de mais de 40 annos. Falando um francez de americano do Texas e fazendo esquecer tudo quanto de approveitavel já fez, no Cinema. *Terrible!!!*...

Claudette Golbert, no seu elemento, isto é, representando peças, não é das menos photogenicas. Num film silencioso, como aquelle pequenino e simples que fez com Ben Lyon, mesmo, poderia vencer melhor do que falando. Emilio Chautard, Adrienne d'Ambricorut, Sandra Ravel, Frank O'Neil, Armand Kaliz, Jacques Jou Jerville e André Cheron provam, de sobra, que representar mal não é apenas qualidade dos artistas de theatro americanos...

E, por falar nisso, reparem as poucas roupas em que o Menjou apparece, repetindo, mesmo, algumas dellas... Falta de *argent, monsieur* Adolphe?...

O typo do film que não deixa *souvenir* alguma...

Cotação: — 4 pontos.

O Imperio passou, em *reprise, Sally* e, mais uma semana, *Alvorada de Amor*.

GLORIA

A INDOMAVEL — (The Unthmed) — M. G. M. — Producção de 1929

Este film, se não fosse *mudo*. Isto é: versão *muda* de um film todo falado. E tivesse tido um tratamento perfeito e fosse feito silencioso, seria mais um dos admiraveis films de mocidade, com Joan Crawford, encabeçando um elenco photogenico.

Como está, nada mais é do que um espectaculo vulgar, nem siquer enfeitado por um *close up* realmente bonito de Joan, agora, não sei porque, menos interessante do que nos seus tempos de *Garotas Modernas*... Não sei se foi o casamento, se foram os *talkies,* ou o que foi. O certo é que ella dá a impressão de ter perdido aquella sua vida e aquelle seu fogo enthusiastico de mocidade que a fazia uma das maiores figuras da téla.

Alem disso, obrigaram-na a cantar e ao Robert Montgomery tambem. E, como ambos cantam muito mal, a impressão que se tem ainda é peor. Ella, tem uma voz grossa, rouca e terrivel, diga-se e elle, confessamos, não chega a cantar *nickel!* E' um verdadeiro crime fazer esse pessoal cantar. Porque, alem de tudo, animam as pessoas de casa a cantar e, isto, porque, ouvindo-os, qualquer um suppõe, e com justiça, que já é o Tito Schipa ou a Amelita Galli Curci... E... Já se sabe o resultado...

O film é fraco. Ernest Torrence conversa o film todo com Holmes Herbert e Joan Crawford o film todo beija Robert Montgomery. Mas... Beijos sem graça! Fracos, platonicos, muito distantes daquelle que ella recebeu de Rod La Rocque, ainda ha mezes... E elle, apesar de ser um galã sympathico e agradavel, coitadinho, nada mais faz do que recusar cheques e dinheiro para, afinal, acceitar, sorridente, a gerencia e a futura presidencia das minas de petroleo...

A historia conta que a acção se passa na America do Sul, numas minas de petroleo e, francamente, se aquillo é comnosco, é de se dar os pesames... Mais sujos e mais esfarrapados do que aquelles *nativos* do inicio do film, só mesmo os *extras* de *Tempestade sobre a Azia*...

A photographia é má e as canções são apenas soffriveis. A scena melhorzinha do film é a luta de box entre Robert e Don Terry.

No principio, pessimamente maquillado, John Miljean faz uma *pontinha*.

Jack Conway, um bom director, naufragou com este trabalho.

Cotação: — 5 pontos.

O PASSADO DE UMA MULHER — (Tiffany) — Producção de 1929.

Belle Bennett, a excellente artista de

REVISTA

Stella Dallas, ao lado de Joe Brown, o homem de bocca maior do mundo. *O Passado de uma mulher*... Isto mesmo! E' o typo do film que faz saudades do passado! Como elle era bom! Quando Henry King fez Belle Bennett ser *Stella* e a collocou numa historia de *hokum* suave e dosado com sabedoria... Hoje... Pobre Belle, sua sina é triste: trabalhas ao lado de Joe Brown num film falado e musicado e cantado e dansado da Tiffany...

E' preferivel um passeio á praia ou um romance de Camillo Castello Branco, mesmo...

Cotação: — 4 pontos.

A REVISTAS DAS REVISTAS

Preparou-se tudo para a exhibição deste film, mostrando a companhia Velasco, como complemento da exhibição da Companhia Eva Stachino, no palco. Mas foi tão habil e tão energica a repulsa do publico, quando se tentou exhibir o mesmo que, antes de alguma cousa succeder, resolveu-se um pulo ás prateleiras da agencia e de lá tirar, ás pressas, tambem, *O Passado de Uma Mulher*... *Revista das Revistas* não merece commentarios e nem cotação. Registramos, aqui, apenas, a vontade de se exhibirem films inconfessaveis, como este, o que é peor, com o fim exclusivo de approveitar o soccorro de algum numero de palco que se queira encaixar conjunctamente. Mas nem a *Revista das Revistas* e nem as *revistas* do palco conseguiram augmentar o numero de entradas... Hoje em dia, com films falados, é preciso, mesmo, um reforço de palco. Mas ás vezes acontece que o reforço é peor do que o film e ahi?... O bom Cinema não precisa sinão de um bom jornal ou de um bom desenho animado para fazer um programma de successo. *Sainetes, revistas relampagos*, etc., só servem para afastar publico... e discussões com a estrella da companhia...

ELLES TINHAM QUE VER PARIS — (They Had to See Paris) — Fox — Producção de 1930.

Frank Borzage apresenta, com este film, alguma cousa soffrivel em materia de film falado. Verdade é que tivemos a versão muda, apenas. Mas, assim mesmo, deduz-se que o trabalho do director de *Adoração de Mãe*, *Setimo Céu* e *Anjo das Ruas* não foi dos peores... No quadro do idyllio de Margueritte Churchill e Rex Bell, logo no principio, elle revela todo seu senso de poesia e de romantismo. Mas Frank Borzage é para ter uma *camera* sem appendices. Um eperador de facto. Um casal delicado e uma historia do coração. Mais nada! Com isto, apenas, elle falará mais do que todos os altos-falantes do mundo... Já perguntaram se, algum dia, o Cinema falado fará o seu *Setimo Céu*. Não precisa tanto. Nem *Rio da Vida* elle fará!

O peor é que Fran Borzage é obrigado a seguir as clausulas do seu contracto e, assim, ameaçados estamos de não vermos um dos seus formidaveis trabalhos de sentimento e delicadeza e, o que é peor, vamos para a semana vel-o dirigir o *grande* tenor John Mac Cormack...

Will Rogers, o principal deste film, é um artista sincero, lembrando, ás vezes, o estylo de Harry Carey. Mas nos seus tempos da Goldwyn, dirigido por Clarence Badger, já fez film melhores.

Algumas das situações em Paris, são bôas e Fifi Dorsay, de facto, é uma creaturazinha colosso!

Irene Rich, muito bem. Ivan Lebedeff, dentro do seu papel, muito bom. A situação de Will, dentro daquella armadura, vale o film. Assistem, sem susto, porque se não o deslumbrar, tambem não o aborrecerá. Tem algum humor e é acceitavel.

Vão ver Fifi Dorsey...

Cotação: — 6 pontos.

CAPITOLIO

O DIABO BRANCO — (Der Weisse Teufel) — UFA — Producção de 1929.

A Ufa, nestes ultimos tempos, nos mandou tres bons films: *Manolesco*, *Flôr do Asphalto* e, agora, este, *O Diabo Branco*.

Se bem que seja inferior aos dois primeiros, em interesse e, mesmo, em direcção. E', ainda assim, um film de raras qualidades. Photographicas, principalmente.

Narrando uma historia interessante, apresenta aspectos russos sem ser um film russo, na extenção da palavra... Sim, porque ha um Czar Nicolau I, alinhado. Uma Nelidowa, bonita. Uma Saira, linda. E, mesmo, um selvagem do Caucaso, Hadshi Murat, photogenico, vestido com luxo e sem aquelles aspectos barbados e sujos, costumazes aos films russos.

A historia, é interessante e o unico defeito do film, em nossa opinião, é, talvez, uma demasiadamente extensão de certas scenas. No emtanto, tantos e tão bonitos momentos tem o film que, afinal tem-se que reconhecer, mesmo, que são maiores as qualidades que os defeitos.

A parte photographica, então, é simplesmente admiravel. Poucas vezes nos tem sido dado o prazer de assistir á um film tão lindamente photographado. O operador deste film foi um mestre e o director soube tirar partido sufficiente do menor detalhe e da menor collocação opportuna de *camera*.

As aventuras de Hadshi Murat, acossado pelos ciumes de Shamil, invejoso e máu, são empolgantes, mesmo depois que elle atravessa a fronteira e vae ter a Petersburg, depois de varias peripecias.

O elemento amoroso do film, é fraco. Maior é a sua parte dramatica, mesmo. As cerimonias da Paschoa, celebradas pelos orthodoxos, estão estupendamente bem filmadas e tambem, o combate que Hadshi Murat sustenta contra seus innumeros adversarios.

O final do film, ainda que um pouco dosado de *hokum*, é humano e agradavel e, apesar de infeliz, é admiravel.

Ivan Mosjukin, que, ultimamente, tem apparecido em bons films, apresenta mais uma de suas excellentes interpretações. Perfeitamente controlado pela direcção segura de Alexander Wolkoff, mostrou-se um artista de raras qualidades, aproveitando-se da menor situação. Fritz Alberti, quasi roubando o film, tem um desempenho admiravel. Betty Amann e Lil Dagover, enfeitam o film todo com suas bellezas. Particularmente Betty. E o resto do elenco, todo elle, homogeneo e seguro, sempre.

Montagens admiraveis e photogenia em quasi todos os ambientes.

Vale a pena asistir e todos devem se esforçar para o ver.

Cotação: — 7 pontos.

PARISIENSE

HERDEIRA A' SOLTA — (Loose Ankles) — First National — Producção de 1930.

Um film fraco da First National. Aliás, os que se têm exhibido no Pariziense, da mesma fabrica, têm afinado pelo mesmo diapazão.

O argumento não é dos peores e offerecerìa margem muito maior, mesmo. Mas o scenario é falho e nem Loretta Young, Louise Fazenda e Douglas Fairbanks Jr. conseguiram salval-o da mediocridade. De resto, apenas soffrivel.

Direcção de Ted Wilde, commum.

Cotação: — 5 pontos.

O CRIME PERFEITO — (The Perfect crime) — F. B. O. — Producção de 1928.

Um film apenas synchronizado e feito sob os mais modernos preceitos do Cinema silencioso. A sequencia do tribunal, falada, é silenciosa, apesar de tudo. E' o systema da Radio que resolveu encaixar dialogos em cima dos movimentos de labios dos artistas. Mas ha momentos desencontrados e aquillo apenas serviu para tirar o encanto daquella scena que, apesar de batida, tem angulos novos.

Trata-se de uma historia de assumpto policial e de desfecho inesperado. Trama bem urdida, dentro de um scenario quasi perfeito e de uma direcção segura. Collocações intelligentes de machina. Photographia excellente. Interpretação impeccavel e, em summa, um espectaculo dos que faziam saudade. Assistam este film. Vale uma noite!

O desfecho da historia, que pode parecer inverosimil, é logico e foi habilmente constituido pelo scenarista Eward Adamson. Inedito e curioso.

A narrativa Cinematographica, é perfeita. A historia é toda contada em imagens e com symbolos. Se não fossem alguns letreiros pouco opportunos, a apresentação de Clive Brook seria formidavel, mesmo. E a historia, toda seguida de uma grande curiosidade, despertada pelo seu desenvolver num *crescendo* intenso de emoção, é emocionante e convincente. A situação da morte de Tully Marshall e a experiencia de Clive Brook, chegam a arrepiar.

Neste genero policial, é um dos bons films que temos visto. Bert Glennon, que operou *Paixão e Sangue* e muitos outros films, inclusive diversos de Pola Negri, aprendeu muito de direcção e effeitos de luz com Josef Von Sternberg, nota-se. E, diga-se, foi um bom alumno!

A historia não é violenta e nem formidavel. E' o que se quer para dar um film acceitavel e bem agradavel. E depois de uma serie de *todos falados*, um film assim até bem faz. Em outra epocha, isto é, naquella epocha de colossos silenciosos, seria apenas um film commum. Hoje, é uma preciosa raridade.

Vejam sem susto que hão de apreciar muito! Bonito aquelle symbolo da caneta, no tribunal.

Clive Brook, estupendo. O film é todo delle. Distincto, sobrio, elegante e realce para a historia. Irene Rich, bem no pouco que tem a fazer. Carroll Nye, Gladys Mac Connell, Ethel Wales, Tully Marshall e Edmund Breese completam o elenco.

Cotação: — 7 pontos.

RIALTO

ADEUS, MASCOTTE! — (Adieu, Mascotte) — Ufa.

Uma comedia dramatica. Passa-se o romance em Paris, entre artistas-pintores. E' um film que diverte e que faz o tempo passar. Lillian Harvey é a heroina e Igo Sym o galã. Não é nada de formidavel, este film, mas pode-se assistir sem susto, que divertirá. Mariette Millner, a infeliz artista que falleceu na Europa, pouco depois de deixar os Estados Unidos, apparece num bom papel.

A direcção, de Wilhelm Thiele, regular.

Melhor ainda se fôr complemento de programma.

Cotação: — 5 pontos.

※ Exhibiram-se, em *reprise*, *A Valsa do Amor* e *Rhapsodia Hungara*, ambos films da Ufa.

O QUE OS HOMENS

Norma Shearer, a mulher que todos os homens querem mas sómente os ricos podem ter o direito de conquistar.

Jeanette Loff recebeu proposta de casamento de um rico commerciante de diamantes da Africa do Sul.

Mary Brian, que é tão boazinnha e para a qual Hollywood é um peccado...

Homens... De quaesquer camadas sociaes. São os apaixonados a m antes das *estrellas* do Cinema! Homens solitarios dos campos. Homens das cidades grandes, ás vezes mais solitarios ainda do que os primeiros... Homens bons e homens máos. Ricos e pobres. Poetas e operarios. Mestiços e filhos de terras illustres. Homens mysteriosos e homens simples. Amantes ardentes e amantes platonicos. São, todos elles, juntos, sombras de Lotharios a acompanharem, sempre, as sombras das Juliettas e a deitarem, nos altares das illusões sagradas dos sonhos, as suas mais admiradas expressões de paixão, em fórmas de cartas que, de todo mundo, religiosamente vêm cahir nas mãos de tio Sam que as vae entregar religiosamente, tambem, em Hollywood, ás pequenas dos films...

Mas o que é, afinal, que esses homens querem dellas?... Muitos delles. Quasi a totalidade, mesmo, sabe, perfeitamente, que é inutil o que pensam e sabem, tambem, que a realização do sonho é quasi impossivel. Ellas são as namoradas distantes, intangiveis, desconhecidas. E elles, os amantes que nunca chegam. Os corações em braza que jamais têm a occasião de uma só phrase de romance dizer á pequena que admira...

Passamos, para escrever esta reportagem, semanas e semanas, no interior do departamento de cartas de *fans*, dos Studios, lendo cartas e mais cartas. E procurando, para a pergunta que acima fizemos, uma resposta satisfatoria. Nellas, encontrei propostas tolas de casamento. Propostas de fugas romanticas. P r opostas *atrevidas*. Sonetos. Expressões fanaticas de cerebros fanaticos. E, em summa, cartas e mais cartas: provas insophismaveis dos caracteres dos homens que as escreveram...

Algumas dellas, mesmo, bem ousadas e terriveis...

Lupe Velez, por exemplo, pode-se dizer, francamente, que, se valem alguma cousa as cartas que ella recebe, *os homens a desejam!* Querem-na, para beijar seus labios e enlaçar seu corpo. Nem que seja, apenas, no mytho fantastico das suas illusões sem remedio. E', mesmo, a artista mais violentamente desejada do Cinema. Ao menos é a deducção que se tira das cartas que ella recebe. As propostos de casamento que ella tem recebido, então, são innumeras. E, não poucas vezes, os convites são para uma fuga e uma vida quiéta, calma, numa ilha solitaria, sem mais ninguem do que ambos. Vida de preguiça e sensua lismo. Vida de tormento eterno para os sentidos apaixonados... N ã o se exprimem, elles, da mesma fórma. Ha um, por exemplo, que começa assim: *Garota de fogo e paixão!* E, seguindo-se a esta expressão ardorosa, muitas outras phrases mais perigosas ainda acompanham a missiva... Outro depois deste, mostra-se poetico sentimental. Começa sua carta, assim: *Criança pagã que se fez mulher!* E, continuando, diz elle, arrebatado de paixão: *Ha, em você, uma musica de gongos de Shangai que nos vêm ferir de morte o coração entorpecido de sonho...* Outro, mais adiante, apenas assignando suas iniciaes e escrevendo em papel de hospital, diz: — *Você é o sonho de fogo de todo homem. E, justamente, aquelle que elle nunca consegue realizar... Você, Lupe, é o verdadeiro espirito do romance selvagem...* Mais adiante, é um collegial que diz: — *Meu cocktail de fogo! Imagina, meu amor... Vovê... E... Uma Ilha dos Mares do Sul... Guitarras e gemidos que querem ser canções... Que tal, minha nêga?...*

Não tão quentes, na verdade, mas mais ou menos no mesmo estylo, são as missivas que recebem Estelle Taylor, Kay Francis, Dolores Del Rio, Joan Crawford e Clara Bow. Mulheres, em summa, que, nellas, reunem, por qualquer razão inexplicavel, parcellas de sensualismo e parcellas de volupia a formarem, num só instante, seus corpos de peccado e suas personalidades cheinhas de *it*. Estas, sem duvida, jamais recebem cartas de lyrismo e de platonismo. Como simples, singelas e puras. Cheias de lyrismo e de platonismo. Como sóe acontecer com Janet Gaynor, Mary Brian, Fay Wray, Billie Dove e Marian Nixon. Mary Brian, por exemplo, recebe cartas como esta: — *Você é tão bôazinha, Mary! Para que é, então, que você se sujeita a viver essa vida de amarguras e de desillusões que é a vida de uma artista de Cinema? Você nasceu, queridinha, para ser a esposa de um só lar, a vida toda ou, então, a*

QUEREM DELLAS

namorada que a gente não esquece mais... Outro, ainda, tambem escreve á ella e diz: — *Não sou tão tolo ao ponto de pensar, Mary, que uma pequena adoravel como você pudesse chegar á conclusão de me amar. Mas, creia, eu queria passar a minha vida toda, ao seu lado, protegendo-a, guiando-a, como seu empresario, se possivel fosse! Eu dedicaria toda minha vida a você, apenas para ser seu guardião espiritual, financeiro e profissional, ainda. Você é uma creança innocente e Hollywood é uma mulher viciada. Você quer que eu projecta você, Mary?...*

Jeanette Loff, por sua vez, recebe, de um negociante de diamantes da Africa do Sul, uma proposta. Simples. Succinta. Sem poesia. Com estas phrases: — *Depois de quinze annos de lutas, consegui, afinal, a fortuna. neste Paiz de tormento e tortura. Aqui, você seria Rainha. Offereço um Reino para você Governar. Acceita?* Nenhuma palavra de amor, tolo ou pretenciosamente romantica. Nada de superficial. Apenas o necessario em fórma mais ou menos correcta.

O dinheiro, nas propostas que Norma Shearer recebeu, tem uma parte importante. Um delles, diz assim, escrevendo-lhe:

— Se eu tivesse um milhão de dollars, iria a Hollywood e forraria o caminho dos teus passos com um milhão de perolas... Mulheres como você, Norma, são as que os homens querem para si e os ricos conseguem...

Aliás, esta falta de dinheiro e essa ansia de conseguir o amor das mulheres elegantes de Cinema,nota-se em muitas missivas. Constance Bennett, por exemplo, recebeu estas linhas de um *admirador*, logo depois de uma revista ter publicado que ella gastava, annualmente, com seu guarda roupa, 250 mil dollars. Nota-se, nessas mesmas linhas, uma quasi raiva de ver tanto dinheiro gasto para um fim tão especial.

Diz elle: — *Se aquillo é verdade, Constance, eu, palavra, gostaria de pegar você no collo e dar-lhe algumas palmadas bem duras!* A assignatura dizia simplesmente isto: *Alguem que ganha apenas 25 dollars por semana...* Um cavalheiro, no emtanto, ao mesmo tempo escreve isto á ella mesma: *São mulheres como você que liquidam a vida de um homem. Liquidam,* porque os põe em completa ruina... Acceite este meu sincero pensamento. Outro, ainda, diz-lhe, a seguir, em outra missiva: — *Sei, perfeitamente, Constance, que você é daquellas pequenas que, se me olhasse, diria que eu não ia além de um vaqueiro commum. No emtanto, creia, vendo-a, á noite, passada, tive a certeza de que me sentiria o mais feliz dos mortaes se fosse o meu dinheiro que você gastasse na compra daquelles seus carissimos vestidos...*

Sue Carol, Anita Page, Dorothy Lee e Sally Blane, entre outras, são as pequenas que só recebem cartas de *frangótes* collegiaes ou de moços que estão começando a ter o buço mais accentuado...

Sue Carol, por exemplo, recebeu, ha dias, uma carta de um rapaz dizendo que iria a Hollywood e que a queria para companheira. Dizia elle: — *Você, no Cinema, é a unica pequena que parece direitinha e quiéta. Você é o typo da pequena que a gente tem vontade de convidar para dar um passeio! E eu acho que você deve esperar até que eu chegue, para, depois, só sahir commigo.*

Anita Page, então, recebe cartas assim: — *Você é a unica pequena que é capaz de ir á uma "farra" e não dansar. Ir á uma festa e não flirtar. E fazer esses verdadeiros milagres. Eu gostaria que existissem, no mundo, muitas Anita Page! E, principalmente, gostaria tanto que eu fosse o unico a frequentar as reuniões intimas de sua casa, com sua familia... Creia, Anita, você é o typo que, de agora para diante, será o padrão que usarei para a escolha de minha esposa..*

Constance Bennett, que gasta 250 mil dollars annuaes em roupas e irrita os "fans" com isto.

Ruth Chatterton, então, recebe cartas como esta: — *Não olhe, Ruth, para esta carta, como "mais uma" de um outro "imbecil"! Embora eu creia, firmemente, jamais ter a opportunidade de a conhecer ou conhecer, mesmo, alguem que se assemelhe á voce em intelligencia e cultura, eu affirmo, entretanto, que, em meu coração, você criou um novo ideal feminino. incapaz, talvez, de se encontrar, no mundo. A minha vida, até hoje, procurei uma mulher que soubesse compartilhar commigo, á um tempo, meu lar e meu coração, numa só fórma intelligente. Não a encontrei. A noite passada, eu vi "Sarah and Son". E se você não acha que é muita pretenção minha eu tomarei a liberdade de escrever mais vezes á você. Não espero resposta sua. E' querer muito, é ser muito sopoder escrever, para mim, nhador. O privilegio de lhe vale mais do que todas as outras honras deste mundo.*

Anita Page, a pequena de todos os estudantes do mundo.

Lupe Velez, a inspiradora das paixões mais ardentes entre os "fans".

Outra, de um autor qualquer, offerece a Ruth as suas horas de trabalho intellectual, da seguinte fórma: — *Apenas o fruto das horas de felicidade que você me deu com seus soberbos desempenhos!* Ainda outro, mais adiante, lhe diz, claramente, o seguinte: — *Conhecel-a e comsigo falar alguns segundos, que fossem, seria a lembrança mais feliz de toda minha vida!*

As cartas dirigidas a Greta Garbo, eu as deixei por ultimo, bem de proposito. Não são, no emtanto, as tempestades de paixão que possam suppor. E, ainda que achem improvavel, eu lhes digo que a maioria das cartas que ella recebe, é de mulheres. E, dessas, as que mais lhe escrevem são jovens. Aqui, por exemplo, vejo uma

Termina no fim do numero

LEW AYRES

(FIM)

— Elle me respondeu logo:

— Sim! A musica me aborrece, ás vezes...

— A musica? A' voce, que já tocou em jazz?

— Bem por isso! Mudei muito, desde annos passados. Antigamente éra maluco por musicas de jazz. Hoje, sinceramente, não lhes ligo a menor importancia. Quando comecei a tocar banjo, queria ser o melhor banjo do mundo e coisas taes. Mas hoje... Francamente, não me interessa e ás vezes me aborrece, mesmo...

Éra a mesma coisa que Jack Oackie nos contar que estava apaixonado por uma princeza, não acham? Mas, emfim, o que fazer?...

Depois, fallamos sobre o amor.

— Eu geralmente me apaixono por todas as creaturas que tenho em meus braços. Mas, felizmente para mim, nenhuma dessas paixões predomina ou vence. Eu não sou muito ao sabor das pequenas e ellas não se divertem muito commigo. Não sou, mesmo, a sorte de farrista que ellas apreçiam... Mas não deixo, no emtanto, de, de quando em quando, convidar as pequenas mais a mão para um baile ou outro. E, além disso, eu tenho um systema. Apanho o telephone e chamo uma dessas creaturas. "Vamos sahir hoje?". Ella diz que sim. Encontramo-nos. Depois, digo-lhe. "Olhe, escute, sahiremos hoje e iremos dansar sexta-feira, feito?". Ella concorda, sem saber porque. E' porque eu não tenho vontade de dansar, no momento e pode ser que sexta-feira eu tenha. Assim, convidando-a sexta-feira, tenho probabilidade de querer mesmo dansar nesse dia e não precisar dansar com ella, porque, quando se approximar a epocha marcada, convido outra e vou á outro **dancing**...

Durante um anno, as suas mudanças foram innumeras e para melhor, todas.

O anno passado, quando appareceu em **O Beijo**, éra apenas mais um jovem do Cinema. Hoje, tem rosto de mais homem e já mostra, claramente, a figura interessante que é.

Sem que lhe perguntassem, disse-me elle.

— Pode dizer, tambem, que, desde meus tenros annos, desejei tentar o Cinema. Éra, mesmo, a unica arte que me interessava. O resto, com franqueza, para mim não passava de facto occasional.

Fallamos de artistas. Um pouco parecido com Richard Barthelmess, lembramos isto. Elle nos respondeu, num impeto.

— Nunca! Eu jamais poderei ser o grande artista que elle é! Se o conseguisse, ainda que fosse pela metade, seria o mais feliz dos felizes. E' o artista que mais admiro!

Isto nos faz lembrar, igualmente, a phrase de Richard Barthelmess, a respeito de Lew, depois de ter assistido **All Quiet**.

— E' o melhor **juvenile** dos ultimos tempos. Acho que seu trabalho é soberbo e formidavel, neste film!

Os que mais apreciaram Lew, no emtanto, foram aquelles que com elle trabalharam.

Elle tem, ainda, qualquer coisa de Charles Rogers. Mas é extremamente homem, em todas as suas attitudes e admiravelmente sympathico á quantos o admirem na téla.

Symphonia pathetica

(FIM)

Quando a festa terminou, elle, sensibilizado com tamanha prova de affeição, segurou as mãos de Beatrice entre as suas e, depois, num longo beijo, pediu-lhe enternecidamente que se fizesse esposa delle.

— Acceita?...

A resposta demorou. Illuminaram-se-lhe os olhos. Seu coração pulava, forte, dentro de seu peito, cheio de amor. Depois, em vez de responder, cahiu nos braços abertos de Paul e, com um grande beijo, correspondido, disse tudo quanto queria áquelle coração sincero e forte que tanto já a queria.

\+ + +

Casaram-se. Beatrice éra meiga. Éra bôa e queria muito bem Paul. Mas Paul... Não sentia, naquelles beijos e naquelles carinhos, os affectos de fogo e os beijos entorpecentes de Zetzala. Ella, sim, fôra sua verdadeira paixão. Se tinha mel, nos labios, tinha fogo, nas veias e, na alma, um sentimento rarissimo de amor sincero. Beatrice, ao contrario, éra suave, pallida, quazi parecida com as rosas desmaiadas dos jardins immensos do parque que circumdava a residencia de ambos.

Foi junto a essa felicidade placida e quiéta, como as aguas de um lago immenso e socegado, que chegou, arrebatador, um telegramma de Zetzala.

— Paul. Amo-te, mais do que nunca. Meu tio quer que eu seja a esposa de outro homem. Vem! Salva-me!

A tortura perdurou pela noite toda. O que fazer? Ir? Ficar? Beatrice ou Zetzala? Que fazer?

Mas o sangue das suas veias não podiam negar aquella paixão. Arrebatado, esqueceu-se de tudo, partiu, com uma febre intensa de saudade e de amor. Aquellas simples palavras de sua amada fizeram-no voltar á realidade immensa do passado.

Em Marrocos, em ousadas investidas, Paul apodera-se ardilosamente de Zetzala. E, durante dias e dias, como se fosse um mar de felicidade, vivem immersos em amor, apenas, sem que Paul tivesse coragem de lhe dizer que estava casado e sem que ella mais fallasse do que do que do seu amor sem fim e enorme.

Como se beijavam! Com que ardor! Com que saudade! Com que paixão!

De uma das vezes que Paul se achou ausente, Zetzala recebeu a visita desconhecida de Mrs. Arwood, a americana rica que ainda tinha esperanças de conquistar Paul. Vendo a felicidade que elle gosava, ao lado daquella mestiça lindissima, Mrs. Arwood revolta-se. E emquanto uma orchestra, em Paris, executava, ao Radio, a **Symphonia Pathetica** de Tschaikowski, ella, perversamente, conta-lhe que ha já 4 annos que Paul éra casado com Beatrice Hamilton e prova o que diz com photographias que comsigo trazia.

O golpe foi directo e fatal. Zetzala, que já havia pedido a Paul que lagalizassem aquella união tão amorosa mas tão falsa, como estava, sentiu aquillo bem em cima de seu coração. E, depois de tantas emoções, aquella éra demais. Uma syncope cardiaca, violenta, arrebata-a ao mundo, sempre ouvindo o echo da **Symphonia** que o proprio Marks regia, de tão distante...

\+ + +

Tudo aquillo, para Paul, foi um tremendo golpe. Encontrando Zetzala morta, sentiu-se o ultimo dos desgraçados.

Com muito custo voltou a Paris. Mas lá, em Beatrice, sabedora de tudo, encontrou a mesma esposa meiga e bôa. Carinhosa e affavel. Que o recebeu com o mesmo affecto e com o mesmo carinho e que lhe reservava, ainda, a melhor e maior das surpresas. Um filho, nascido durante sua ausencia e o maior laço a unir, talvez para sempre, agóra, aquella felicidade que tornava a nascer das cinzas daquella immensa tragedia.

O tempero que o publico quer

(FIM)

te os bons nomes das mesmas. Davam-nas, constantemente, como creaturas de origens pouco prezaveis e de costumes os mais selvagens e primitivos. Mal educadas e sem principios de cultura rudimentar. E, ainda, como figurantes principaes de tremendos escandalos.

Tempero para o publico...

Mas o resultado quazi é funesto para as duas artistas, se não reagissem e não provassem, claramente, aquillo éra a mais vil das invenções. Assim mesmo, depois de tudo isso, a fama de ambas andou periclitante...

E' isto que é o **tempero** que o publico quer. Saber pecadinhos, escandalos, novidades, exquisitices, manias, habitos, pouca virtude e cousas, em summa, que dêm sabôr á um film, quando nelle ellas apparecerem, porque, logo, lembrarão os escandalos que a imprensa já havia contado, mentindo, embóra...

Mas esse **tempero** é justo? Não se deve acceitar um artista na sua simplicidade, apenas? E' preciso **molhos** e **temperos**?...

CINEMA DE AMADORES

(FIM)

de impostos na Suecia. (Para os films commerciaes, 2.000 réis por kilo).

Suissa. — "E' provavel que os fiscaes alfandegarios suissos permittam a entrada de pequenas quantidades de film, levado por amadores, com isenção de impostos, desde que não são destinados para a venda. No emtanto, não existe nenhuma disposição definida a este respeito. A taxa sobre os films cinematographicos importados para a Suissa é de 60 francos suissos por 100 kilogrammas de peso grosso". (1.000 reis por kilo).

Tcheco-Slovakia. — "A importação de pequenas quantidades de films cinematographicos por parte dos amadores que levam uma camara é livre de impostos, na Tcheco-Slovakia. Para quantidades que excedam o stoc usual, paga-se uma pequena taxa relativa de 1.200 corôas tcheques por 100 kilogrammas de film". (3.200 réis por kilo).

Yugo-Slavia. — "Os films para amadores, em quantidades razoaveis, são isentos de impostos"

A unica e séria difficuldade que o amador póde encontrar no estrangeiro, só apparecerá se elle, deliberada ou impensadamente, pretender photographar fortificações militares, etc. Isto significa a confiscação immediata da camara, dos films, e talvez uma prisão. Photographar de um aeroplano tambem não é coisa vista com bons olhos, e em certos paizes é até prohibido.

Castellos de illusões

(FIM)

A scena foi rapida. Hale e Rusty reagiram, inutilmnte, tentando deter os soldados para o aeroplano sahir. E, afinal, dominados, foram conduzidos, presos, emquanto viam o Conde arrebatar a filha á Condessa e, ella, tambem, ser conduzida para lugar retirado afim de ser enclausurada.

\+ + +

Tudo correu em ordem. Como estrangeiro que éra, Hale foi posto em liberdade. Mas, em troca, deixou toda sua fortuna, para pagar, de uma só vez, a multa que exigiam, pela intromissão em negocios de Estado e particulares do Governo da Latavia.

A multa consumio toda sua fortuna. Apenas lhe sobraram dollars sufficientes para regressar a New York e, lá, tentar, com muito desanimo, coração cheio de saudade e amor, uma vida nova e cheia de peripecias tristes para elle.

\+ + +

Um dia, dos peores, quando regressava desanimado para a pensão humilde que habitava, Hale encontrou em seu quarto uma mulher.

— Condessa!

Éra ella.

Livrara-se do Conde. Conseguira que seu povo a empossasse no seu devido lugar e ali estava para lhe devolver todo o dinheiro que lhe havia sido miseravelmente roubado...

Hale não accreditava em tamanha felicidade.

Quando a teve nos braços e a beijou, com ardor e fogo, novamente, como naquella noite em que Mitzi os surprehendera, accreditou, finalmente. E, aparte sua felicidade de ter ficado de novo rico, tinha a maior de poder ser, em breve, o esposo carinhoso da Condessa Von Baden.

O que os homens querem dellas

(FIM)

e um rapaz que acabára de entrar para a Escola Dramatica de Londres e pedia a Greta Garbo, em homenagem á sua arte e aos seus desempenhos, que o tomasse em conta de seu protegido. De outro, jovem, tambem, aqui estão uns singelos versos a dizerem muito da delicada inspiração que ella lhe deu, quando a viu, nos films. Outra pequena, mais adiante, compara-a á um ser espiritual, intangivel, impossivel de existir. Mostram, todas e todos, em summa, em primeiro lugar as admirações profundas que têm pelos seus trabalhos e, depois, a porcentagem menor, exhibe sua paixão pela grande artista.

Isto, sem duvida, é o fructo desse véo de mysterio que sempre a envolveu. As suas cartas, geralmente, trazem, no enveloppe, apenas isto: — Greta Garbo, Hollywood. E ellas chegam, regularmente, trazendo, para ella todo um immenso conforto de um publico que ella não conhece, pessoalmente, mas que a admira, profundamente, em silencio.

\+ + +

E é só isto. Apenas cousas interessantes que colhemos em cartas de **fans**. Só para ler estas missivas, calmamente, apreciando diversos e variados estylos, não vale a pena ser artista de Cinema?...

A vida de Maurice Chevalier

(CONTINUAÇÃO)

feitamente, ou, mesmo, talvez melhor do que elle, Chevalier criou um typo de grande comicidade e, até nas attitudes, parecia ser aquelle e não elle proprio. E, quando estreou esse numero, Chevalier, mais uma vez, conheceu o que éra uma emoção forte, na sua carreira e, mais uma vez, teve o publico em pé, todinho, applaudindo-o com um phrenezi raro e impressionante.

Depois disso, e, sem duvida, por causa disso, principalmente, veio-lhe o contracto com o "Folies Bergères, o "goal" de todos os "music halls" do mundo.

Uma noite, no "Folies", resolveu elle tentar um novo golpe. Havia um numero que éra apenas uma canção ligeira. E elle resolveu, de um momento para outro, apresentar-se ao publico sem caracterização. Porque, afinal, até aquelle instante, elle nada mais tinha sido, mesmo, do que um **clown** e, assim, queria elle saber se, apenas como éra, o publico o apreciaria, tambem.

Se bem o pensou, melhor o fez. Vestiu o seu melhor **smocking**. Poz, á lapella, a sua flôr predilecta, arrumou sua palheta para o canto da cabeça, na sua attitude caracteristica e, quando o contra regra lhe apontou a entrada, elle a fez, emocionadissimo.

Acceital-o-iam como elle éra? Ou prefeririam o **clown**?

Quando elle entrou, não houve um só brado, um só murmurio. O silencio éra geral. Foi a certeza intima que elle teve de que o publico não o queria assim. Pensou em voltar. Mas éra tarde. Tinha que levar aquillo avante, até ao fim daquelle numero, ao menos. Pre-

parou-se, encheu-se da sua maior bôa vontade e, como a canção que ia cantar éra de grande margem, para elle, pol-a, nos labios, com a maior de todas as vehemencias.

Ao som da melodia e dos primeiros versos que elle recitou, houve um geral murmurio pela sala. Afinal reconheciam-no! Ninguem o tinha jamais visto assim. Não o haviam conhecido. E, assim, dahi para diante, já foi outra a sympathia que o cercou. Atirou-se elle com mais enthuziasmo á canção e, ao cabo della, quando elle já se retirava, a multidão que ali se achava, applaudio. Mais do que nunca. Com mais enthuziasmo do que nunca! Animadissima!

— Chevalier! Chevalier! Chevalier!

E pediram novas canções. Elle a todos satisfez. Cantou outras. E, afinal, viu, mesmo, que o publico antes o preferia como elle realmente era, do que como **clown**.

A sua entrada para o **Folies**, fôra, mais ou menos, como um contracto que se faz com um palhaço. Mas, lá, em instantes elle se fez um jovem artista de talento e graça rarissima. Cujos improvisos eram a cousa mais formidavel que até então já se vira, no genero. E que, maquillado ou sem maquillagem, éra o mesmo grande successo. E, note-se, no **Folies**, nessa epocha, junto com elle, achavam-se artistas do valor de uma Mistinguette e de uma Gaby Deslys.

Em 1914, interrompeu sua carreira. Alistou-se entre os soldados francezes que queriam defender sua Patria. Não que lhe pedissem ou que fosse sorteodo para tanto. Mas foi, porque viu os filhos da França irem, todos e, ficar, para elle, seria a prova da covardia. Chevalier, antes de mais nada, é um valente.

+ + +

Durante uma das mais sangrentas batalhas havidas no **front** que elle defendia, junto a seus innumeros irmãos, houve um tiroteio cerrado por parte dos allemães. O bombardeio, por sua vez, éra intenso. De uma feita, antes que tivesse tempo de se atirar, com seus irmãos, para a trincheira salvadora, foi apanhado pelos estilhaços de uma granada. E, quando os seus collegas o agarraram e o arrastaram para um lugar mais calmo, verificaram que elle estava gravemente ferido e que já estava agonizante, mesmo.

Quando attingiam, elle e seus companheiros, um pequenino posto de soccorro, aonde todos queriam ser soccorridos, naquelle transe horrivel, foram cercados pelo inimigo e, juntamente com outros feridos, foram todos enviados para o posto de contração em Magdeburg, aonde, no seu hospital, passou Chevalier o resto de toda a sangrenta e immensa guerra que destruia toda a Europa.

Foi ali mesmo que terminaram os serviços que Maurice Chevalier prestou á França, durante a grande guerra. Elle não foi heróe. Éra apenas um soldado que luctava, como tantos outros luctavam, tambem. Sempre enfrentou o inimigo com bravura e nunca esmoreceu diante do perigo. Gravemente ferido, que podia fazer elle, naquella circumstancia em que foi capturado?

Chevalier foi um bravo militar e um excellente cidadão. Serviu sua Patria, como qualquer homem normal e, por ella, soffreu amargos instantes e duros padecimentos.

Alguns dos estilhaços da granada allemã que attingiram os pulmões de Maurice, até hoje lá se encontram, ainda. Óra estacionarios, óra moveis, ás vezes prejudicando-o, seriamente. A's vezes quiétos e calmos, sem o aborrecerem. Os medicos de Magdeburg, quando o examinaram, acharam que menos perigoso, para elle, seria ficarem elles aonde estavam, do que operarem-no. Já perguntavamos a Chevalier se elle acha que a razão lhes coube, naquella occasião. E elle nos respondeu, apenas, com um ligeiro movimento de hombros...

Aquillo o prejudicou, sem duvida. Porque muito mal elle se sente em dias chuvosos e, para dansar, não pode ter a mesma dextreza que tinha antes. No emtanto, parece que nada lhe acontecerá, tão cedo, proveniente disso.

Um dos prejuizos que lhe trouxeram estes estilhaços, foi a interrupção definitiva da sua carreira de **boxeur**. Chevalier, antes de partir para o **front**, era um dos maiores nomes do **box** de amadores, de Paris. E, mesmo, muitas vezes teve que concertar a cara, antes de entrar para o palco, tal éra o seu estado de **amarrotação**...

Até hoje, no emtanto, é um dos mais ardentes **fans** do **box**. Vae sempre ás suas exhibições e, mesmo, considera-o um dos seus **sports** favoritos.

Ha, sobre esta sua perfeição pugilistica, uma historia veridica que se conta e que todos os seus admiradores francezes conhecem.

Lógo depois que voltou a Paris, a guerra continuando, ainda, achando-se elle ainda fraco, foi á um café concerto de um arrabalde, em companhia de uma pequena. Os **chauffeurs** de taxis, nessa epocha, faltavam só assaltar o freguez. E, assim, quando o taxi parou, á porta do café, pediu elle o seu preço, uma cousa absurda. Chevalier riu-se e, sem ligar a menor importancia, pagou exactamente aquillo que achou que devia pagar. O **chauffeur**, notando esta attitude, nada disse, a principio. Mas, depois, em rapidas palavras, insultou pesadamente a Chevalier e, principalmente, á pequena que elle accompanhava. De calmo que é, ordinariamente, elle se exasperou e fez-se colerico. Agarrou o **chauffeur**, pelo casaco e, com um só murro, tremendo, aliás, pol-o **knock-out**, de vez. A turba, do interior do café, ouvindo o alarido da discussão e, depois, o baque do corpo do **chauffeur**, correu a ver o que havia. Foi quando surgiram, pela frente de Chevalier, diversos Apaches authenticos, ladeando outras tantas Apachinettes. E chefiando-os, o athletico **Zuzu des Batignolles**, figura então conhecidissima de Paris toda. O **chauffeur**, além de tudo, éra membro daquella especie de quadrilha. Estimado delles, portanto. Vendo-o cahido e um **elegante**, acompanhando uma **pequena**, como causador daquillo, elles se revoltaram, é logico. E, num instante, Zuzu mudou de physionomia, approximou-se de Chevalier e, fingindo que nada se passava, de anormal, fel-o entrar pelo café a dentro. E lá, assim que entraram, fez uma roda e, pondo Chevalier dentro della, começou a querer se divertir com elle, offendendo-o. Dpois, perguntou-lhe porque havia atacado o **chauffeur**. Chevalier respondeu-lhe, sempre calmo, que não admittia que ninguem offendesse uma mulher que estivesse em sua companhia, fosse ella quem fosse. Zuzu, não se conformando com a historia, dirigiu, logo, á pequena, uma pesada offensa. E, tambem, antes que dissesse a segunda, vôou por cima de uma mesa e estatelou-se **knock out**, tambem...

Instantes depois, mais rapidos do que nunca, Chevalier e a pequena desciam a rua toda, num pulo, nem querendo olhar para traz a ver o que vinha, em resposta...

+ + +

Durante trez mezes, no hospital de Magdeburg, Chevalier não conseguio se communicar com sua Mãe. Esta, graças á sua promessa de só gastar a metade dos seus ordenados, conseguia viver, sem ficar na miseria e sem precisar pedir esmolas. Mas, ao mesmo tempo, desesperando-se terrivelmente com a falta absoluta de noticias de seu filho querido. Ao cabo de tres mezes, sahiu elle do hospital e passou para o campo de concentração, junto a cerca de 20 mil seus collegas, tambem prisioneiros. Russos, inglezes e francezes, na maioria. E, lá, passou elle 26 longos mezes, debaixo da mais rigida disciplina, o que mais ainda o fazia soffrer. Porque, apesar de já ter tido baixa no hospital, sentia-se immensamente fraco e tinha, naturalmente, por causa de tudo quanto lhe havia succedido, uma enorme depressão nervosa.

Foi lá, durante os tempos de prisão, que elle encontrou um official inglez que lhe ensinou a fallar a sua lingua, em troca de licções de francez. E, sem duvida, de muito lhe valeu isto, no futuro.

Durante os seus dias de presidio, encontrou elle, em Tom Hearn, um irlandez, um amigo certo e dedicado que, mesmo depois, de muito lhe valeu. E, para voltar para a França, valeu-se elle de um estratagema que poderia, igualmente, ter redundado em sua morte. A França propoz á Allemanha uma troca de prisioneiros-enfermeiros. E, concordes, resolveram fazer a chamada dos mesmos.

Chevalier, num instante, viu a sua ultima opportunidade. Alistar-se como enfermeiro e, em seguida, tentar a sorte. Sabia elle, perfeitamente, que, se fracassasse, teria que passar, dali para diante, uma das mais infames vidas que se pudessem imaginar. Mas, intimamente, sabia elle que podia contar com a sua bôa estrella.

Alistado, soube elle, depois, que haveria um pequeno exame, presidido por um medico francez. Nada sabendo do **mettier**, o que elle mais temia, éra, logicamente, que alguma cousa lhe perguntassem que elle ignorasse, completamente. Assim, foi com verdadeiro yavôr que viu chegar o dia do seu exame. Quando enfrentou o medico francez, este logo percebeu que elle não tinha nunca sido enfermeiro, em sua vida. Mas, quando o allemão lhe perguntou, elle respondeu, firme.

— Sim. E' enfermeiro. Eu o conheço ha longos annos!

E' que o homem o conhecia dos palcos de Paris e, assim, quiz favorecel-o, naquelle instante. Depois, quando chegou o instante do exame, o medico apenas gritou, enganando a observação dos allemães que ali estavam.

— Examinado! Outro!

E, quando o seguinte entrou e elle sahiu, só teve tempo para agradecer á sua bôa estrella a sua sorte.

+ + +

Quando chegou a Paris, de volta, duas eram as cousas que o preoccupavam. Que o chamassem, para ser enfermeiro e, principalmente, na maneira pela qual iria recomeçar sua carreira.

A primeira, resolveu-se logo. Elle não mais foi chamado, porque a guerra já se achava no fim e quanto ao segundo caso, passou elle a estudal-o, seriamente.

Tendo conseguido um contracto novo, estreou elle, mais ou menos bem. Quando chegou o momento de cantar, porém, reconheceu que sua voz estava terrivel. Engrossára. Desafinára. E soffria, terrivelmente, com a falta de respiração que lhe entrava pelos pulmões. Effeitos do ferimento, com certeza.

Terminou a canção, terminou o trabalho, tambem e sahiu do theatro. Não voltou ao mesmo. Intimamente, estava certo de que sua carreira terminára, para sempre.

Logo depois disso, recebeu a **Croix de Guerre** e foi exonerado do serviço militar, pelos prestimos que havia dispendido, durante a campanha e pelo seu estado de saude que não mais lhe permittiam excessos militares de qualquer especie.

Um seu amigo, durante um dos seus periodos de descanço, o aconselhou a continuar no theatro.

— Não estás derrotado, Maurice! Volta! Vaes luctar muito. Principalmente contra teu proprio desanimo. Mas acabas vencendo, tenho disso a plena convicção.

Maurice seguio esse conselho, na integra. E, conseguindo novo contracto, voltou. Sem enthuziasmo, mesmo e recebido sem enthusiasmo, tambem. Mas depois, ao passo que sua voz voltava, elle tambem voltava á sua antiga forma e o publico, por sua vez, punha novo interesse nelle e no seu trabalho. Depois disso, passou elle a notar que os alimentos que tomava já tinham, de novo, sabôr de alimento e não de ferrugem, como antigamente, por causa dos seus ferimentos. E, durante este periodo, começou a revigorar a sua alma e a sentir novos enthusiasmos. Tanto mais intensos quantos maiores eram os novos triumphos que passava a colher, dahi para diante.

Para se tornar sympathico aos innumeros militares, de todos os paizes, que ali se achavam, começou a incluir, em seus numeros, canções patrioticas inglezas, irlandezas, americanas e de outras nações alliadas. E, com isto, elevou mil vezes mais o conceito em que já éra tido, novamente.

Dahi para diante, passou a figurar em revistas, com Mistinguette. Chevalier sempre diz que, á ella, deve grande parte do seu successo e que, por ella, sua gratidão é intensa. Sempre de mãos abertas e de coração grande, diz elle, Mistinguette favorece á todos e mostra-se extremamente fraternal para com seus collegas. Diz elle que ella foi uma das razões pela qual sentiu-se remoçado e disposto á lucta, novamente.

Foi justamente quando elle procurava voltar, que ella o escolheu para seu companheiro de bailados, nas suas revistas. E isto, sem duvida, o collocou, de novo, em plano de grande evidencia.

Como a guerra terminára, Chevalier começou a comprehender, que, para as suas actividades, a America seria um estupendo campo. Ainda que temesse, enormemente, um fracasso na terra do dollar. Elle já havia estreiado suas canções inglezas em Londres, quando lá fizéra uma temporada com Elsie Janis, em 1919. Mas, depois disso, mais ainda temia o fracasso em New York. No emtanto, apesar de tudo isso, ainda tinha confiança na victoria da sua bôa estrella.

Entre as bailarinas que se candidataram á revista de Chevalier, em 1923, achava-se uma pequena, de magnificos olhos pretos. Chamava-se ella, Yvonne Vallée. Aos oito annos, iniciára ella a sua carreira de bailarina. Não havia pensado tornar sua vida profissional, com a dansa que apenas queria aprender por diletantismo. Começou a estudar bailados, por ordem medica, para facilitar o desenvolvimento do seu physico um pouco doentio. E, depois, aconselhada por amigas e por parentes que se sentiam enthusiasmados com a sua vocação, resolveu tentar o theatro o que fez, depois, com apreciaveis resultados, aliás.

Do espectaculo de Chevalier, como bailarina auxiliar, apenas, passou a ser sua companheira de bailados, tal foi o agrado que logo causou á elle e ao publico, igualmente.

A escolha foi applaudidissima. Chevalier éra bem maior do que ella. E ella, assim pequenina, dansando com elle, representando ao seu lado, parecia um pequeno passaro amoroso a procurar amparo e felicidade ao encontro do protector mais forte. Além de dansar, Yvonne demonstrou, em pouco tempo, um raro pendor para a comedia, dentro da qual alcançou um grande successo, tambem.

Na estação theatral seguinte, elle a fez sua principal figura feminina e, de companheirismo e dansas, juntas, tornou-se aquella amisade mais quente e mais affectuosa... Quizeram se casar logo. Mas Chevalièr não contava com a vontade de Yvonne. Ella queria esperar mais um pouco, conseguir mais successo, na sua carreira, para, depois, dedicar-se de alma e corpo ao seu marido e ao seu lar. Assim, continuou por mais uma estação e por mais outra, depois, o amor de ambos, como noivos, até que, finalmente, casaram-se e Yvonne Vallée, dahi para diante, passou a ser Yvonne Chevalier, apenas e apenas dentro de seu lar.

Governando seu lar, combina ella, admiravelmente, um senso esplendido de infantilidade docil e amorosa, com uma extraordinaria paixão pelo bom gosto com que trata seu adorado lar. Fez a felicidade de Maurice Chevalier esta pequena de coração de mel e alma angelica. Conversando com ella, vimos o quanto ella tem estudado, ultimamente, o inglez. Acha que deve fazer, para poder, mais tarde, auxiliar mais ainda seu marido. E disse-nos, ainda, que, se não fosse seu marido, ella continuaria dansando e continuaria os successos de sua carreira curta e bonita.

(Continúa no proximo numero)

Carlitos...

(FIM)

Disseram, em Hollywood, que, em parte, devia-se o successo que foi **A Woman of Paris**, a Monta Bell. Carlito ouviu e callou, sem commentarios...

Uma das suas mais brilhantes qualidades é a delicadeza e a tolerancia que usa contra aquelles que, com elle, nem sempre se mostraram delicados e tolerantes, tambem. Na vida, porém, a sua attitude não é tão gentil. O povo o interessa immenso, posto que, em massa, elle não o aprecie.

Durante todos os mezes que estive em sua companhia, não o vi, uma vez só, mostrar um interesse que fosse pelas bellezas da natureza. Certa occasião chamei-lhe a attenção para um notavel pôr de sol. Elle olhou com o rabo dos olhos e não me deu resposta alguma... De outra feita, conversando sobre a neblina de Londres, elle me disse que apenas queria morrer tendo-a sobre si... Ainda ahi, terminando, disseme elle que detesta casas e mais casas, telhados e mais telhados, tapando tudo.

Certa vez, tres annos depois de o ter deixado, encontrou-se elle com duas outras conhecidas figuras, num restaurante qualquer de Hollywood. Para o agradarem, com certeza, quizeram os dois **cujos** fallar mal de mim. Ao cabo do fallatorio todo, Carlito tinha o rosto serio e respondeu seccamente: — "Mas elle sabe escrever!". E a conversa ficou por ahi mesmo...

Sua intelligencia está sempre em furia. Parece que sempre está admirada de alguma coisa e sempre agitada por fortes tempestades. Qualquer forma de demonstração intellectual o agrada, immensamente. Casos de jornaes, tambem, segue-os elle com grande paixão. O caso de Leopold Loob, por exemplo, elle o accompanhou, todinho. Mostrou, depois, no caso dos anarchistas de Chicago pela condemnação dos mesmos á forca, uma grande piedade. E como os jornaes contaram que um delles havia cantado, momentos antes de morrer, lembrando-se da sua terra, a canção de **Anna Laurie**, Carlito sempre citava isto, com grande commoção. E quando citava este facto, não poucas vezes tinha a voz embargada de emoção.

Quando não estava trabalhando, isto é, metade do seu tempo, portanto, telephonava elle da sua casa em Beverly Hills e pedia que lhe fosse enviado, logo, um dos seus empregados. Um sabbado, á tarde, fui chamado e, quando voltei, disseram-me que fôra escalado para o accompanhar ao jantar, aquella tarde. Elle já se havia cançado da companhia dos dois que sempre o accompanhavam e, assim, pedia a minha companhia. Eu percebi, claramente, que elle estava terrivelmente aborrecido e, para a situação, arranjei uma sahida mais ou menos satisfactoria, isto é, humoristica, para o divertir.

Tive a fortuna de me encontrar com Lita Grey, no Studio. E sabia, perfeitamente, que se elle a visse, no restaurante, convidaria á ella para jantar comsigo e, assim, dispensava-me. Combinei tudo com ella e ella concordou, mesmo, em fazer parecer accidental a sua ida áquelle restaurante.

A's oito horas daquella noite, Chaplin e eu chegamos ao Montmartre. De repente elle parou e olhou serio para um determinado ponto. Lá, calmamente sentados, estavam os dois homens que já o haviam aborrecido o sufficiente... Sahimos. Fomos á outro restaurante. Estava repleto. O seu chauffeur japonez nos seguia com o carro. Finalmente entramos no Ambassador. Lá, por cinco horas, permanecemos na mesma mesa. Eu já me sentia exhausto de tanto tédio. Chaplin observava as bailarinas. Por fim, uma das dansarinas hespanholas começou a flirtar com elle. Meu coração começou a bater com força. Talvez ella me dispensasse se ella viesse á sua mesa... E comecei, durante uma hora, a elogiar a belleza daquella creatura. Ella ás vezes dansava e os olhos do comediante a accompanhavam. Finalmente, desesperado, disse-lhe, num impeto: "Charlie!-Porque é que voce não vae fallar com ella? Ella é tão bonita, tão graciosa!". Elle me olhou e respondeu, calmamente: "Não me sinto disposto, Jimmy... Hoje estou num dia de só ter vontade de olhar..."

Pela madrugada fomos para casa.

Lita Grey havia estado no Montmartre e havia sabido que lá estiveramos e que haviamos sahido...

Ao lado de tudo que é genial, nelle, ha, tambem, um grande senso de primeira qualidade de futilidade...

Fallou-se muito na minha ingratidão para com Chaplin, em Hollywood. Disse-se, aqui, que, quando cheguei, éra um vagabundo andarilho e que me deixei arrastar pelo desejo de ser artista de Cinema. E, depois, disseram, ainda, que éra meu habito fustigar as mãos que me alimentavam. Isto não é verdade. Os dois homens que tornaram meus dias accessiveis, em Hollywood, quando aqui cheguei, foram Paul Bern e Rupert Rughes. Até hoje elles são meus amigos intimos. Meu segundo livro, dediquei-o a Rupert Hughes. E meu ultimo a Paul Bern.

Até agóra, jamais pensei em responder ás culpas que me atiraram ás costas. Meu avô costumava dizer: **Cabeça erguida, Jimmy!** E bem por isso é que sempre ri dessa mistura de palavras mas que me dirigiram e com as quaes me mimosearam. Sempre respondi á todas essas investidas com o mais sardonico dos meus sorrisos e com a mais causticante das minhas phrases...

Charles Chaplin e eu discutimos e nos separamos por causa de um motivo que, hoje, reconheço, foi erro meu. Sou digno de pena, por isto. Mas é difficil conseguir que um Irlandez de sangue mude de idéa num instante ou num só dia, mesmo...

Muito tempo depois de nos termos separado, fui convidado para comparecer á casa de Frank Dazey, com o qual eu estava escrevendo uma peça. Quando cheguei, disse-me Madame Dazey. "Jim, sei que és um bom rapaz. Charles Chaplin vem ahi. Marion Davies me telephonou e me disse que o vae trazer comsigo. Sei que voce comprehenderá isso." Eu senti que aquillo me iria por em situação difficil. Tanto mais que os jornaes estavam cheios de questões por causa da nossa briga.

Mais tarde, Carlito chegou. Elle vinha encantador como o peccado. Jamais, em toda sua vida, foi tão attencioso e tão delicado commigo. Na presença de todos os convidados elle poz seu braço sobre meus hombros e conversou commigo mais animadamente do que nunca. Um artista sublime, como elle é. quem pode advinhar quando é ou quando não é que elle está representando? Embora geralmente cynico, eu acho, seriamente fallando, que, naquella noite, elle foi sincero. Caso contrario, foi delicado e, de qualquer geito, foi elegante o seu procedimento.

Mais tarde, juntos, atravessamos um jogo de charadas, complicadissimo. E, ainda depois, quando eu comecei a discutir um meu ponto de vista pathologico, elle de mim se approximou e começou a discutir commigo, por longo tempo, como se nada houvesse.

Depois desse encontro na casa de Dazey, apenas o vi uma vez ainda. Foi quando a peor coisa da sua vida accontecia: a sua tragedia com Lita Grey. Encontrei-o na rua, solitario, sem ninguem a nos ver. Tive o impulso de o abraçar e de lhe gritar, ainda: "Hello, Charlie!". Mas contive-me e fiquei no meu lugar, nem sei porque. Quando a sua figura se sumiu, na noite, eu tive impetos de correr atraz delle e lhe dizer que contasse commigo, em qualquer circumstancia. Não o fiz. Apenas fiquei pensando na sua afinidade com Napoleão, naquelle instante, como se tivesse soffrido a sua Waterloo, tambem e parecia-se, ainda, muito, com aquelle homem da phrase de Victor Hugo: "O poderoso somnambulo do sonho que se desfez..."

\+ + +

Os costumes de Chaplin são mais mutaveis do que Abril em Alabama. Elle me parece, mesmo, um poderoso motor de oito cylindros, com quazi todos defeituosos e sem poder funccionar. Um grande sentimento de compaixão e piedade é o seu grande caracteristico. Elle não offerece antagonismo á qualquer raça ou credo. Certa vez, fallando dos negros, elle me disse, num resto de sorriso triste: "Eu nunca me rio delles, Jim. Porque, mesmo na alegria, elles são tão tristes e tão soffredores. "Eu o admirei, naquelle momento, mais do que em qualquer outra occasião. Porque, na verdade, poucos são os homens deste mundo que seriam capazes de fazer uma tal consideração. Muito menos um artista.

Uma das qualidades de Chaplin, é a resposta rapida e esmagadora. Certa vez, encontrando-se com Elinor Glyn, ella lhe disse, entre malicosa e maldosa. "Não sei porque, Mr. Chaplin, o Sr. não parece tão engraçado quanto realmente devia ser..." E elle, promptamente, respondeu-lhe num impeto que provocou as mais terriveis risadas. "Nem a senhora! Permitta-me a ousadia..."

Uma das coisas que elle conta com mais carinho, foi de uma certa vez que foi tomar um refresco á um dos restaurantes das proximidades do lugar em que se achava em locação e, lá, serviu-o uma pequena bonitinha e que logo lhe deu conversa. Estando elle sem collarinho, barbado, dentro daquellas suas roupas quazi esfarrapadas, apenas sem bigode, Carlito mostrou-se interessado no quanto ella dizia e como se approximava a hora della deixar, elle a esperou e, depois, pedindo-lhe licença, accompanhou-a pela rua abaixo. Disse-lhe que éra empregado de uma sapataria e soube, della, que um dos irmãos que ella dizia ter, tambem éra empregado de uma sapataria... Mais adiante, começou elle a convidal-a para um **lunch**. Ella acceitou e o quiz levar á um café dos mais baratos que por ali havia. Não acceitando, elle a convidou para o **Alexandria**. Ella achou que éra um exagero e que só um **lunch** ali lhe custaria um ordenado inteiro. Mas elle disse que queria celebrar o encontro e foram. Ainda á entrada, ella fez um reparo: "E o seu collarinho?". Elle respondeu que ninguem se importaria. A' entrada, ella estranhou, logo, a maneira pela qual os empregados da casa, todos, se curvavam diante delle. E, depois, emquanto tomavam o **lunch**, mais intrigada ficou ella com os accenos que elle fazia, para todos os lados. Finalmente, entrou Norma Talmadge, tambem maquillada e em trajes de representação. Ella a apontou e disse. "Norma Talmadge!". "Quer conhecel-a?" Perguntou-lhe Carlito. E como ella se risse delle, caçoando da sua ingenuidade, elle gritou, de aonde estava: "Norma!". A pequena ficou gelada e Norma, voltando-se teve um immenso sorriso e exclamou, indo ao seu encontro. "Hello, Charlie!" E abraçaram-se. A pequena ficou sem poder fallar. Carlito apresentou-a. Norma mostrou-se carinhosa com ella. A muito custo ella perguntou se elle éra Charles Chaplin. Quando soube que éra, sahiu em disparada, chorando e nervosa e, depois disso, nunca mais Carlito a poude encontrar, fosse aonde fosse, em Hollywood toda.

E' um episodio simples mas que falla muito do genio de Carlito, facilmente emocionavel.

Certa vez, tambem, quando o seu namoro com Lita Grey andava no apogeu, ennamorou-se elle, ao mesmo tempo, de uma pequena de alta educação que elle conhecera, por intermedio meu e da mãe della, numa praia. Mas, não sei porque, não a quiz, depois de algum tempo. Discutia ella coisas profundas com elle e, ambos, em conversa, éra admiravel a maneira pela qual se entendiam. Mas Carlito, ao cabo de tudo, fugio della e tudo fez para não mais a ver. Comprehendi, mesmo, que aquillo elle fazia porque, de forma alguma, supporta uma mulher que tenha intelligencia nivelavel á sua. Pola Negri, que elle tambem amou, antes della se tornar amante de Rudolph Valentino, é a prova disso. Elle nunca mais a preseguiu, desde o instante em que percebeu que ella éra capaz de se nivelar á elle, inteiligentemente fallando...

Todo aquelle que pensar, só porque conversa com Carlito, que elle é **amigo intimo**, engana-se, redondamente. Elle, ás vezes, está nos seus **momentos** de **camaradagem** e dá, durante os mesmos, toda a attenção aos que o procuram e aos que conversam com elle. Mas dahi, para a amisade grande, vae muito.

Certa vez, um desses, disse á todos que éra, agóra, o **confessor** de Chaplin, porque, diariamente, éra recebido e, á elle, Chaplin fazia suas condidencias. O que éra mentira, sem duvida, porque o procurado éra Chaplin e elle, afinal, conversava, quando estava de bom humor e contava, mesmo, alguma coisa da sua vida ao homem. Uma vez, quando esse **confessor** o procurou, no Studio, elle mandou dizer, por um dos que ali se achavam, que não estava e que nem viria aquelle dia no Studio. Não estava, mesmo, disposto a supportar aquella creatura. Notando que éra plano delle e que elle por ali estaria, o **confessor** disse, em voz alta, malcreadamente. "Não éra para nada, não! Éra apenas para lhe dizer "Hello!". E ia sahir, quando, do alto, por uma especie de ventilador que ali havia, Carlito lhe gritou, malcreadamente, tambem, lá de cima: "Escreva isso num postal e mande e não me venha atormentar!". O **confessor** retirou-se e houve risadas em penca ali no ambiente todo...

Elle se apaixona com grande facilidade e perde as paixões com mais facilidade ainda.

Elle jamais commenta aquelles que escrevem ou fallam mal delle. E, tambem, nunca é capaz de relembrar um beneficio ou uma ajuda que haja feito á um amigo qualquer.

E' um grande apreciador de animaes, principalmente cachorros. Diz sempre ao seu chauffeur: "Arrebente o carro todo, meu amigo, mas não me arranhe um animal que seja!". O cão que figurou com elle, em **Vida de Cachorro**, teve seus dias felizes, em companhia do vigia do Studio. Elle o deixou morrer, decrepito, annos depois, dando-lhe o que de melhor possa um cachorro desejar.

Seu espirito de caridade é interessante. Elle não é geralmente e nem por natureza um homem generoso. Naturalmente, isto, por causa das muitas necessidades e aborrecimentos que soffreu, em criança. No emtanto, num impulso de sentimentalismo elle é capaz de um grande gesto generoso. Houve, mesmo, um dos homens que o auxiliara, na sua infancia, a viver uma vida um pouco melhor do que os demais infelizes que com elle viviam. Certa vez, muitos annos depois, este homem lhe escreveu, pedindo-lhe seu auxilio. Até hoje elle recebe a pensão gorda que Carlito lhe manda.

— Éra um artista!

Diz elle, singelamente, procurando justificar razoavelmente sua exagerada caridade.

Chaplin jamais fallou-me em seu pae. De sua mãe, sim, sempre fallava com amor e com grande affeição. Foi elle que fez felizes os ultimos dias de sua existencia. E elle sempre gabava as suas extraordinarias qualidades de artista.

— Digam o que disserem della, foi maior do que eu jamais conseguirei ser. Éra uma grande artista! Jamais vi creatura alguma assim. Éra bôa, para mim, ainda criança. Dava-me o que tinha e jamais cobrava, de mim, os juros do que por mim fazia... Éra melhor creatura, ainda, do que artista!

Sua mãe soffria de ataques periodicos de doidice, provenientes, sem duvida, dos grandes soffrimentos pelos quaes passára, de permeio com a miseria que sempre fôra sua pobre vida.

— Quando voltava dos seus pobres accessos, a primeira coisa que dizia, éra meu nome e o de Syd. Disto eu jamais me esquecerei!

E' o que sempre relembra Carlito, nas suas cogitações tristes.

(Termina no fim do numero)

IMPEDE A PYORRHÉA

A Pepsodent destróe a pellicula escura, impedindo assim a carie e a pyorrhéa. Durante um limitado espaço de tempo será vendida a preços muito reduzidos.

Manhattan Mary, da Paramount, será dirigido por Norman Taurog e terá Ed Wynn no principal papel. Este Ed já deu dôres de cabeça á Paramount com um film seu, ha tempos. Não irá dar outras, não?

卍

A versão hespanhola de *The Singer of Seville*, da M. G. M., com Ramon Novarro, será dirigida pelo proprio Ramon. Vamos ver o que será elle como director.

卍

Lew Ayres será o heróe de um film sobre aviação que a Universal vae fazer com Howard Haws na direcção.

卍

Gloria Swanson, ao que parece, vae assignar um contracto de longo prazo com a M. G. M. continuando como productora independente, no emtanto.

卍

Ralph Ince é o ultimo que acaba de ficar gravemente enfermo num hospital de Hollywood.

ADEUS RUGAS

3.000 DOLLARES DE PREMIOS SE ELLAS NÃO DESAPPARECEREM

A mulher em toda a edade póde se rejuvenescer e embellezar. E' facil obter-se a prova em vosso proprio rosto em pouco tempo. — Experimentae hoje mesmo o RUGOL.

Creme scientifico preparado segundo o celebre processo da famosa doutora de belleza, Mll. Dort Leguy, que alcançou o primeiro premio no Concurso Internacional de Productos de Toilette.

RUGOL opera em vosso rosto uma verdadeira transformação, vos embelleza e vos rejuvenesce ao mesmo tempo.

RUGOL differe completamente dos outros cremes, sobretudo pela sua acção sub-cutanea, sendo absorvidos pelos póros da pelle os preciosos alimentos dermicos que entram na sua composição.

RUGOL evita e previne as rugas precoces e pés de gallinha e faz desapparecer as sardas, pannos, espinhas, cravos, manchas, etc.

RUGOL não engordura a pelle. Não contém drogas nocivas. E' absolutamente inoffensivo. Até uma criança recem-nacida poderá usal-o.

RUGOL dá uma vida nova á epiderme flacida, porosa e fatigada, emprestando-lhe a apparencia real da juventude.

GARANTIA — *Mlle. Leguy pagará mil dollares a quem provar que ella não tirou completamente as suas proprias rugas com duas semanas de tratamento apenas.*

Mlle. Leguy offerece mil dollares a quem provar que ella não possue oito medalhas de ouro ganhas em diversas exposições pela sua maravilhosa descoberta.

Mlle. Leguy pagará ainda mil dollares a quem provar que os seus attestados de cura não são espontaneos e authenticos.

AVISO — *Depois desta maravilhosa descoberta innumeros imitadores têm apparecido de todas as partes do mundo. Por isso prevenimos ao publico que não accite substitutos, exigindo sempre:*

RUGOL

Mme. Hary Vigier escreve:

"Meu marido, que em sua qualidade de medico é muito descrente por toda a sorte de remedios, ficou agradavelmente surprehendido com os resultados que obtive com o uso de RUGOL e por isso tambem assigna o attestado que junto lhe envio".

Mme. Souza Valence escreve:

"Eu vivia desesperada com as malditas rugas que me afeiavam o rosto e, depois de usar muitos cremes annunciados, comecei a fazer o tratamento pelo RUGOL, obtendo a desapparição não só das rugas como das manchas, modificando a minha physionomia a ponto de provocar a curiosidade e admiração das pessôas que me conheciam".

Encontra-se nas bôas pharmacias, drogarias e perfumarias. Se V. S. não encontrar RUGOL no seu fornecedor, queira cortar o coupon abaixo e nos mandar, que immediatamente lhe remetteremos um pote.

Unicos cessionarios para a America do Sul: ALVIM & FREITAS, Rua Wenceslau Braz, 22-sob. — Caixa 1379 — SÃO PAULO

C O U P O N

Srs. Alvim & Freitas — Caixa 1379 — São Paulo.

Junto remetto-lhe um vale postal da quantia de 8$000 afim de que me seja enviado pelo correio um pote de RUGOL:

NOME .. ..

RUA .. ..

CIDADE .. ..

ESTADO .. .. (CINEARTE)

Senhora! A saude vossa
Depende, apenas, de vós.
Um descuido causa, ás vezes,
Soffrimento longo, atróz!
Na vossa intima hygiene,
Empregai (bom é saber),
Metrolina, esse antiseptico
De incalculavel poder!

Cinema Brasileiro

(Continuação)

dos depois de promptos, produzidos com todos os recursos! A M. G. M. só viu que era impossivel exhibir "A Ortain Young Man" de Ramon Navarro depois de prompto. Mary Pickford annunciou tanto, o seu film "Heart Swing" e parou na metade.

São innumeros os casos desses, tanto em Hollywood, como na França, Allemanha e principalmente na Italia que teve a sua industria em actividade. Perdeu o mercado porque os seus films não progrediam. Hoje fabricam apparelhos de filmar e de projecção, fabricam film virgem, têm a maior bibliotheca sobre leis de Cinema e não fazem nem sabem produzir films!

Nós, sem material, já temos apresentado films com real technica e principalmente conhecimento e cerebro de Cinema. Melhorando como estamos melhorando o nosso material, iremos longe. E' preciso lembrar que não era o caso de termos pouco. Não tinhamos cousa alguma! Nossa industria surgiu do nada, sem apoio official nenhum e num meio incredulo e "Inob" a respeito das possibilidades brasileiras.

Peor seria se tivessemos recursos, apparelhamentos, apoio official etc. e não soubessemos fazer Cinema. Dirão que temos tido films máos. Mas fazendo films máos ou bons é que temos aprendido e progredido. Foi preciso que Humberto Mauro fizesse "Na primavera da vida" para hoje apresentar um "Labios sem beijos"!

Nós temos feito tudo a nossa custa incluso nossos technicos. E os melhores dos nossos films são os que foram dirigidos por brasileiros.

A filmagem de "Tiradentes" em São Paulo, fracassou porque já tinham dispendido mais de cem contos com technicos estrangeiros e o film ainda não estava na metade e pessimo. Dirão que os technicos não eram de real valor.

Mas temos que por a nossa industria da proporção do nosso mercado.

Se os Estados Unidos, com distribuição sua e theatros pertencentes as proprias fabricas, vinte mil theatros espalhados por todo o paiz gastam mil contos num film, nós só podemos gastar quarenta. Mandando buscar technicos estrangeiros de real valor, elles querem ganhar o que ganham na proporção do mercado americano.

Pagando apenas a um director de segunda ordem, 10 contos por semana, um director muito barato porque Clarence Brown ganha mil seiscentos contos (dollar a oito mil réis) por film, uma producção brasileira commum, sahiria por mais de duzentos contos.

Não poderemos produzir sapatos de 200 mil réis se apenas podemos vendel-o por 50.

Este assumpto de technicos estrangeiros aindo comporta outras considerações mais detalhadas. Mas aqui já está o sufficiente para quem saiba comprehender a nossa situação.

"Cinearte" continuará sempre com a sua campanha. E sentimos orgulhosos em affirmar que muito temos feito. Não tinhamos cousa alguma!

Hoje temos boas machinas, technicos, nomes de bilheteria, maior interesse do publico, mais gente credula, publicidade e até um verdadeiro studio.

E' natural que entre muitos produ-

(Termina no proximo numero)

Milton Sills morreu!

(Continuação)

disso, se tanto gente que está brincando de fazer essa brincadeira que é Cinema falado pode falar, porque tambem não poderei eu, com a vantagem, ainda, de ganhar bons dollares?... Vamos á pandega, pois!

Pensou mais alguns segundos e, depois, continuou, firme.

— Tudo que possa fazer ruido, hoje em dia, é logo registrado pelo microphone. Não ha mais porta que se feche, apenas. Todas as portas, hoje em dia, nos films, batem com violencia. Para o som ser apanhado devidamente pelo microphone... Não ha entregador de telegrammas que não assobie e, em scenas de trafico, não existe mais aquelle silencio bem apanhado que falava tanto: todas as buzinas tocam e todas as sinetas vibram... Uma tragedia immensa!

(Termina no proximo numero)

CARLITO...

(FIM)

Uma das cousas que elle sempre contava, era da angustia que elle e Syd sentiram, quando crianças quando regressaram certa vez da escola e encontraram o quarto vazio e nem sombra de sua mãe e a unica creatura que ali havia, surda e muda, nada lhes podia dizer nem fazer suppor, sobre o local para aonde tinham levado a pobre demente. Era o maior aborrecimento de Carlito recordar estes factos. Raramente elle o fazia. E geralmente procurava esse assumpto quando mais aborrecido e nervoso se achava.

Certa vez, elle me disse: "Um grande artista, Jim, precisa de uma grande audiencia!"

Carlito é uma esplendida prosa. Sua apprehensão dos factos é muito maior do que sua applicação. Com excepção do seu trabalho, que é pouco mais do que metade de sua intuição enorme, tudo quanto sabe é pouco acima do superficial. E' mesmo um genio, considerando o relativo pouco ensino que teve, na vida.

Carlito é extremamente honesto com sua arte. Alguem o accusou, certa vez, de haver roubado uma sua idéa, para fazer um dos seus films. Elle ganhou a questão. Não a conheço em sua totalidade. Mas tenho convicção de que Chaplin não foi desleal e nem roubou cousa alguma. Elle é extremamente modesto e extremamente honesto para fazer uma cousa semelhante.

Quando eu estava para iniciar a publicação da historia da **Vida de Charles Chaplin no Pictorial Review** tive, da parte do gerente da revista, a idéa de não o fazer sem, antes, advertir, por carta, ao proprio Carlito, de que o ia fazer.

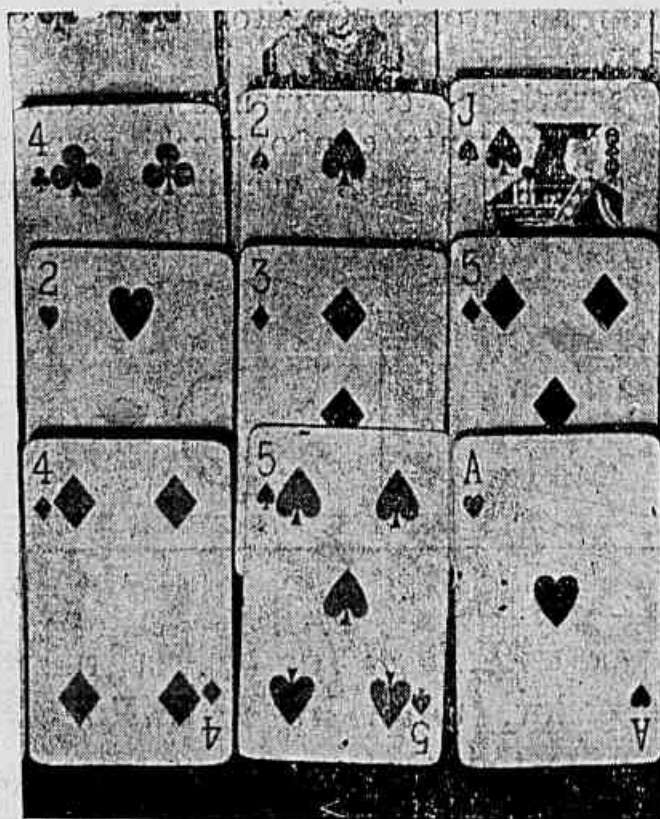
Escrevi-lhe, conformando-me com a idéa do gerente e não recebi resposta. Disse-lhe, na carta, que ia narrar sua

vida e que tudo faria para não o molestar com palavra alguma das minhas.

Extremamente optimista, como sempre, em vez de responder elle iniciou, pelo seu advogado de New York, immediatamente, uma acção contra mim e contra a empresa editora do **Pictorial Review.** O senso commum, no emtanto mandava que elle reflectisse e considerasse que eu, em absoluto, escreveria, contra elle, numa revista como aquella, lida, na maioria, por crianças e mulheres, qualquer cousa que lhe fosse offensiva ou desairosa, tanto mais sendo elle, como é, realmente, um tão grande idolo dos leitores.

Ganhei a questão, é logico. Mas a publicidade maior que elle já teve, foi aquella. E, por isso, tambem jamais recebi seu agradecimento.

Sinto-me feliz por ter conhecido Carlito e por ter com elle convivido, longo tempo. E' um ser extraordinario, com os defeitos de todas as pessoas que, geniaes, são, além disso, millionarias e cheias de vontade. Apenas.

O FUTURO ATRAVES DAS CARTAS

Sempre foi a preoccupação maxima da humanidade conhecer o porvir. As chiromantes lêem nas linhas das mãos a *buenadicha* e as cartomantes procuram no mysterio das cartas saber o que nos reserva o destino.

***Para todos...*, a elegante revista que todos conhecem e apreciam iniciou uma interessante secção de cartomancia inteiramente gratuita para os seus leitores que "deitarão as cartas" por suas proprias mãos remettendo o resultado obtido para a redacção em um pequeno mappa que a revista publica e recebendo em seguida a resposta á sua consulta com o seu futuro desvendado.**

Vejam o *Para todos...* e experimentem a sorte.

Cinearte

Propriedade da Sociedade Anonyma "O Malho"

DIRECTORES
Mario Behring e Adhemar Gonzaga.

DIRECTOR-GERENTE
Antonio A. de Souza e Silva

ASSIGNATURAS

Brasil: 1 anno, 48$; 6 mezes, 25$;— Estrangeiro: 1 anno, 78$; 6 mezes 40$000.

As assignaturas começam sempre no dia 1 do mez em que forem acceitas annual ou semestralmente.

Toda a correspondencia, como toda a remessa de dinheiro (que póde ser feita em vale postal ou carta registrada, com valor declarado), deve ser dirigida á Sociedade Anonyma O MALHO—Travessa do Ouvidor, 21. Endereço Telegraphico: O MALHO — Rio. Telephones: Gerencia: 2-0518. Escriptorio: 2-1037. Officinas: 8-6247

EM S. PAULO:

Succursal dirigida pelo Dr. Plinio Cavalcanti — Rua Senador Feijó n. 27 — 8º andar — Salas 86 e 87 — São Paulo.

Representante em Hollywood: L. S. MARINHO

OFFICINAS GRAPHICAS D'O MALHO.